

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MARIA CRISTIANE MUNHOZ FORAMIGLIO**

**EXPERIENCIAR O DIÁLOGO: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA NA  
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.**

**SOROCABA/SP  
2004**

**MARIA CRISTIANE MUNHOZ FORAMIGLIO**

**EXPERIENCIAR O DIÁLOGO: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA NA  
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa.Dra.Maria Lúcia de Amorim Soares

**SOROCABA/SP  
2004**

### Ficha Catalográfica

Foramiglio, Maria Cristiane Munhoz  
F783e Experienciar o diálogo : uma ação pedagógica na educação de jovens e adultos / Maria Cristiane Munhoz  
Foramiglio. – Sorocaba,SP, 2004.  
156 f.

Orientadora: Profª. Drª. Maria Lúcia de Amorim Soares  
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba,  
Sorocaba,SP, 2004  
Inclui bibliografias

1. Educação de jovens e adultos. 2. Educação – Filosofia. 3. Psicologia educacional. I. Soares, Maria Lúcia de Amorim, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

MARIA CRISTIANE MUNHOZ FORAMIGLIO

EXPERIENCIAR O DIÁLOGO: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA NA  
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, pela Banca Examinadora formada pelos seguintes Professores:

  
1º Exam.: Prof.Dr.Fernando Casadei Salles



2º Exam.: Prof.Dr.Marcos Antonio dos Santos Reigota

Nota:

SOROCABA, 06 DE ABRIL DE 2004

## AGRADECIMENTOS

À meu pai Rubens, circunstância do meu eu, que mesmo não estando mais entre nós, não me deixou esmorecer.

À meu marido Celso Foramiglio, que comigo riu e chorou, vibrou e apagou, amou e odiou ao digitar cada parágrafo deste trabalho.

Aos meus filhos Vivian e Antonio Vitor.

À minha mãe Marina e às minhas irmãs Eliane e Viviane e cunhado Hélio pelo incentivo nos momentos difíceis.

À minha amiga Neusa Kasuko Mori, por compartilhar todos as vitórias, inseguranças e ansiedades do projeto na comunidade da Vila Helena.

Aos meus amigos, Aparecido, Leila, Bel, Lindalva, Carla, Janaína, Monisa, Camila, Cristiane, Ana Flávia da Graduação em Pedagogia, por estarem envolvidos na construção deste trabalho.

À minha querida orientadora Profa.Dra.Maria Lúcia de Amorim Soares que me adotou no percurso deste trabalho.

O aprendizado da vida deve dar consciência de que " a verdadeira vida", para usar a expressão de Rimbaud, não está nas necessidades utilitárias – as quais ninguém consegue escapar - , mas na plenitude de si e na qualidade poética da existência, porque viver exige, de cada um, lucidez e compreensão ao mesmo tempo, e, mais amplamente, a mobilização de todas as aptidões humanas.

Edgar Morin

## RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo indicar alguns pontos que revelam a importância de se experienciar o diálogo com os alunos na Educação de Jovens Adultos-EJA, para a construção do conhecimento.

Enquanto professora e pesquisadora da própria prática, analisei como a ação pedagógica do diálogo pode levar os alunos da EJA à uma transformação pessoal. Os alicerces do diálogo referido encontram o cerne na proposta social e política do filósofo Martin Buber, que entende o homem como um ser essencialmente relacional.

Os resultados alcançados através da pesquisa em questão permitem dizer que as relações inter-humanas criam intercâmbio social na sala de aula, favorecendo uma comunicação perfeita entre os participantes de um diálogo autêntico. A franqueza de pensamentos desperta assim a chave que abre o auto conhecimento, através das expectativas gerais dos alunos com relação ao estudo; da interação das relações inter-humanas em sala de aula; da reflexão sobre os valores sociais no grupo e do despertar do olhar crítico.

Todo o proposto vai ao encontro de Buber quando afirma que o homem necessita viver no mundo do tu e não no mundo do isso. Ao viver no mundo do isso o homem deixa de ser Homem. E através da educação escolar, via EJA, que jovens e adultos podem chegar a compreensão do homem como um ser-com-o-outro, e chegar à idéia de comunidade como a estrutura sócio-política que melhor permite ao homem realizar a sua natureza relacional.

## ABSTRACT

The present essay has the objective to indicate some points, which reveal the importance of experiencing the dialog with the students in the Education of Yongs and Adults aiming the knowledge's construction.

Nevertheless, as a teacher and a researcher of my own practice, I studied how the pedagogic action of the dialog can conduct the students of the Education of Yongs and Adults to a personal transformation.

The frames os the dialog mentioned meet the heart in the social and political proposal of the philosopher Martin Buber, whom understand the mankind as an essentially relational being.

The results acquired basead on the present research allow us to conclude that the inter-human relationship creates a social interchange in the classroom, favoring a perfect communication with the participants of an authentic dialog. The thought's sincerity turned the key that opens the door to the enlightenment, through the expectance of the students in relation with the studies; from the interaction of the inter-human relationship in the classroom; from the reflection of personal values in the group, and from the wakening moment.

The whole proposal confronts with Buber, when he affirms that the man needs to live in the world of "You" and not in the world of "This" . While living in the world of "this" the man stops to be part of the humankind.

It is with scholar education, through the Education of Yongs and Adults, that they can achieve the comprehension of the mankind as a being with another, and reach the idea of community as a socio-political structure, which better allows themankind to accomplish its own relational nature.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>BREVE EXPOSIÇÃO BIOGRÁFICA DA PROFESSORA</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1 – CONVERSANDO E REFLETINDO COM OS PENSADORES. TRAZENDO OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b>	<b>23</b>
1.1 A essência relacional do Homem – O caminho para viver em comunidade	25
1.2 Diálogo e dialógico	32
1.2.1 Diálogo competente	37
1.2.2 O reaprender a dialogar em Buber	40
1.3 Contribuições de Georges Gusdorf	44
1.3.1 Professores para que ?	50
1.4 Pedagogia crítica	56
1.5 O pensamento complexo do intelectual transformador	62
1.5.1 Idéia cidadã	65
1.5.2 Um novo olhar	67
1.6 Metodologia de pesquisa	71
1.6.1 Sujeitos da pesquisa	71
1.6.2 Procedimento da coleta de pesquisa	75
1.6.3 Convivência com o grupo de pesquisa	78
1.6.4 Os registros dos depoimentos – duas fases	81
1.6.5 Procedimento para a análise e interpretação dos diálogos nos relatórios	83
<b>CAPÍTULO 2 – ILUSÃO OU MITO ?</b>	<b>87</b>
2.1 A pesquisa – ação, a revolução intelectual	92
<b>CAPÍTULO 3 – É NA PRÁTICA QUE SE CONSTRÓI O CONHECIMENTO</b>	<b>95</b>
3.1 A primeira fase da pesquisa – expectativas gerais	97
3.2 Verificando as relações inter – humanas	104
3.3 Novas reflexões: recontextualizando valores sociais	114
3.4 Um olhar mais crítico	130

<b>CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>149</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>152</b>

## INTRODUÇÃO

Em minha experiência como educadora de Jovens e Adultos e como aluna na Graduação em Pedagogia, pretendo explicitar uma proposta de mudança na postura na ação docente. Com a elaboração desta proposta, pretendo convidar aos professores a estarem sempre buscando através das teorias educacionais, explicar e refletir sua própria prática.

Paulo Freire, chamaria a este ato, de “professor reflexivo”, tentativa de criarmos um espaço de resistência, de crédito em valorizar a nossa carreira profissional como educadores.

Como aluna na Graduação em Pedagogia, comecei a perceber as muitas inquietações que ocorriam entre as colegas do curso que buscavam compreender a conexão entre teoria e prática. Neste mesmo processo, comecei a questionar se a minha própria prática no EJA<sup>1</sup>, poderia ser conectada com as teorias estudadas no referido curso.

Estas questões iniciais levaram-me à um campo fértil de pesquisa, a prática educacional na sala de aula com o olhar voltado ao estudo teórico desenvolvido no Curso de Mestrado em Educação. Foi assim que estabeleci o objetivo de minha pesquisa que é experienciar se o diálogo em sala de aula através da pesquisa ação ( professor refletindo sobre a sua própria prática ) pode provocar a transformação pessoal de meus alunos do EJA.

---

<sup>1</sup>. Educação de Joves e Adultos.

Como já me referi, o campo fértil de pesquisa, ainda não suficientemente estudado, no qual desenvolveria os estudos de mestrado, fortaleceu as minhas expectativas em buscar novas teorias educacionais que me respondessem a prática no EJA.

Para compreender a produção literária existente em torno da EJA no Brasil, elegi como ponto de partida, algumas reflexões, em especial Paulo Freire, que já há muito tempo conhecia, estaria neste momento, sendo melhor interpretado. O filósofo Alvaro Vieira Pinto, até então desconhecido, conseguiu ao meu ver, definir a educação com um olhar diferenciado despertando um novo pensar.

Sentia a necessidade de reconsiderar o papel que habitualmente atribuía a aprendizagem escolar tanto no curso de formação de professores em que estava inserida, quanto na aprendizagem que vislumbrava na EJA. Vanilda Paiva, analisando criticamente o papel da Educação Popular dentro da história educativa brasileira, salienta: “ *a importância política que adquiriu nos últimos sessenta anos*” ( Paiva, 1986: 299 ) este tipo de educação.

*“...a educação de adultos contribuiria de muitas formas, melhorando o nível de instrução do homem comum, permeabilizando as populações às pressões modernizadoras dos poderes públicos, habilitando-as a produzirem mais e melhor, constituindo-se, pelos seus feitos, em atividade de fortalecimento da defesa nacional ” ( Beisiegel, 1992:14 )*

Aumentou assim o leque de soluções para que a implementação da EJA fosse organizada de objetivos políticos imediatos. Outros autores compartilham com ele estas mesmas idéias. Esta situação se apresenta no momento que nos encontramos em que se pensa no fortalecimento e sofisticação das técnicas educativas. Começa-se a buscar atualmente nas novas tendências, em âmbito

nacional e internacional, nas obras de pensadores reconhecidos e de autores consagrados na área educacional e finalmente nas bases informatizadas que acessam o acervo de pesquisas recentes.

Já as pesquisas educacionais do filósofo suíço Pierre Furter no Brasil, pesquisas essas relacionadas ao campo do analfabetismo e da cultura popular, trouxeram importantes contribuições teóricas para esta pesquisa.

A seleção de fontes de pesquisa da EJA não limitou-se apenas a estes pensadores, pois se houvesse ocorrido isto, não estaria tão motivada em prosseguir nesta pesquisa abordando novo fenômeno no futuro. A busca de dados da EJA em âmbito internacional, revelou publicações, que traziam em sua essência, idéias de " nosso pensador " Paulo Freire. Realmente, quando se fala em alfabetização de adultos, o nome transcende nossas fronteiras é o deste filósofo. Depois disto, na fase de delimitação do objeto de estudo e de elaboração do projeto de pesquisa, uma primeira tentativa de organização de dados sobre a prática na EJA, mostrou-se ainda insuficientemente delimitado devido a extensão do objeto de pesquisa que não permitia um melhor aprofundamento.

A segunda tentativa restringiu-se ao objeto de estudo que requer novas reflexões no campo de ação antropológico-filosófico e da sociologia nas relações humanas que estão presentes neste trabalho e são essenciais à pesquisa.

O campo filosófico, em termos de uma abordagem compreensiva, do fenômeno diálogo e dialógico, o estudo foi orientado pela filosofia social e política de Martin Buber, enquanto a relação educando e educador foi Georges Gusdorf, quem respondeu a muitas inquietações deste trabalho.

Com a caracterização do contexto do desenvolvimento e da orientação para o trabalho, surgiram novos aspectos da pesquisa que necessitariam de

argumentos mais específicos, o que fez estender a investigação a outra área de conhecimento em que o objeto de pesquisa se apoia, esta área foi a Sociologia, em busca de informações mais consistentes para um esboço dessas questões.

A postura crítica do professor na visão de Giroux poderá responder as inquietações do professor em sala de aula e o tratamento do conhecimento segundo a argumentação e interpretação complexa de Edgard Morin complementarà esse quadro. A restrição da reflexão teórica do objeto de pesquisa se posicionou nestes pensadores acima referendados e que estarão no primeiro capítulo deste trabalho sendo melhor analisados enquanto a produção existente em torno da EJA será apenas ponto de apoio no breve relato sobre a EJA como política educacional.

A análise realizada visou apenas identificar as categorias temáticas abordadas quanto ao aspecto principal do fenômeno estudado. A interpretação final dos dados destacados nos diálogos serão analisados segundo a orientação dos pressupostos teóricos delimitados no objeto de pesquisa. A exposição do texto segue basicamente a mesma sequência da investigação:

O primeiro capítulo será então o de analisar os aspectos teóricos conceituando o trabalho e a metodologia empregada para a ação pois o escopo deste estudo é a busca de respostas às perguntas seguintes:

- 1) É possível, através do diálogo e dialógico na EJA causar transformações pessoais nos alunos ?
- 2) Como verificar se estas transformações afetam a realidade vivenciada pelos alunos ?
- 3) Será interessante observar e analisar o caminho de construção do conhecimento entre teoria e prática e se isto causará uma mudança na postura da ação docente .

O segundo capítulo trata de alguns aspectos das políticas referentes à educação popular no Brasil e procura demonstrar o que precisamos evidenciar para o EJA devido ao momento de amplitude, complexidade e importância social em que ela está inserida nos dias atuais.

O terceiro capítulo será delineado e explicitado mediante investigação qualitativa em sala de aula: observando, diagnosticando, sistematizando as informações e compartilhando estes elementos com o marco teórico. O registro do conteúdo da pesquisa, espero que permita compreender os significados das relações estabelecidas pelo diálogo e dialógico. Procura-se destacar dimensões das questões a serem tratadas como dados resultantes da análise.

Por fim, nas considerações finais, serão retomados alguns aspectos do caminho de investigação e apresentados os resultados mais relevantes da pesquisa, fornecendo referenciais às mudanças no modo de pensar do educando e do educador.

## BREVE EXPOSIÇÃO BIOGRÁFICA DA PROFESSORA

As circunstâncias do meu eu...

"Eu pretendo nunca ser um problema, quero sempre ser a solução".

As circunstâncias do meu eu estão sendo construídas mas, durante trinta e nove anos de minha existência, convivendo com um homem, meu pai, que fez destas palavras, ação, aprendi muito. Um homem que sempre trouxe a solução para a vida de todos e que puderam compartilhar com ele a alegria em viver. Portanto, é uma circunstância essencial do meu eu.

E foi para solucionar alguns questionamentos de minha prática profissional como professora de Educação de Jovens e Adultos que voltei à Universidade. Três foram as idéias que nortearam minha vida profissional: ousar, aceitar desafios e ter por objetivos educacionais, idéias tidas por muitos educadores como utópicas.

Ousar, por ter aos vinte e um anos me formado Bacharel em Ciências Jurídicas com aprovação no exame da Ordem dos Advogados e engavetar o diploma, aceitando o desafio de continuar lecionando em uma pré escola por mais de treze anos e pelo simples prazer de ensinar.

Hoje, analisando, criticamente, esta situação, penso que o que me afastou do exercício na área do Direito, foi que nesta época, o que mais importava era a teoria e muito pouco ou quase nada se sabia da prática. Quando saí da faculdade com esta visão, percebi o imenso abismo que construí entre a teoria, prática e ação. Prática e ação em minha visão, são diferentes; a prática pode se tornar mecânica se não houver uma ação reflexiva.

Ousei, em 1992, quando aceitei trabalhar na Prefeitura Municipal de Sorocaba na Educação de Jovens e Adultos em um programa denominado Alfa Vida <sup>2</sup> e sem experiência profissional nessa área, acolhi o desafio em transformar estes alunos em indivíduos críticos. Desafio estabelecido pela educadora Maria Inêz Pannunzio e pela então Secretária da Educação, Dulcina Guimarães Rolim que naquela época já defendia educar jovens e adultos para viverem em uma sociedade como cidadão.

Houve época na cidade de Sorocaba em que não se pensava que haveria tantos analfabetos e pessoas que não concluíram a quarta série do Ensino Fundamental. Vale ressaltar aqui, trabalhar no Ensino Fundamental Supletivo de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries, mudando uma concepção de professora tradicional para uma postura reflexiva de minha própria prática, este processo transformou-se em uma revolução particular em minha vida.

Dentro deste contexto, em 1998, enquanto aluna do Mestrado da Uniso, envovi-me no Programa 100 Analfabetos da Universidade de Sorocaba, Programa de Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental que atende os alunos nos bairros periféricos da cidade de Sorocaba e Região.

Este Programa é resultado da parceria Uniso com a Arquidiocese de Sorocaba na Campanha da Fraternidade de 1998, tendo com tema: Educação e Fraternidade.

---

<sup>2</sup>. Em 1989, a Prefeitura Municipal de Sorocaba, implantou o Projeto Piloto de Alfabetização de Jovens e Adultos que a partir de 1990, deixou de ser piloto ao consolidar-se como um Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos.

Nesta oportunidade, encontrei o campo de pesquisa necessário para desenvolver o tema de minha dissertação com autonomia suficiente isto é, sem compromissos ideológicos a não ser com o meu próprio conjunto de idéias que foi sendo construído na conexão entre a prática e a teoria. Assim, começou a busca do local na periferia da cidade em que pudesse organizar e desenvolver a pesquisa.

Acabei, nesta oportunidade, voltando ao bairro aonde iniciei esta caminhada na educação de jovens e adultos, pois tinha absoluta certeza de ser bem recebida pelos ex-alunos que atualmente fazem parte de um grupo comunitário. Esta certeza vinha de minha convivência com eles por durante cinco anos. Seria este o local ideal, segundo a minha visão, para levantar dados, fazer um diagnóstico e organizar um espaço de conhecimento compartilhado por alunos e professor através do diálogo em que, como pesquisadora, possa interpretar devidamente a experiência vivenciada. *"Nestes espaços novas posições da cultura acadêmica vão sendo reinterpretados e incorporados aos esquemas de pensamento experiencial prévio do próprio aluno..."* (Sacristan, 1998:62 )

Quando iniciei minha prática na educação de jovens e adultos, me sentia insegura por atravessar um período desgastante. Desgastante, porque se operava uma transformação em minha vida após trabalhar 13 anos com a educação infantil, estaria, neste momento, sentindo uma grande responsabilidade diferente da anterior que era com crianças. Tinha pela frente na época, uma sala de aula com 45 alunos na qual a diversidade entre as pessoas era intensa. Começava pelo fato de serem alunos em diferentes graus de aprendizagem; desde alunos analfabetos

até em nível de 3ª e 4ª séries do ensino fundamental. Somando-se a isto, eram alunos de diferentes faixas etárias, idades entre 14 a 64 anos.

Mostra-se aqui a razão de minha insegurança mas ao mesmo tempo, este desafio, provocava em minha mente, o processamento de novas idéias, pautadas na época na teoria de Paulo Freire e nos fragmentos das idéias referentes ao construtivismo.

O papel pioneiro da educadora Maria Inez Pannunzio em 1992, foi o de ter a preocupação em promover um curso cuja duração foi de 4 semanas e intitulado: Preparando Profissionais para Alfabetização de Adultos – Prefeitura Municipal de Sorocaba. Curso específico para que as professoras atuantes no Programa Alfa Vida pudessem estar sempre refletindo sobre sua prática.

A partir daqueles momentos vivenciados no curso, adquiri o hábito de olhar a minha própria prática através de relatórios realizados ao final de cada aula ministrada na turma de educação em que estavam jovens e adultos.

Os relatórios eram o instrumento usado para refletir sobre a prática; planejava cuidadosamente as aulas e ao final descrevia todos os fatos ocorridos e quais eram as preocupações por não alcançar os objetivos planejados, os questionamentos e respostas, opiniões e dificuldades dos alunos. Foi assim que aprendi a dialogar com meus alunos.

Comecei a perceber nos relatos algo mais que uma simples descrição; percebi com isto o poder de detectar os problemas e as falhas no desenrolar do diálogo. Tentar resolver estas dificuldades nas aulas seguintes era sempre o meu objetivo mas muitas foram as vezes que não consegui encontrar respostas. Buscando refletir, encontrei o apoio em Alvaro Vieira Pinto.

*“O professor deve praticar a organização crítica de sua aula em todos os aspectos. Por conseguinte, precisa buscar os fundamentos para cada coisa que faz e também respostas para todas as objeções. É uma justificativa, um ato e buscar os fundamentos continuamente, do seu fazer...” (Pinto.1991:24 e 25)*

Foi assim que percebi a necessidade da teoria com a finalidade de me responder as dificuldades encontradas na prática. Diante deste fato, nesta trajetória, acabei caminhando de volta à Universidade. Comecei no Curso de Especialização em Psicopedagogia para conseguir responder as dúvidas acumuladas no processo de alfabetizar os alunos mais velhos.

Naquele momento, procurava compreender certas dificuldades na aprendizagem de algumas senhoras cujas memórias já não mais correspondiam plenamente, enquanto a maioria dos alunos avançavam rapidamente. O processo de aprendizagem destas senhoras, posso dizer, era mais lento.

No Curso de Psicopedagogia, não consegui satisfazer as minhas ansiedades em resolver as dificuldades encontradas em sala de aula; sei bem, ser isto realmente impossível mas os horizontes se abriram e comecei a sentir prazer em buscar conhecimento. As dificuldades das velhas senhoras foram respondidas ou melhor, compreendidas. Muitas vezes em sala de aula, o aprender ler e escrever não era apenas o único objetivo.

Descobri neste fato, uma maneira destas senhoras sentirem-se úteis, se assim posso me expressar, pois ao conviverem socialmente como alunas, suas opiniões, carregadas de vivência, eram respeitadas e tinham grande valor perante os colegas de turma. Proveniente disto, a auto estima destas senhoras, elevava-se e a aprendizagem era facilitada com a ajuda de seus pares embora lenta mas significativa.

A experiência na Prefeitura Municipal como educadora de Jovens e Adultos, findou-se em 1997 quando um novo prefeito assumiu a Administração Municipal. Por uma mera dificuldade administrativa, naquele ano, sessenta professoras atuantes desde o princípio no Programa Alfa Vida, foram dispensadas sem justa causa.

Este é um fato que ilustra o que penso ser a ilusão do não investimento público na EJA e que pretendo expor logo a seguir na Educação de Jovens e Adultos: como foi fácil desestruturar, pedagogicamente, naquele ano, um trabalho que poderia vir a ser um ponto de referência na Educação de Jovens e Adultos pelo simples fato deste curso ter características peculiares como por exemplo: serem as mesmas professoras durante seis anos, atuando no Programa e se reunindo duas vezes na semana para discutirem como melhor trabalhar com jovens e adultos, longe de ser um trabalho assistencialista. Era um trabalho que oferecia aos seus alunos a oportunidade de prosseguir os seus estudos na escola formal.

A consciência em construir conhecimentos que pudessem melhorar a prática, não foram todos os professores que acreditaram nesta oportunidade, principalmente depois que Maria Inez nos deixou mas aquelas professoras que tinham por objetivo conhecer e acreditar na teoria e prática, voltaram aos estudos frequentando hoje a Universidade.

Consegui construir uma bagagem de conhecimento referente a este tipo de educação e hoje penso ser o que de melhor poderia ter acontecido pois foram os melhores anos vivenciados nesta ilusão. Como já referido, o prazer em buscar o conhecimento, tanto na época de minha prática profissional como no Curso de Especialização em Psicopedagogia, me levaram à Graduação em Pedagogia e com novas leituras, novo compartilhar de idéias entre os colegas, consegui levantar inquietações.

Descobre-se que explicar a prática apoiada na teoria, só depende da busca pessoal de cada professor. Um senso crítico mais exigente, levado por uma inspiração ingênua se constitui e desperta o senso em julgar qual o valor do diálogo, visando o dialógico na educação de jovens e adultos.

*"Há assim duas posições opostas, ambas fruto do mesmo tipo de consciência individual, aquele que chamamos ingênuo, aquele que não reflete sobre seus fundamentos objetivos, os condicionamentos das proposições que profere, as quais, portanto, são, na verdade, um puro destilado cerebral, quase sempre obtido por via de imaginação literária. Ambas posições opostas, das quais procedem concepções relativas à essência, métodos e fins de pesquisa científica, são características da consciência ingênua: de um lado a prática sem a teoria justa, de outro, a teoria sem a prática indispensável" ( Pinto, 1969:6 e 7 )*

A partir do exposto, fica claro que o reflexo de uma prática crítica pode afastar a idéia que muitas alunas, colegas na Graduação em Pedagogia, constroem devido a leituras acadêmicas realizadas durante o curso. A idéia manifestada sempre após estas leituras é a de que a teoria é uma e a prática bem outra.

Talvez estas mesmas leituras realizadas estejam impregnadas por reflexões obtidas somente via imaginação literária sem que a prática tenha sido vivenciada realmente. A preocupação nesta pesquisa é procurar interpretar a experiência do diálogo e dialógico na educação de jovens e adultos a luz das teorias.

*"A teoria, no sentido mais geral é crucial para quase todas as etapas do pensamento, não apenas porque nos ajuda a ordenar e selecionar dados mas*

*também porque nos fornece os instrumentos conceituais com os quais questionam os próprios dados" ( Giroux, 1997:82 e 83 )*

Serão os fatos desta experiência do diálogo e dialógico estruturados teoricamente que poderão produzir conhecimento. Conhecimento necessário para refletir como acontece a conexão entre teoria e prática e se realmente isto acontece. Se isto é possível, devido ao grande grau de subjetividade nesta reflexão, somente a tarefa como educadora que deseja transformar a sua prática pedagógica pela vivência dialógica crítica, poderá responder se é possível uma transformação pessoal de seus alunos.

Expor as circunstâncias do meu eu...construídos intelectualmente em minha vida profissional, fez com que me apropriasse de idéias cujos pensadores contribuem no processo educacional. Sendo portanto, que se algumas idéias desse trabalho parecerem familiar, isto foi devido ao meu exercício antropofágico intelectual, como também Ruben Alves defendeu e me ensinou a digerir muitos pensadores, fazendo assim uma conexão com as circunstâncias do meu eu...

## CAPÍTULO 1 - CONVERSANDO E REFLETINDO COM OS PENSADORES – TRAÇANDO OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA.

"Para estas reflexões, espero duas espécies de leitores: o *amicus*, que conhece a realidade para a qual aponto com o dedo indicador...e o *hostis ou adversarius*, que nega esta realidade e que portanto me combate, porque eu a aponto ( a seu ver de uma forma enganadora ) como sendo uma realidade". ( Buber )

O objetivo deste capítulo é explicitar os fundamentos teóricos do objeto de pesquisa e demonstrar a execução metodológica do estudo.

O que se discute em Fóruns e Seminários Educacionais atualmente, é a construção e dimensão de um conceito ampliado de educação de jovens e adultos, visão defendida pela RAAB<sup>3</sup>. A importância atribuída a essa abordagem da RAAB, é sem dúvida despertada pelos muitos pensadores tais como: Freire, Gadotti, Pinto, Beisiegel, Berger, Bicudo, Brandão, Garcia, Adade, Kleiman, Paiva, Marsagão como também por aqueles inúmeros autores referendados na bibliografia deste trabalho.

A reflexão sobre estas leituras revelam as importantes contribuições para o estudo da educação de jovens e adultos e conseguem iluminar plenamente o caminho da construção de conhecimentos referentes ao EJA que pesquisadores no mestrado e doutorado realizam.

---

<sup>3</sup>. Rede de Apoio Alfabetizadora do Brasil

A educação de jovens e adultos merece estes novos modelos de defesa que pretendem adequar a importância política e social da mesma nas constantes transformações verificadas atualmente na educação. Este é um trabalho de pesquisa-ação na EJA e gostaria de participar desta busca em defesa de um espaço mais amplo para este tipo de educação. Esta luta se faz presente e necessária se observar o lastro de uma política que restringe as possibilidades de universalização da educação pública. Esta afirmação é fruto da condensação do conteúdo da tese de doutoramento de Silva.

Esta dissertação desvela a influência toda poderosa do Banco Mundial nos rumos das políticas públicas da educação no Brasil nos últimos cinquenta anos. *"A insistência afirmativa do direito e educação reduzido apenas ao ensino fundamental...e omissão à educação de jovens adultos a 19 milhões de analfabetos e à educação especial"* ( Monlevade e Silva, 2000 : 111 )

Passo neste momento a tratar das abordagens teóricas da EJA, aquelas relacionadas à pesquisa realizada. O contexto em que a pesquisa se desenvolveu, mostra a reflexão sobre a prática do diálogo na EJA suplência I em nível de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental. Estes pressupostos teóricos poderão instrumentalizar a composição interpretativa da pesquisa para ir além da simples descrição do fenômeno que estudei.

## 1.1 A ESSÊNCIA RELACIONAL DO HOMEM – O CAMINHO PARA VIVER EM COMUNIDADE.

Para incluir neste trabalho a noção buberiana do diálogo e dialógico, faz-se necessário entender previamente as bases de sua antropologia filosófica que compreende o homem como um ser em sua essência relacional. Para se conhecer o homem verdadeiramente, não se pode partir do entendimento de que o ser humano é um indivíduo, vendo-o apenas em relação a si mesmo.

Buber, parte da idéia de que somente quando o homem se abre as relações que surgem as possibilidades concretas de conhecê-lo e quem sabe renovar os seus pensamentos. A antropologia filosófica esclarecedora de Buber me fez compreender a importância do diálogo entre os meus alunos para que estes possam fazer a renovação de seus pensamentos.

Tentando conhecer melhor os pensamentos deste filósofo, percebi em seu perfil ser ele um homem de ação.

Marcelo Dascal, tendo realizado um trabalho sobre Buber, afirma que o filósofo jamais duvidou de sua idéia sobre a paz entre judeus e árabes, o que lhe valeu em 1959, a sua indicação como candidato ao Prêmio Nobel da Paz, em minha visão demonstra assim a sua ética para consigo mesmo, fazendo de seus pensamentos não só pensamentos mas palavras, atos e ação. A atitude demonstrada por Buber, vem de encontro a idéia de que devo ser o que eu penso de valores positivos.

*“...aquele que conseguiu situar-se na própria vida, aquele que aprendeu a falar a linguagem da ação, festejará sorridente sua libertação da regidez*

*escravizante do pensamento e após longo afastamento a reunificação de suas forças na unidade da vida” ( Buber, 1987:34)*

A relação pensamento-ação, se é possível, foi o fator que me levou a aproximar e conhecer melhor as idéias deste filósofo preocupado com a relações humanas das quais se ocupa na obra *Eu e Tu*.

Segundo Buber, diante do mundo e diante do ser, o homem toma duas atitudes básicas que ele chama eu-tu e eu-isso. A primeira é a atitude do encontro entre dois parceiros caracterizada pela reciprocidade e confirmação mútua.

*“ Relação é reciprocidade. Meu Tu atua sobre mim como eu atuo sobre ele. Nossos alunos nos formam, nossas obras nos edificam “ ( Buber, 1987: 18 )*

Esta é uma atitude ontológica na visão buberiana. A segunda atitude se caracteriza pela experiência e utilização, eu - isso, (utilizáveis) é uma atitude cognocitiva, causada pela incapacidade de entrar em relação, a vontade arbitrária e a crença na individualidade. O isso é inteiramente subjetivo e ausente da relação recíproca, é tipicamente relação sujeito/objeto, ele não conhece o outro a não ser como uma soma de propriedades que podem vir a lhe ser útil, com o intuito de tirar o melhor proveito desta pessoa.

Buber define o amor como a responsabilidade de um eu para com um tu. Como dizer tu envolve a totalidade do ser, recusar a totalidade do ser é recusar dizer tu. O ódio só permite ver uma parte do ser. Se o homem vê todo o ser e ainda odeia e deixa de estar em relação, transforma em eu isso ( coisa ). O dizer isso a alguma coisa exige que o eu se distancie e separe-se do objeto. É a relação com o tu que permite ao homem descobrir-se como eu.

É inevitável viver sem o isso, mas viver somente no nível do isso é deixar de ser homem, pois é a relação com o tu que permite ao homem descobrir-se como eu.

Todos estes tu que foram mudados em isso, têm de voltar de novo à presença desde que o homem desenvolva as atitudes de libertar, olhar e aceitar nas relações com os objetos. Analisando estas reflexões, pode-se tirar a seguinte idéia: *“ O curar como o educar não é possível, senão aquele que vive no face a face, sem contudo deixar-se absorver...” ( Buber, 1977 : 152 )*

A relação eu-tu autêntica na relação educador-educando deve estar baseada no fundamento de que o professor conheça as melhores possibilidades existenciais de seus alunos, aprendê-lo segundo Buber, como uma pessoa bem determinada em sua potencialidade e atualidade. Com esta observação, Buber não quer dizer ver neste aluno uma simples soma de qualidade, tendências e obstáculos, ele deve compreendê-lo como uma totalidade e afirmá-lo nesta sua totalidade.

Isto só se torna possível, no entanto, se na relação em que ele se encontra com seu parceiro em uma situação bipolar possa sua influência ter unidade e sentido. Existe dois tipos de relações inter-humanas como já vimos e elas se estabelecem em nossa sociedade.

A primeira, baseada em fundamentos políticos: aquela que não passou pela revolução do pensamento comunitário ( Eu-Isto ) e portanto uma relação de dominação, poder de formas institucionalizadas e a segunda forma (Eu-Tu) justificada pelo fundamento social relacional que é a “união entre seus semelhantes”. Esta relação inter-humana provoca um grande número de fenômenos sociais como por exemplo: a solidariedade, a ajuda mútua e a

realização de empreendimentos em conjunto entre outras realizações tidas como fenômenos sociais.

Talvez aqui possa encontrar a resposta para a seguinte pergunta: Por que estes fenômenos sociais não podem ocorrer com maior frequência e forma mais natural? Buber nos responde: *"Na realidade, nós que passamos pela era do individualismo, pela separação da pessoa de sua interdependência natural, não podemos mais voltar em comunidade..."* ( Buber, 1987: 52 ). Voltar em comunidade, como seria isto na visão buberiana?

*"Sem dúvida, não podemos voltar a uma etapa anterior à sociedade mecanizada, mas podemos ir além dela para uma nova organicidade. Não podemos reconstruir o crescimento primitivo, mas podemos preparar o caminho de uma nova organização social em que o princípio a partir do qual tal crescimento surgiu e retorna a atividade consciente. A comunidade e a sociedade são ambas expressões e desenvolvimento de tipos de vontade.... Nossa vida comunitária não é mais um "viver-um-no-outro" primitivo mas um "viver-ao-lado-do-outro" ajustado"* ( Buber, 1987: 52 e 53 )

Uma nova organicidade social baseada em fundamentos sociais na verdadeira vida em comum dos homens, poderia com isto instaurar células comunitárias que tomariam decisões referentes ao bairro em que estão residindo libertos do egocentrismo gerado pela era do individualismo que atravessamos. Com certeza, esta idéia dependeria de homens maduros sustentados pelo encontro do eu-tu isto é, capazes de serem companheiros e, se houvesse nesta união autêntica a soma ao signo do trabalho, poderia produzir um sistema de cooperativas que se dedicaria a uma obra comum em benefício de todos.

Neste ponto de reflexão sobre Buber, foi que consegui visualizar algo trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos. Pude observar a importância de fazer destes pensamentos a ação de despertar nos alunos uma relação inter-humana baseada na reciprocidade tal como concebida por Buber e com isto quero dizer que atravessei um período em que se apresentava em minha sala de aula, pessoas envolvidas em relações inter-humanas desgastadas pois o tu tornou-se isso além de estarem desempregadas necessitando de uma orientação para emprego ou até mesmo com o objetivo de acrescentarem em seus currículos, um grau a mais de ensino. Isto nos causa certa descrença nestes objetivos individuais. Para poder pensar em contornar esta situação é necessário encontrar alguma luz nos pensamentos comunitários baseados nas relações humanas de Buber.

Surge uma questão que atormenta a muitos pensadores: seria a educação a responsável pela reorganização das relações humanas ? Buber me leva a refletir: *"...onde começar ? Aqui também podemos somente apresentar sugestões. Antes de tudo, convém iniciar pela relação do homem individual com as realidades comunitárias, a saber, com aquelas de tipo institucional, organizacional que ainda existem, embora tenham todos entrado em crise. Quero dar alguns exemplos. Não encontro absolutamente, na juventude atual uma relação positiva para com estas realidades comunitárias: em primeiro lugar para com a comunidade familiar, em segundo lugar com a comunidade do trabalho e finalmente com a comunidade da vila. Estão todas em declínio, estão em meio a uma crise decisiva mas que leva em seu caráter de uma possível regeneração"* (Buber, 1987: 77)

Esta regeneração estaria na educação ? E novamente Buber surpreende quando demonstra em seu pensamento, que ninguém educa ninguém a não ser pelas ações espontâneas.

*“Consideremos novamente a influência do professor sobre seus alunos. Como o professor exerce realmente influência sobre o aluno ? Na medida que não existir esta resistência , na medida que entre ele e os alunos não houver a seguinte situação: “Ah, agora vamos ser educados” Em outras palavras, quando as relações entre o professor e os alunos forem espontâneas e estes não o saibam nem o percebam. Quando ele educa, o faz com sua existência pessoal e se ele se acha incapaz de ensinar assim, é recomendável que mude de profissão...educar para a comunidade só é possível na medida em que existe comunicabilidade que educa para a comunidade” ( Buber, 1987:90)*

Realmente, Buber revela uma tarefa difícil para o professor mas não impossível, principalmente se este professor for aquele que trabalha na Educação de Jovens e Adultos. Idéia utópica ? A utopia pode estar em não acreditar que isto seja possível mas não descarto as impossibilidades deste processo. E, neste momento, refletindo sobre as idéias de Buber, surge-me uma maneira pela qual poderia me libertar da rigidez escravizante destes pensamentos junto com aqueles que não acreditam na construção de uma nova organicidade social : o instrumento para isto, seria o diálogo autêntico (ação em sala de aula) a maneira que tentaríamos reorganizar as relações humanas na comunidade escolar.

Com diálogo autêntico, para Buber : *“é aquele diálogo não importa se falado ou silencioso onde cada um dos participantes tem de fato em mente o outro ou os outros na sua presença e no seu modo de ser e a eles se volta com a intenção de estabelecer entre eles e a si próprio uma reciprocidade viva” ( Buber, 1982:53 e 54)*

A construção da verdadeira comunidade depende da mudança das relações entre os homens que, por sua vez, deve seguir uma mudança interior além da preparação de líderes que possam guiar, trabalhar e até mesmo sacrificar-se pela comunidade. Uma educação comunitária tem por objetivo

transformar o homem num membro útil e produtivo nas associações e na política, impedindo que ele fique em torno de seu próprio eixo.

Para que isto se realize, é preciso dar-lhe condições necessárias para que ele possa cada vez mais se fazer presente em todas as esferas de comunidade (família, bairro, região, cidade...) . Um princípio fundamental na educação para a comunidade é o entendimento de educação como relação humana, relação direta sem propósitos específicos e que tenha por fim a própria relação. É preciso capacidade de relacionar-se com as pessoas com as quais se convive.

Os elementos necessários para que tal relação aconteça, serão as encontradas nas relações comunitárias entre os professores, entre professores e alunos, entre classes etárias, uma real interação entre os sexos, uma inserção na realidade da sociedade e a construção de conhecimento sobre relações comunitárias encontradas na história e nos fatos da vida atual. ( Buber, 1987: 81 a 101 )

Como me referi no início desta exposição, o objetivo deste trabalho estaria em experienciar se o diálogo em sala de aula através da pesquisa-ação (professor refletindo sobre a sua própria prática ) pode provocar a transformação pessoal de meus alunos. Cabe então, entender o sentido desta realidade, desta experiência inter-humana o que nos leva, necessariamente, à obra de Buber.

## 1.2 DIÁLOGO E DIALÓGICO

O caminho a partir de agora será o de compreender o significado da liberdade em trabalhar com o diálogo e dialógico, como base de mediação na sala de aula de educação de jovens e adultos. Fórmula construída na minha prática em oposição a uma postura tradicional. Esta postura me fazia acreditar em explicações textuais, realizadas em um monólogo solitário, reforçadas por questionários de respostas prontas que pudessem levar os alunos à aprendizagem.

Quando, timidamente, iniciei minha revolução pessoal, acreditando no diálogo com meus alunos, senti uma liberdade na maneira de sentir a relação intersubjetiva comigo mesma ou seja, tentei livrar-me de minha vontade pessoal arbitrária, sendo portanto mais fácil a maneira de esclarecer melhor os textos que seriam interpretados pelos próprios alunos que traziam para este contexto suas crenças, suas idéias e seus valores.

Liberdade em ultrapassar os limites do texto, quanto mais perguntas e respostas nasciam no calor das discussões, mais o texto tornava-se complexo, modificando-se, recontextualizando-se. Complexo porque nestes diálogos, surgem as contradições e nelas se constroem conhecimentos envolvidos em novas colocações. É um processo intenso no qual posso perceber que os alunos conseguem distinguir as diferentes posições: o real e o ilusório, o histórico e o atual e várias outras dicotomias que sabe-se existir, estabelecendo assim, pontes entre estes conhecimentos e a vida cotidiana de cada aluno nesse relacionamento.

*“A epistemologia complexa toma forma a partir do conhecimento do conhecimento que compreende o limite dos conhecimentos...O conhecimento é sempre tradução e construção...” ( Morin, 1998: 201 )*

O elemento primordial do movimento dialógico consiste em " *voltar-se para outro e o ver-se no lugar do outro e o sentir-se como o outro*" ( Buber, 1982 : 52 ). O dialógico seria o desdobramento da esfera do entre, o significado do diálogo está na troca que ocorre entre os parceiros que estão nesta relação.

Nesta perspectiva dialógica provocada pelo olhar o outro como um ser presente, total e único que usa o diálogo como instigador dos processos e habilidades do pensamento dos alunos.É assim o processo do conhecimento se dará na mesma sintonia entre ambas as partes, educandos e educador.É novamente reforço:

*"A dialógica não pode ser equiparada ao amor.Mas o amor sem a dialógica, isto é, sem o verdadeiro sair de si em direção ao outro, sem alcançar o outro,sem permanecer consigo mesmo, é este que se chama Lucifer"* (Buber,1982:55 )

Esta idéia foi densamente e sistematicamente desenvolvida por Buber. Talvez retrate aulas cuja postura do professor tradicional compactua com um monólogo disfarçado de diálogo e consegue tirar até mesmo a motivação em ser professor.

*"O movimento básico monológico não é como se poderia pensar,o desviar-se do outro em oposição ao voltar-se para o outro mas é o dobrar-se em si mesmo"* ( Buber,1982:57 )

Como Buber penso, não posso ver os alunos a partir de mim mesmo mas sim vê-los dentro de uma relação dialógica, na liberdade em construir os seus conhecimentos, analisando as várias posições que as vezes são antagônicas e por isto mesmo tornando o processo mais complexo e pleno tanto para educandos

quanto para educadores, não querendo dizer com isto que exista um movimento dialético.

Buber aponta uma distinção entre o dialógico e a dialética. A dialética é para ele um privilégio da atividade intelectual, enquanto o dialógico não se impõe a ninguém pois responder não é um dever mas é um poder. O autor não quer dizer com isto que existam alguns privilegiados com o poder para responder à tudo. O que o filósofo sustenta é que neste relacionamento do eu e tu, não haverá "*dotados e não dotados, somente aqueles que se dão e aqueles que se retém*" ... (Buber, 1982 : 71).

Para que este processo ocorra, é necessário o reconhecimento de um dos elementos do dialógico que é o fato de que o pensador não se dirige a si próprio mas dirige-se à uma relação e que, nesta relação com o outro, ele deverá responder pelo seu entendimento, isto porque ele não estará falando para si próprio pois se algo acontece, não acontece somente à nós, em nós mas entre nós.

É nesta esfera do entre que a palavra falada é encontrada. O que fala, mesmo que fale consigo mesmo ( sem voltar-se para o outro ) espera e quer ser ouvido pelo anônimo. Anônimo é aquele que ainda não se fez presente como um ser total e único e para tanto, não foi ainda concebido e mesmo nestas circunstâncias, será esperado dele a compreensão daquilo que foi falado.

Encontra-se presente nesta reflexão a importância em compreender o estado de reciprocidade viva entre educando e educador. O professor ao falar, tem que ter em mente, aquele para quem ele estará falando e para tanto, deverá se expressar com franqueza. A franqueza significa que ele deverá estar pronto para dizer aquilo que verdadeiramente tenha em mente no que diz respeito ao objeto da conversação.

No movimento desta relação, quando algo acontece, uma palavra me é dirigida e exige minha resposta . Inicia-se um processo de busca de um conhecimento íntimo, mas é necessário adotar a postura de não me sentir obrigada a apresentar uma série pronta de pensamento. Ao contrário, o que importa são as questões, dúvidas e dificuldades relativas ao tema, presentes no espírito daqueles que podem estar reunidos nesta relação.

Serão as questões, dúvidas e dificuldades que poderão trazer à tona no diálogo a alienação que possa existir entre o Eu e o Mundo.

*“ Doravante, quando o homem estremece na alienação e o mundo o angustia, ele levanta o olhar ( para direita ou para esquerda pouco importa ) e avista uma imagem. Então ele vê que o Eu está contido no mundo e que, na verdade não há Eu, e por isso, o mundo não pode prejudicá-lo, e, então ele se tranquiliza...” ( Buber, 1974 : 84 )*

Na proposta de Buber existe a preocupação de que sair de nós mesmos em direção ao outro sem que o voltar-se para o outro torne-se apenas um sentimentalismo . Em primeiro lugar, o filósofo que o sair de nós mesmos é a real admissão da existência do outro como se fosse uma parte do meu eu na dialógica, se refletida, nos leva a compreender:

*“...toda arte é essencialmente dialógica; toda música é dirigida a um ouvido que não é do próprio músico; toda a escultura a um olho que não é o do escultor; também a arquitetura é dirigida aos passos que medem a obra. Todas elas dizem àquele que as percebe, algo que só pode ser dito nesta linguagem única. Não um sentimento mas um segredo percebido.” ( Buber, 1982:60 )*

Nesta relação dialógica, o segredo percebido é olhar o outro e compreender ser ele um rosto, um nome, uma história, uma unidade, uma semelhança na diferença e muitas vezes uma profundidade sem palavras. Talvez assim não se exalte tanto o sentimentalismo.

### 1.2.1 DIÁLOGO COMPETENTE

Como os leitores já sabem, o dialógico seria o desdobramento da esfera do entre. O significado do diálogo não está em cada um de seus parceiros mas na troca que ocorre entre eles. A palavra dialógica acontece quando duas pessoas se abrem uma à outra para um encontro autêntico <sup>4</sup> sem colocar resistência entre eles, pois vai além dos conteúdos que se pretende comunicar. Não são opiniões comuns que possibilitam o diálogo mas o voltar-se para o outro com todo ser, fazendo o outro presente

Buber em sua visão de totalidade, afirma que existem palavras que me são dirigidas e existem coisas que me acontecem, os eventos do mundo são palavras que me são dirigidas. O importante é não realizar uma interpretação arbitrária desta linguagem recebida. A dificuldade em perceber os signos ( palavra dirigida ) se deve à couraça de que me revisto, cuja tarefa é repelir os signos, não me deixando sentir a vibração destas palavras. Isto ocorre quando estou com nossos receptores desligados. Para aquele que está atento com sua atenção despertada, responderá ao que acontece com as responsabilidades em ver, ouvir e sentir, não estaria envolto na couraça.

Diante da palavra dirigida a nós, só precisamos nos tornar presentes. Aquilo que é dito à mim e que nunca foi antes pronunciado, não pode ser explicado por ninguém se não estiver dentro de um contexto, um vínculo de comunhão.

---

<sup>4</sup>. O mesmo significado que Buber têm do diálogo autêntico

Pode-se distinguir dois tipos de existência humana: a que procede da essência ( aquela existência em que o ser humano não está dissociado, é congruente: aquilo que ele pensa é aquilo que ele faz; aquilo que faz e aquilo que pensa é aquilo que fala e aquilo que fala é o mesmo do que pensa e faz ) e a existência que procede da imagem ( aquela cuja existência do ser se preocupa com o que o outro pensa dele ou o seu olhar é produzido com as impressões que ele deseja causar no outro ).

A primeira existência, a da essência, com certeza terá um diálogo competente.

Em outras palavras, sentirei segurança em poder interpretar e perceber o medo atrás do desafio dos alunos falarem e sentir neles a insegurança atrás da timidez, ouvir a questão atrás da questão e ainda mais, ver e ler a expressão facial dos que falam e que estão ou não dizendo, isto tudo no contexto de um diálogo em sala de aula.

Ao analisar estas linhas de pensamento, fica claro a idéia de Buber : *"...nenhum homem é desprovido de força de expressão e nosso voltar-se-a-ele produz uma resposta, por mais imperceptível que seja, por mais rapidamente que seja sufocada; num olhar, num som, vindo da alma, que se passam talvez na mera interioridade mas que, assim mesmo, existem..."* ( Buber, 1982 : 57 )

É a promoção do estado de reciprocidade viva entre educando e educador aquele que se dá totalmente com o olhar espontâneo e não afetado por uma interpretação arbitrária é que manifestará a essência. A segunda existência só poderá realizar um diálogo que Buber define como:

*“ Um debate, no qual os pensamentos não são expressos da forma em que existiam na mente mas que, no ato de falar, são tão aguçados que podem acertar o ponto mais sensível e isto sem se considerar os indivíduos com quem se fala como pessoas presentes; uma conversação, que não é determinada pela necessidade de comunicar algo, nem aquele por aprender algo; nem de influenciar alguém, nem de entrar em contato com alguém, mas é determinada unicamente pelo desejo de ver confirmada a própria auto confiança...na qual cada um se vê a si próprio como absoluto legítimo e ao outro como relativizado e questionável... que submundo de fantasma sem rosto ! ( Buber, 1982 : 54 )*

## 1.2.2 O REAPRENDER A DIALOGAR EM BUBER

Buber me alerta sobre o avanço demasiado do mundo do isso e o homem em sua individualidade do eu-isso, se torna consciente de si mesmo como apenas sujeito de experimentação e uso, o que torna impossível a vida no espírito. O significado de espírito para Buber, envolve a unidade de todas as faculdades dentro da personalidade e que constitui a totalidade do homem, isto é, o homem tem a consciência em compreender e integrar todas as suas capacidades tais como: poderes, qualidades e impulsos.

Será neste ser total que pode nascer a liberdade na capacidade em negociar o seu relacionamento com o mundo do isso, podendo dividir a sua vida em duas esferas e terá a capacidade em administrá-las com destreza: uma esfera é a da instituição-isso e a outra a esfera dos sentimentos-eu. O filósofo considera que:

*" As instituições são o "fora" , onde se está para toda sorte de finalidades, onde se trabalha, se faz negócios, se exerce influência, se faz empreendimentos, concorrências, onde se organiza, administra, exerce uma função, se prega é a estrutura mais ou menos ordenada e aproximadamente correta, na qual se desenvolve, com o concurso múltiplos de cabeças humanas e membros humanos, o curso dos acontecimentos." ( Buber, 1974 : 50 )]*

Como pode-se observar, são as metas que os homens desejam alcançar, processo no qual muitas vezes a máxima da sobrevivência do mais esperto pode dominar é que leva o homem a se render totalmente ao mundo do isso.

A vivência nesse processo, sem o encontro com os sentimentos-eu, pode entregar a pessoa ao arbítrio da opinião pública, do status sociais ou da própria

neurose, a pessoa não responde espontaneamente nem abertamente ao que encontra, mas somente reage. As outras pessoas para esta, não são reais, únicas e possuidoras de valor de si mesmas, mas seu valor está no seu status, utilidade ou semelhança com quem ela se relaciona.

Já os sentimentos para Buber: “ são o “dentro” , onde se vive e se descansa das instituições. Aí o espectro das emoções vibra diante do olhar interessado, aí o homem usufrui sua ternura, seu ódio, seu prazer e sua dor...” (Buber, 1974 : 51 )

Os sentimentos podem levar o homem a ser livre. Para o autor, livre é aquele que deseja ser livre da vontade pessoal arbitrária. O eu-tu, ao mesmo tempo, é o meio e o fim e podem unir-se à vontade do homem livre para alcançar a sua meta. Só o eu-tu é capaz de dar sentido ao mundo do isso, pois seu fim não pode ser alcançado no tempo porque está lá desde o início.

Na reflexão sobre a distinção entre as instituições e os sentimentos, observa-se que elas apontam para um mundo que é tudo aquilo que se encontra substancialmente além do reino do observador e, como tal, independentemente dele. O mundo existe junto com ele e com a vida humana e para entrar em relação com este mundo, o homem necessita distanciar-se dele para compreendê-lo como uma totalidade e unicidade.

Buber destaca nessa visão três esferas em que o mundo das relações pode-se constituir :

*“ A primeira é a vida com a natureza onde a relação permanece no limiar da linguagem.*

*A segunda esfera é a vida com os homens onde a relação toma forma de linguagem.*

*A terceira é a vida com os seres espirituais onde a relação embora sem linguagem gera a linguagem” ( Buber, 1974 : 117 )*

O autor ainda destaca entre as três esferas, justamente a relação da vida com os homens.

*“ ...Somente aqui, a palavra princípio é dada é recebida da mesma forma, a palavra da invocação e a palavra da resposta vivem numa mesma língua o Eu e o Tu não estão simplesmente na relação, mas também na firme integridade. Aqui, e somente aqui, há realmente o contemplar e o ser contemplado, o reconhecer e o ser reconhecido, o amar e o ser amado.” ( Buber, 1974 : 118 -119 )*

A definição buberiana do mundo das relações, destacando a relação da vida com os homens, é que ressalta a importância em se compreender a relação do Eu-Tu no dialógico. Reaprender a dialogar procurando introduzir nesta relação palavras válidas, aquelas nas quais se realizam a desatualização, alienação entre o Eu e o Mundo é que torna-se o objetivo de um professor em sala de aula.

Surge desta maneira a esperança de um diálogo frutífero para a sociedade. Diálogo frutífero seria uma forma do homem contemporâneo deixar de participar apenas ficticiamente da vida pública. Somente a força que funda e sustenta uma comunidade é o desejo dos homens em construí-la. Isto poderá ocorrer em várias pequenas células comunitárias através da conversação genuína e levará aos homens a participarem ativa e sistematicamente na vida pública.

A esfera ontológica da conversação genuína é sustentada “ *na grande fidelidade que é o espaço em que respira a conversação genuína, aquilo que tenho a dizer em cada ocasião já tem em mim o caráter daquilo que quer ser dito, e eu não devo retê-lo dentro de mim. Pois o que tenho a dizer leva o signo, inconfundível para mim de que a palavra pertence à vida comunitária. Onde a*

*palavra é pela franqueza que se deve fazer justiça. A franqueza entretanto, é o oposto exato de uma palavra a esmo...” ( Buber, 1982 : 154 )*

Mostra-se nesta definição que a construção da verdadeira comunidade depende da mudança e transformações das relações entre os homens que, por sua vez, devem seguir a uma mudança interior para poderem aceitar junto a outros homens celarem uma aliança para entrarem nesta relação de reciprocidade, promovendo diálogos genuínos em prol e não a esmo nesta comunidade em que ele se encontra envolvido.

### 1.3 CONTRIBUIÇÕES DE GEORGES GUSDORF

O segundo pressuposto teórico encontra respaldo nas idéias do filósofo Georges Gusdorf que pode orientar a relação educando-educador com uma dimensão fundamental do mundo humano. Como Buber, Gusdorf vê que cada existência forma-se e afirma-se em contato com as existências que a cercam; ela constitui como um nó no conjunto das relações humanas numa relação existencial entre educando e educador e é necessário que se estabeleça uma relação interhumana fundamentada no encontro do eu e tu de Martin Buber.

Segundo Gusdorf, a palavra do mestre é uma palavra mágica; um espírito que desperta ao apelo de um outro espírito pela graça do encontro, uma vida pode ser mudada. Não quero dizer com isto que esta vida deva imitar e devotar-se ao mestre mas ver este mestre como aquele que iluminou a sua vida, passou a conhecer-se e perceber-se a depender unicamente de si mesmo, a sentir-se responsável pela sua própria realização.

Se os professores perpetuarem, nos dias de hoje, qualquer tipo de arcaísmo em suas metodologias de aprendizagem como por exemplo reduzir as lições a algo que se decora, estarão renunciando a oportunidade de que seus alunos possam ter de tornarem-se investigadores de seu próprio saber, uma conquista de cada um. Os professores devem compreender que a verdade, segundo Sócrates, nunca pode ser um presente dado por um homem a outro homem. (Gusdorf, 1995:10)

A princípio, a própria aquisição do saber, corresponde a uma forma essencial da experiência humana vivida. As experiências vividas sempre serão decisivas em suas vidas. Sendo que a experiência em nível escolar não será apenas um cenário para " jogos de inteligência e memória " <sup>5</sup> . O conhecimento irá sendo construído no espaço escolar mediado pelas relações humanas. São nestas relações interhumanas que a reconstrução da consciência dos valores sociais pode acontecer mas se não houver uma mediação equilibrada, poderá surgir aquela figura definida por Buber como aquele cuja existência é apenas uma imagem

O professor observa uma classe e a classe observa o professor, se neste momento de confronto o professor reduzisse a idéia de afirmação pessoal e adotasse a idéia de que a aquisição de conhecimento surge agregado à tomada de consciência dos valores sociais, àqueles que contribuem nas relações humanas, ele estaria modificando sua prática e reconstruindo junto a seus alunos um novo conceito destes valores sociais adequado à época em que vivemos.

Mesmo se o ensino se processe em uma sala com excessivo número de alunos, por mais confusas que sejam as relações que se constituem, a educação permanece algo pessoal, um colóquio singular que toca a cada um e é um ato intermitente, pois a educação não é uma verdade generalizada, é necessário se dar conta de que em educação só pode haver verdades pessoais e singulares.

---

<sup>5</sup>. Georges Gusdorf ( Filósofo autor das obras: A fala e Professores para quê ? )

Segundo Gusdorf :

*“ O professor fala mas sua palavra não é somente uma palavra diante da classe, é uma palavra dentro, com e para a classe. É uma palavra coletiva, uma voz que rompe o silêncio e que trata-se de instruir, ou seja, edificar. ” ( Gusdorf, 1995 : 31 )*

No diálogo, muitas vezes esta palavra rompe o silêncio e ilumina para que novas vozes se levantem e expludam no confronto de idéias. É neste momento que a educação da alma, ( educação dos valores da consciência humana ) exaltada por Gusdorf, pode-se processar. A autodescoberta de cada aluno nestes contextos poderá levar a cada um produzir por si próprio a sua obra prima através da pesquisa pessoal.

Assim, o diálogo, que parece limitar a verdade a mecanismos de um debate entre duas inteligências levando à discussão que pode ser interpretada como um jogo com vencedor, não é assim que ocorre. Pode o diálogo pelo professor reflexivo no momento em que realiza a construção das regras de convivência social de sua classe, ser descartada a idéia da prevalência de apenas um ponto de vista, o do vencedor. O campo da verdade, graças a circulação de idéias e de uma pluralidade rica de pontos de vista, transforma.

*“ O reconhecimento da necessidade do diálogo significa o fim de uma certa ontologia, a do monólogo e do monopólio, e o começo de uma outra metafísica, em que o verdadeiro se define inicialmente pela comunidade de invocações.” ( Gusdorf, 1995 : 141 )* Esta idéia nos passa o que é a reciprocidade no diálogo.

Analisando o diálogo recíproco, preciso ter em mente que, quando falo, é para me dirigir ao outro e principalmente para me fazer compreender. É natural estando em uma sala de aula heterogênea que surjam palavras pronunciadas corretamente mas que, ao serem pronunciadas por alguém, traz em sua expressão, em sua força, uma compreensão cultural humana e pessoal diferente daquela para quem a palavra é dirigida.

*"A comunicação, assim, tem uma força criadora. Ela dá a cada qual a revelação de si na reciprocidade com o outro" (Gusdorf, 1970:58)*

Será na reciprocidade entre os interlocutores que poderá surgir uma melhor integração social, afastando, muitas vezes, que o comunicar transforme-se em mal entendidos ou até mesmo em um ato de violência gerado pela má interpretação das palavras.

*"Para uma sadia compreensão da palavra, portanto, importa distinguir os diversos usos em função dos quais ela se desenvolve...No diálogo uma das funções da palavra é estabelecer uma verdadeira colaboração entre aquele que fala pois lhe permite ler entre as linhas o seu próprio pensamento e dando a segunda voz a oportunidade de se fazer educadora da primeira no respeito a aprendizagem da coexistência. A experiência do diálogo, portanto, é a primeira e mais decisiva pedra de toque da universalidade. Se desejo entender-me com outrem e fazê-lo participar da minha certeza, deve proceder passo a passo dissecar a dificuldade afim de assegurar a aderência sem ruptura de um espírito ao outro." (Gusdorf, 1970:85)*

O diálogo proposto não é aquele que se limita a reafirmar uma convicção sem nunca ceder mas sim aquele em que o egoísmo passa longe e pressupõe-se uma abertura mais ampla para o mundo.

*“O diálogo autêntico sela o encontro dos homens de boa vontade, no qual cada um leva ao outro o testemunho, não apenas de si, mas dos valores comuns... A maior parte dos homens troca palavras sem nunca dialogar...”*  
(Gusdorf, 1970:86 e 87)

Percebo novamente o encontro entre as idéias de Buber que defende pequenas células comunitárias pautadas no conversação genuína e Gusdorf que uma só pessoa não pode por si só encontrar soluções para tirar do mundo em que vive, das garras do mal mas se houver uma comunidade de valores morais sendo mediados e discutidos em um diálogo autêntico em várias células ( salas de aula ), qualquer homem poderá contribuir para a construção de um mundo melhor.

Se para Buber as transformações sociais do mundo pode ocorrer na esfera da vida com os homens isto é, nas mudanças das relações inter-humanas pautadas no diálogo genuíno, para Gusdorf é chegado o momento de abandonar a idéia de ver na linguagem uma espécie de duplo mental do mundo.

*“ Como se o universo do discurso pudesse existir fora do universo das coisas, como se as palavras não fossem tudo o que podemos aprender do mundo, a sua realidade intrínseca e a carne de sua carne. O mundo oferece a cada um de nós como um conjunto de significações cuja revelação obtemos no plano da palavra, a linguagem é o real ”* ( Gusdorf, 1979 : 35 )

O que o autor quer nos dizer é que serão as palavras que definirão as relações humanas. A ordem social poderá se estabelecer com um código de denominações corretas, onde qualquer desvio ou desencontro apontará que houve um desequilíbrio. Somente pode-se viver em uma sociedade utópica como esta se, em pequenas células comunitárias ( salas de aula ) houver uma nova ordem nas palavras citadas e em consequência, uma nova ordem nos pensamentos pois vivemos uma inquietação contemporânea, segundo o autor,

acerca da linguagem o que causou uma ruptura do homem com o mundo em que vive.

*“... É pela palavra que o homem vem ao mundo e que o mundo vem ao pensamento. A palavra manifesta o ser do mundo, o ser do homem e o ser do pensamento. Qualquer palavra mesmo negativa ou de má fé, atesta horizontes do pensamento e do mundo” ( Gusdorf, 1979 : 37 )* Então, professores para quê ?

### 1.3.1 PROFESSORES PARA QUÊ ?

Existem várias posturas que o professor pode adotar e ao exercitá-las lhe é concedido um status como que: o desrespeitado, o submisso, o determinista que é aquele que gosta de impor, o intolerante mas se ele for o professor que reflete sobre os seus atos, aquele professor que Buber diz que procede com sua essência, irá situar-se no contexto global de suas relações com a classe, a qual poderá influenciar tanto na palavra pronunciada como naquela acolhida por seus alunos.

O significado deste momento em que os olhares se cruzam no segredo dialógico, o professor não falará como um livro, mostrará sua presença concreta, qualitativamente diferente da presença abstrata e ausente das técnicas audio visuais.

Hoje se fala muito do recursos audio-visuais substituindo até mesmo o professor (professor palavra com força histórica, social, humana) por um monitor (aquele adverte ou dirige, o que em uma escola toma conta de uma classe de alunos para dirigir no estudo) neste ponto da reflexão, é que me pergunto: como o conjunto de relações humanas promovidas pelo diálogo pode se estabelecer ? A pergunta surge, pois se o monitor adverte, dirige, toma conta, como pode haver o calor do confronto de personalidades diferentes ? Como arremessar, atirar, lutar, harmonizar, hostilizar, unir na amizade solidária muitos alunos ao mesmo tempo ? Com certeza, apenas o professor poderá responder a estas questões.

Para aquele professor que queira situar o ensino no destino de seus alunos, necessita ter em mente a investigação da busca da verdade e a tentativa em conceituar valores que componham o dia a dia destes indivíduos.

*“Desde resto, a própria aquisição do saber corresponde a uma forma essencial da experiência vivida. Na escola, no colégio, na universidade, em todas as instituições que têm por função ministrar o saber, a criança, o jovem passam por experiências que serão decisivas em suas vidas. Esses locais não são, para eles, simplesmente o cenário de certos jogos da inteligência e da memória. É a personalidade inteira que aí faz seu aprendizado, sensibilidade, caráter, vontade e são aí postos à prova e a aquisição de conhecimentos surge agregada à tomada de consciência dos valores...” (Gusdorf, 1995:14 e 15)*

As experiências decisivas, muitas vezes para o professor, passam despercebidas, principalmente se ele estiver preocupado com o conteúdo curricular excessivo, realizando jogos de inteligência e memória para tal mister. Para que este fato não ocorra com frequência, é necessário o diálogo do aluno com o professor, dos alunos com a classe, do professor com a classe e com os alunos em sua individualidade.

É neste momento que surge o dispositivo linguístico em que as transformações podem começar a ocorrer sem que a dominação se expresse com sua força. O falar depende muito das palavras e dos inúmeros significados que elas possam ter. É o encontro entre professor e aluno que consagra questionamentos e é esta a relação de ligar-se ao outro que desvenda e libera pensamentos adormecidos alheios à realidade vivenciada pelos alunos.

*“Uma idéia não é um objeto material e anônimo, um pedaço de madeira ou uma moeda que passa de mão em mão sem nada perder de sua realidade. Uma idéia carrega a marca de quem a pensou, seu sentido e estabelece pela sua inserção no contexto mental, indissoluvelmente ligado à totalidade de uma vida.” (Gusdorf, 1995:9)*

Todo o nascimento de uma idéia é um mistério que se estabelece na inserção do contexto mental, ligada ao ser que a formulou. Este saber é próprio daquele que o sabe. Pelo menos o seu sentido jamais é dado. Há equívoco sem estar certo de conseguir adivinhá-la. A busca interrelacional desta idéia se traduz através de palavras.

Observando melhor estes pensamentos, Gusdorf também pensou na alienação das palavras, aquela do significado real de que as palavras podem provocar, um desvio de uma ruptura com o mundo, isto entre alunos ao qual me refiro, pois poucos são os que usam um dicionário e muito menos os que percebem as palavras em ação.

*"Nunca os homens se transformam enquanto não modificam seu modo de falar .Esta íntima ligação da linguagem com o ser do mundo e do homem,sob qualquer forma que se apresente, surge, portanto, como uma característica constante da consciência humana dos valores..." ( Gusdorf, 1978:17 )*

Antes de modificar a linguagem envolta no senso comum, Gusdorf discute a idéia de que é nele, no senso comum que podemos encontrar o bom senso.O bom senso, significa ter na consciência valores humanos que permitam criar relações equilibradas no respeito e é aqui encontrado o caráter excepcional: do que, como e quando o homem fala.

*"...uma língua não é uma coleção de palavras.Os linguistas demonstraram que a unidade medida do falar vivo não se apresenta sob a forma de nomes,verbos ou adjetivos isolados um dos outros como grãos de um saco.O elemento de uma palavra é um todo complexo animado por uma intenção de significação; é a imagem verbal que se exprime em frases mais ou menos complexas algumas vezes reduzidas a uma só palavra mas correspondente sempre a manifestação de um sentido" ( Gusdorf, 1970:34 )*

Nesta perspectiva de Gusdorf, podemos entender que cada um de nós terá um conjunto de significações, revelados pela palavra, através do qual a realidade se manifestará. Vale aqui afirmar, será na complexidade do conhecimento que serão extraídas as palavras que darão sentido ao nosso universo.

Ao estudar o diálogo como instrumento deste processo de pesquisa, o que aprendi observar foi sem dúvida as palavras usadas nestes diálogos e a importância como professores em mediá-las.

*"...A palavra não é apenas rica em idéias, ela cobre e assume todas as orientações ,visões ,desejos disciplinares pessoais no estado nascente.A consciência,eficaz enquanto se mantém solitária ,explode em direção ao mundo, explode em forma de mundo ,revelando o mundo ao homem, anunciando o homem ao mundo.A linguagem é o ser do homem levado à consciência de si a abertura à transcendência" ( Gusdorf, 1970:12 e 13)*

Refletindo no significado desta íntima ligação entre a linguagem e o ser é que Gusdorf provoca a sensação de que o domínio do nome mostra-se imenso e porque não se inteirar como professor e tentar compreender o valor das palavras presentes na consciência de nossos alunos . Será através do diálogo que surgem palavras da consciência motivadas pelos textos interpretativos em aulas e que aguçam a investigação mais profunda sobre o significado de palavras como coragem, solidariedade, justiça e cidadania .

Palavras estas que muitas vezes se apresentam envoltas em um senso comum arriscado. Alguns alunos ao responderem de primeiro e com segurança, formulam uma interpretação enredada na banalidade. Neste contexto, o filósofo

nos orienta: *"...O senso comum é um mal mestre ,é preciso abandoná-lo para correr ao bom senso..."* ( Gusdorf,1970:22)

Talvez esteja aqui, nesta afirmação, o nó da teia que encontramos hoje em sala de aula.Quando uma professora pede aos seus alunos em nível de segundo grau do ensino fundamental, crianças ainda, que "fiquem quietos", me pergunto: qual é o significado da palavra "quieto" para estes alunos ? Será que estes alunos interpretam o significado desta palavra como bom senso da professora ? Quantas vezes ouvimos que os homens cada vez mais se compreendem menos entre si, não estaria aqui um ponto para refletir ? É preciso substituir a linguagem muitas vezes confusa, carregada de imaginação e baseada no senso comum por uma linguagem esclarecida de bom senso e é esta a proposta que Gusdorf nos faz.

Portanto,o saber permanece um segredo até o momento em que na vida deste pensador se integre um professor que lhe dê a oportunidade de expor o que pensa, pois não é verdade que o ensino se reduz a uma lição decorada.Ligar o conhecimento à vida cotidiana é o desafio maior em nossos dias e, se não conhecermos as idéias que permeiam o contexto mental dos nossos alunos, como promover o encontro do conhecimento com a vida ?

*"Cada homem tem uma história, ou ainda, cada homem é uma história.Cada vida se apresenta como uma linha de vida.O ensino seria um aspecto do período ascendente dessa história; assinala o crescimento mental intrinsecamente ligado ao crescimento orgânico.Sua função é permitir uma tomada de consciência pessoal no ajustamento do indivíduo com o mundo e com os outros."* ( Gusdorf,1995:13)

Gusdorf e Giroux apresentam suas diferenças. Gusdorf se preocupa com as relações mestre-discípulo pela qual poderia caber aos mestres definir pelo confronto das divergências e das semelhanças, uma nova e mais elevada unidade da humanidade. Giroux talvez acrescenta nesta elevada unidade humana, valores progressistas de igualdade e justiça social.

Tanto Gusdorf como Giroux, tratam do valor da pedagogia, tanto a pedagogia humana de Gusdorf quanto a pedagogia crítica de Giroux e como eles poderão contribuir para este trabalho. O terceiro pressuposto teórico deste trabalho é a maneira pela qual abordaremos o conhecimento neste contexto de sala de aula na educação de jovens e adultos. O diálogo e dialógico será pautado em cima de um conhecimento a luz da complexidade e que se trata de uma teoria rica, estimulante e ousada que consegue provocar sempre a reflexão.

*“Cada um de nós, pelo seu lado, enquanto membro de uma família filiada num partido, elemento de um corpo profissional, cidadão de uma nação e da comunidade internacional, acha-se comprometido nesta tarefa de assegurar a correção das denominações” (Gusdorf, 1970:36)*

Quando se fala em assegurar a correção das denominações, não queremos dizer com isto ser impossível propor um novo sentido para a palavra que será buscada na mediação do contexto em que surgirem e que será avaliada ou melhor articulada para não ser uma simples tagarelice sem sentido algum para a vida daqueles que compartilham um diálogo recíproco. Neste momento, Gusdorf responde a pergunta: Professores para quê? Para transformar através do diálogo recíproco, o não.

## 1.4 PEDAGOGIA CRÍTICA

A minha intensão não é fragmentar a pedagogia em várias áreas, mas sim acrescentar na pedagogia das relações humanas a importância em compreender as forças culturais, sociais e políticas que a moldam. Giroux, com sua linguagem crítica, oferece aos leitores a esperança da luta libertadora. A mesma luta de Paulo Freire contra os efeitos opressivos da sociedade. Não faltam críticos para o pensamento de Giroux ou de Paulo Freire, principalmente os de questionamentos de bases teóricas em que eles são muito contestados.

Se o conhecimento é uma construção em que se busca explicar, como neste trabalho, as relações humanas, como descartar as idéias emancipadoras destes autores? Giroux, é um pensador que fala diretamente dos problemas de nossas escolas e sociedade e principalmente, reconhece que senão fizer perguntas para a nossa História, não se pode criar uma sociedade mais justa e humana. Já, Paulo Freire, exalta a idéia de se ler o mundo.

A medida em que se compreende as origens de muitos problemas sociais, esta subjetividade, muitas vezes camuflada, desperta ou melhor, desempenha um papel importante no processo de transformação pessoal e social. A pedagogia crítica é aquela que assume examinar, pesquisar como os processos culturais são produzidos e se necessário transformá-los. Com isto quero dizer, analisar o processo de conhecimento que será transmitido em três aspectos:

1. Como foi produzida a idéia, em que época e quais as inferências sociais e históricas.
2. Fazer a análise do texto traz a idéia que fornece uma compreensão valiosa de como a subjetividade e as formas culturais funcionam.

3. O relacionar com as culturas vividas será a forma pelo qual o sujeito do processo educacional poderá se encontrar com a história.

Analisado estes três aspectos, não se estará mais na prática pedagógica a transmissão da cultura mas sim na prática pedagógica que visa a reconstrução do conhecimento social mais amplo ajudando aos alunos a apropriarem-se de maneira crítica daquelas formas de conhecimento que tradicionalmente lhes foram negadas.

É neste processo que também se valoriza o papel do professor que, muitas vezes, passa por programas de treinamento e somente aprendem metodologias que parecem negar a própria necessidade do pensamento crítico. Eles passam por Seminários Educacionais e deixam de questionar, silêncios prejudiciais, daqueles que desejam argumentar uma nova forma de repensar e reestruturar a natureza da atividade docente. Adotar a pedagogia crítica neste aspecto ressaltado é encarar o professor como intelectual transformador.

*“Os intelectuais transformadores precisam desenvolver um discurso que una a linguagem da crítica e a linguagem da personalidade, de forma que os educadores sociais reconheçam que possam promover mudanças. Desta maneira, eles devem se manifestar contra as injustiças econômicas, políticas e sociais dentro e fora das escolas. Ao mesmo tempo, eles devem trabalhar para criar as condições que dêem aos estudantes a oportunidade de tornarem-se cidadãos que tenham o conhecimento e coragem para lutar a fim de que o desespero não seja convincente e a esperança seja viável. Apesar de parecer uma tarefa difícil para os educadores, esta é uma luta que vale a pena travar. Proceder de outra maneira é negar aos educadores a chance de assumirem o papel de intelectuais transformadores.” ( Giroux, 1997:163)*

Nos passos desta reflexão, encontramos com as idéias que Paulo Freire chamava de "conscientização" , indivíduos que fariam relações entre o pensamento e ação política mudando a sua realidade e seu destino social.

Como nós professores intelectuais transformadores poderemos adotar uma pedagogia crítica pois somente ela mediará a construção de uma consciência cujo o senso saberá julgar os valores norteadores de uma possível ação política ? O primeiro passo é a reflexão sobre a própria prática como já mencionei e o nunca se acomodar, buscando conhecimentos que possam preencher o vácuo que talvez possa ter sido deixado pelo pensamento cartesiano que envolveu a educação nestes últimos anos.

O segundo passo será organizar as idéias e somente assim será possível libertar-se da força carregada por nós da palavra neutralidade, advinda do senso comum e que impede de nos superarmos a "consciência ingênua", definida por Alvaro Vieira Pinto: *"...aquela que – por motivos que cabe à análise filosófica examinar - não inclui em sua representação da realidade exterior e si mesma a compreensão das condições e determinantes que a fazem pensar tal como pensa. Não inclui a referência ao mundo objetivo como seu determinante fundamental. Por isso julga-se um ponto de partida absoluto, uma origem incondicional, acredita que suas idéias vem dela mesma, não provem da realidade, ou seja, que têm origem em idéias anteriores. Assim, as idéias se originam das idéias. A realidade é apenas recebida ou enquadrada em um sistema que se cria por si mesmo"* ( Pinto, 1992:59 e 60 )

O professor detentor de uma "consciência ingênua" afasta a possibilidade do educando tornar-se "sujeito" da educação, ele se realiza apenas com o fato deste aluno tornar-se objeto da cultura dominante. Como "sujeito" da educação, queremos dizer a transformação do educando começando a perceber a si próprio acompanhado da concepção que o leva a compreender o mundo exterior como

uma totalidade ( real/social – material/histórico ) e como cidadão estará inserido logicamente neste processo da educação.

No momento em que tratamos da palavra cidadão dentro da sala de aula ela envolve a construção de um juízo crítico pelo diálogo isto porque no momento do diálogo, poderá ser captada às representações da própria vida dos educandos como também seus sonhos e a cultura dominante acalentada por estas "consciências ingênuas".

O papel do instigador em sala de aula é o de conseguir captar tais representações e sonhos que são muitas vezes provocados pela mídia.Mídia esta que consegue através de suas propagandas e telenovelas atingir a população desprovida de um senso crítico mais apurado que acaba deixando-se dominar pela cultura do consumo.Basta observarmos quando uma nova marca ou produto entra em cena e chega ao mercado de consumo através de uma propaganda bem elaborada, ela consegue fomentar o desejo do consumidor que eleva o produto a condição de número um do mercado.

A propaganda bem elaborada é aquela que apela para o nível emocional e a formação da subjetividade que envolve os indivíduos como se fosse um sonho.E é neste sonho que o produto ganha o poder extraordinário junto a população que o consome sem pensar.Poucas são as pessoas cuja consciências críticas conseguem interpretar o poder dos signos e das imagens.Isto não ocorre apenas com a mídia:

*"Outras ciências e técnicas mudam o modo de trabalhar e o meio mental.A sua magia fascina.Computadores,mídia de imagem e de sons,maravilhas da informática preparam uma inteligência diferente e quem gostaria de renunciar a isso ? Ao mesmo tempo tudo conspira para fazer esquecer com um esquecimento que não se esquece,que estas invenções faz parte da pesquisa de um meio que*

*daria à uma potência técnica e científica a possibilidade de dominar todas as outras. Daí o dilema entregar-se antes do tempo à essa potência o mais graciosamente possível, ou aprender a converter essas possibilidades em alguma coisa que valha a pena, imprimir-lhe uma direção. Quem quer que negue, que se desvie dessa preocupação não sabe que uma vez consumidos os tecidos mais sutis da sociedade, nada impedirá o desabamento das construções de nossa existência natural...” ( Moscovici, 1999:354 )*

Imprimir uma direção, ao meu ver, estaria nas mãos de professores conscientes de seu papel de mediadores que trariam para a sala de aula certas atitudes de seus alunos, contaminadas pelas consequências da força invisível destes instrumentos tecnológicos .Seria em um relacionamento sadio que os alunos teriam a liberdade em expor estas atitudes, quase interceptíveis pois é de forma lenta que ocorre a mudança de seus comportamentos e só então através do diálogo passei a analisar e conhecer melhor tais atitudes.

Expostas algumas atitudes, chega o momento de extrairmos do antagonismo das idéias de rejeição e aceitação, são idéias da complexidade de Morin, o consenso de como julgar criticamente o aparato tecnológico que nos cerca e suas consequências.

Para tal mister, o mediador não poderá estar envolvido nas perspectivas reducionistas, com fatos fragmentados, que levariam estes profissionais a agirem com procedimentos específicos e observáveis no exagero desta reflexão, talvez até usando folhas de exercícios e rígidos metodos sequências para que os alunos pudessem pensar e aprender. A nossa proposta é uma discussão dialógica entre os alunos e o mediador que estaria pensando como:

*“Os construtivistas críticos acreditam que ensinando e pensando o todo como muito maior do que a soma das partes idividuais, elas estariam rejeitando a*

*tarefa reducionista dos procedimentos de análise procedentes de esquema de sequência e escopo. Rejeitando as definições de inteligência baseadas em uma mensuração quantitativa de quantos fatos e associações um indivíduo acumulou... (Kincheloe, 1997:120)*

Dando continuidade, o autor nos fala que o melhor caminho para a educação é ensinar os alunos a pensarem e pesquisarem o contexto da situação apresentada pelo debate, encorajando-os a um autodespertar e à reflexão. A reconstrução das idéias desconstruídas é um exercício necessário para transcender a dualidade estática dos fatos isto é, sempre existe um dilema a ser resolvido e para isto é necessário conhecer sem negligenciar a cultura popular, a cultura erudita, a história que fundamenta a reconstrução das idéias. É um processo amplo que envolve o conhecer como e por que salientados na teoria da complexidade

Face ao que já se assegurou, resta-me salientar que minha reflexão sobre a prática me leva a acreditar que a dimensão educacional deve-se voltar a esta realidade vivenciada nos dias de hoje, os efeitos da tecnologia em nossa vida. A visão do professor não pode permanecer a mesma e para isto, ele precisa conhecer o que seus alunos pensam, em que representações e sonhos da cultura dominantes estão envolvidos e ao meu ver o diálogo e o dialógico são importantes instrumentos para estas descobertas.

## 1.5 O PENSAMENTO COMPLEXO DO INTELLECTUAL TRANSFORMADOR.

Posso dizer, que mergulhar na pesquisa sobre as idéias de Edgard Morin, que ainda mal começaram, já me fez libertar de várias amarras incutidas no processo de conhecimento que venho construindo. O seus pensamentos motivam a qualquer um que deseje transformar seus pensamentos, o não se definir por oposição a outrem ( eu isso ) e se reconhecer pelas próprias idéias, compactuou com a epistemologia em construção. O problema da epistemologia complexa é definida pelo próprio Morin:

*“...é a dificuldade de permanecermos no interior de conceitos claros, distintos, fáceis, para concebermos a ciência, para concebermos o conhecimento, para concebermos o mundo em que estamos, para nos concebermos a nós na relação com este mundo, para nos concebermos a nós na nossa relação com os outros e para nos concebermos a nós na nossa relação com nós mesmos que é afinal é o mais difícil de todos.” ( Morin, 1996 : 34 )*

Outro aspecto do pensamento de Morin que me convida a refletir, é a idéia de que ninguém possui a Cultura da Verdade, alimenta-se assim a esperança de não rejeitar automaticamente qualquer idéia incompatível com as minhas. Este pensamento me fez reformular certas idéias que o sistema educacional pelo qual passei sedimentaram. Morin, trouxe luz aos questionamentos e reflexões que eu fazia.

Aquelas idéias que me fez saber coisas deterministas que obedecem a lógica mecanicista usando como por exemplo o decorar em vez de compreender e que, muitas vezes me deixou sem a clareza que permitisse articular os conhecimentos diversos. A fragmentação das disciplinas escolares já conseguiu me impedir de descobrir e reconhecer plenamente os aspectos geográficos da História.

*“...Ao mesmo tempo, nosso sistema de educação nos ensinou a saber as coisas deterministas que obedecem a uma lógica mecânica; coisas das quais podemos falar com muita clareza e que permitem, evidentemente, a previsão e a predição.” (Morin, 1997:16)*

O desafio cognitivo que nos é proposto pelo conhecimento complexo é o de poder rejuntrar as informações ao seu contexto e ao conjunto ao qual pertence. Com isto, me dei conta que nada mais oportuno do que nesta era de informações, buscar conhecer o processo do conhecimento complexo. Quando levei para a sala de aula informações que muitas vezes passam dias nos jornais e televisão como por exemplo, observei a total falta de compreensão dos alunos em situar as informações num contexto geográfico, político, cultural e até mesmo na vida cotidiana de cada um.

É preciso juntar o todo às partes e juntar as partes ao todo isto é, um jogo de palavras, na minha visão não, é perfeitamente possível e portanto justifica a escolha que fiz. As matérias Português e História escolhidas nesta pesquisa para tentar aplicar um conhecimento mais complexo, foram justamente aquelas que poderiam unir o passado, o presente e o futuro que permitem rever os fenômenos sociais se repetirem no tempo.

Quando escolhi o quadro teórico observado Buber e Gusdorf na minha reflexão sobre a própria prática, não poderia deixar de reconhecer as idéias de

totalidade de Morin que nos faz acreditar ser o momento de romper com o conhecimento fragmentado para adotar o conhecimento complexo que tem como princípio também o dialógico quando procura compreender fenômenos antagônicos e ao mesmo tempo complementares como: ordem, desordem, certeza, incerteza, verdades da razão e verdades do coração, foi este desafio que permitiu hoje investigar a minha própria prática.

Tendo-se como meta interpretar a subjetividade desta relação educando-educador em uma visão embasada nas categorias filosóficas, sociológicas e pedagógicas que permeiam a educação é que será construído este estudo de defesa em uma pesquisa qualitativa. Pesquisar a própria prática significou um exercício do desenvolvimento pessoal do senso crítico em repassar as informações como foram sendo construídas neste processo.

### 1.5.1 IDÉIA CIDADÃ

Foi com Morin que a compreensão da aprendizagem cidadã se deu. Para este pensador, é a educação que contribui para a auto formação do cidadão dando-lhe consciência do que significa solidariedade, responsabilidade, sentimentos de filiação e de nação. O conceito de cidadão é por ele definido – *“...em uma democracia por sua solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria. O que supõe nele o inraizamento de sua identidade nacional.”* ( Morin, 2000 : 65 )

O conceito de educação comunitária de Morin esbarra nas mesmas idéias de Buber, mas o conceito do dialógico entre eles se diferencia. Quando falo que esbarra, não quero dizer que eles partam das mesmas idéias da construção de uma comunidade mas a partir de um pensamento complexo definido por Morin poderá deixar mais nítida a relação de reciprocidade entre o eu e o tu, para se compreender que uma comunidade é constituída por unidade de identidades, de objetivos, de atitudes e reações, isto viver um ao lado do outro ajustados como Buber mencionou.

O conceito de dialógico de Morin está no trabalho das contradições. São elas que alimentam e enfrentam a construção de uma cultura nova. A dialógica interior – *“ ...entre esperança/desesperança, dúvida/fé, e, sob um outro ângulo entre “verdades do coração” e “verdades da razão”. ”* ( Morin, 1997 : 51 )

Apesar de estar no “ entre ”, a dialógica de Morin prossegue no interior de si mesmo e nunca cessa, pois é sempre uma construção. Já a dialógica de Buber, tem a ver com o outro. *“ O movimento base dialógico consiste no voltar-se – para – o outro.”* ( Buber, 1987 : 57 )

Ambos os autores, cada qual, com suas idéias, contribuíram para a abordagem dos pressupostos teóricos deste trabalho. Irão somar com a análise categorial dos componentes que irão caracterizar a pesquisa.

### 1.5.2 UM NOVO OLHAR

Considerando o objetivo proposto nesta pesquisa, devo distinguir entre a prática pedagógica da transmissão de cultura e a prática pedagógica que visa a construção social. Esta é a de transformação pessoal dos alunos bem como a minha visão.

A questão foi levantada apenas para sinalizar aquilo que penso ser a pedagogia crítica. A distinção entre as pedagogias apresentadas, revelam a importância em refletir sobre a prática, pois quanto são as vezes que transmitir conhecimentos hierarquizados no conteúdo programático, torna-se essencial, deixando de lado determinadas regras de conduta que poderiam permitir um espaço para a negociação e compreensão do conhecimento em interação com a realidade social vivenciada pelos alunos.

A compreensão do conhecimento não é a de se chegar à idéia de uma verdade única :

*"Esta visão moderna de conhecimento, esta epistemologia da verdade única afetou todos os aspectos da vida ocidental, todas as instituições. A educação não foi exceção..." ( Kincheloe, 1997:13 )*

O mundo com as concepções de Descartes e Newton – conceito de causa e efeito – levou a ciência a transformá-lo: *"O comércio foi incrementado, o nacionalismo cresceu, o trabalho humano foi medido em termos de produtividade, e a natureza foi dominada" ( Kincheloe, 1997:13 )*

A educação esteve nos últimos anos, envolvida com diversos pensamentos que a formataram estando entre eles: o reducionismo, o mecanicismo, o positivismo e o materialismo. Sendo assim, a educação tem tratado o indivíduo como apenas um ser racional envolvido na lógica do pensar analítico e tendo como objetivo de conhecimento, fatos fragmentados para melhor serem conhecidos e explorados.

Passando a tratar esta análise de um dos aspectos do positivismo, encontrei a famosa frase atribuída a Locke: "...a mente humana é uma tábula rasa" na qual as idéias são gravadas através das percepções sensoriais, combinando-se em estruturas mais complexas em um processo de associação. Salientando este pensar, quantas e quantas foram as vezes que fomos obrigados a decorar sem compreender o por que ? Há muito a educação usa desta visão fragmentada mecanicista de mundo, visando sempre e apenas objetivos concretos de tudo ao nosso redor, crescemos de um modo incompleto.

Incompleto porque, se não fosse isto, não estaríamos buscando quais seriam os novos caminhos para trilharmos na educação nem tampouco nos perguntando: Aonde foi que erramos ? O que foi que fizemos educando indivíduos capazes de construir fábricas cujos detritos poluidores são jogados nas águas de um rio que abastece uma cidade ? Ou mesmo indivíduos que não conseguem evitar um acidente trágico como o derramamento de óleo na Baía de Guanabara que tantos transtornos à natureza trouxe ?

*"Desastre ecológico fará a Petrobrás gastar mais que aplica em investimentos ambientais" ( Isto É, 02/02/2000, nº 1583 )*

A reportagem me mostra que este desastre poderia ser evitado se não houvesse falha na educação dos homens que cuidam da estatal. A educação incompleta é aquela já referida neste capítulo. Esta educação incompleta é

incompatível com a cultura ( conhecimento ) do povo indígena.Quando este povo necessita fazer qualquer intervenção na natureza, como por exemplo algo que mude o curso de um rio, eles se reúnem para discutir e projetar quais serão as consequências desta alteração.Quem me transmitiu estas idéias, foi minha avó materna cuja descendência era indígena.

Alteração tomada por eles na natureza, pensando sete gerações a frente de seu tempo.Se isto for prejudicial a esta geração, eles não realizam a obra.Com isto quero dizer que a cultura indígena me mostra o pensar complexo, o refletir crítico e o não agir com imediatismo para atender determinadas situações que poderão ser novos problemas no futuro, por isto mesmo estas idéias são importantes.Qual é a cultura mais sábia ? A indígena ou a ocidental ? A cultura oriental ou ocidental ? Qual é a cultura da verdade afinal ? Como já nos detalhou Morin, esta dialógica prossegue sempre entre "as verdades da razão e as verdades do coração".

Compreende-se com esta concepção que estou envolvida em um novo processo de reorganizar o conhecimento.

*"De início, ao duplo foco incandescente em Yin Yang, que se manteve no centro ativo de tudo aquilo em que eu iria acreditar e pensar: dúvida-fé, desespero-esperança...e ele que suscitará uma dialógica permanente, primeiro marcada pela passagem de um termo da alternativa ao outro e, em seguida, assumindo os dois termos ao mesmo tempo" ( Morin,1997:190 )*

O conhecimento reorganizado nesta perspectiva de Morin, entre o positivo e o negativo poderá recompor e somar as partes para transcender as fronteiras do saber.Se deixei de refletir neste contexto explícito irei manter o pensamento cartesiano e continuar a separar os pensamentos, sensações e estado de espírito de nossos alunos de suas histórias e realidade social vivenciada por eles. O

pensamento do intelectual transformador não pode passar sem dúvida alguma sem as idéias de Morin:

*“ Devemos resistir aquilo que separa, desintegra e distancia...Resistir, resistir em primeiro lugar a nós mesmos, a nossa indiferença e a nossa desatenção, a nossa preguiça e ao nosso desânimo, a nossa vis pulsões e mesquinhas obsessões. Resistir por / para / com amizade, caridade, piedade, compaixão, ternura e bondade. A resistência à crueldade do mundo deve tentar manter a união na separação, tentar unir o que está solto deixando livre, suscitar o arrependimento concedendo o perdão...é que chamaria de esperança .” ( Morin, 1997 : 274 )*

## 1.6 METODOLOGIA DE PESQUISA

A metodologia de pesquisa adotada para o estudo é o da pesquisa ação com a visão teórica através da qual construí e analisei o meu objeto de pesquisa e incluí a descrição do perfil e das características dos sujeitos envolvidos, o procedimento utilizado para obtenção de dados, os critérios adotados para a análise e interpretação dos resultados obtidos.

### 1.6.1 SUJEITOS

Os sujeitos eleitos para o estudo são estudantes do Projeto Educacional Comunitário Nossa Senhora de Fátima do Programa "100 Analfabetos" Sorocaba e Região da Universidade de Sorocaba, onde atualmente se concentra o público alvo da pesquisa. Nesta etapa do trabalho, diagnosticou-se no Bairro Lopes de Oliveira, em Sorocaba, a necessidade de se criar um Curso de Suplência I na EJA. O que se diagnosticou na realidade vivenciada por aquela comunidade, foram dados extraídos através da entrevista.

- um grande número de alunos fora da idade regular do ensino fundamental impedidos de estudar por falta de vagas na escola pública;
- falta de um espaço cultural e de lazer na comunidade;
- relações sociais estremecidas entre adolescentes e pessoas de mais idade na realidade vivenciada pelas pessoas do determinado grupo pesquisado;
- um número destacado de adolescentes sem objetivo na vida e envolvidos em pequenos delitos e com a droga;

O estudo foi realizado com sessenta e cinco alunos, estudantes do Curso de Suplência I de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental na EJA.

Observando as variáveis: renda familiar e o perfil anterior destes alunos antes de se encontrarem neste projeto de pesquisa.

<b>PERFIL ANTERIOR DOS ALUNOS</b>	<b>ALUNOS</b>
Fora do senso escolar na escola pública pôr qualquer impedimento	15
Abandono dos estudos voluntários	15
Fora da escola pôr necessidade de trabalho	35
Total:	65

<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>ALUNOS</b>
14 a 18 anos	16
19 a 25 anos	15
26 A 40 anos	28
41 a 52 anos	06
Total:	65

<b>TRABALHAM</b>	<b>ALUNOS</b>
Carteira assinada	15
Carteira não assinada	35
Total:	50

<b>NÃO TRABALHAM</b>	<b>ALUNOS</b>
Desempregados	15
Total:	15

<b>RENDA FAMILIAR</b>	<b>ALUNOS</b>
1 a 2 salários mínimos	45
3 a 4 salários mínimos	10
4 a 5 salários mínimos	10
Total:	65

<b>REGIÃO DE ORIGEM</b>	<b>ALUNOS</b>
Norte	4
Nordeste	19
Sul	21
Sudeste	18
Centro-Oeste	3
Total:	65

O levantamento apresentado abordou dados quantitativos, apontando características que demonstram o perfil relativo da realidade vivenciada pelos alunos de 5ª e 8ª séries, objetos da pesquisa.

Verificando-se as variáveis, me chamou a atenção os fatores faixa etária e a origem destes alunos pois são eles de diferentes regiões do país e é muito interessante a diversidade que se apresenta e isto me faz refletir nas características culturais e intergeracional que poderá se apresentar nos diálogos na sala de aula.Relevantes para melhor compreendermos as raízes de alguns posicionamentos adotados nas defesas das idéias.A variável renda familiar apenas confirmou algo que já sabia ou melhor, são dados que nos apontam a má distribuição de renda no Brasil.

Percebe-se logo, o quão foi importante detectar, através de entrevistas, estes aspectos logo no princípio da pesquisa.Foi desta maneira que nossa experiência voltou-se para estas variáveis no momento de formularmos questionamentos no processo do diálogo.Não que isto fosse pré-determinado e sim porque me ajudava, intuitivamente, a direcionar certas perguntas que levantariam polêmicas necessárias para maior compreensão do fato discutido.Seriam estas respostas que atenderiam plenamente as expectativas criadas no momento do diálogo.A importância de fatores como o intergeracional e multi-cultural servirão para amparar as discussões contribuindo para a construção do conhecimento.

## 1.6.2 PROCEDIMENTO PARA A COLETA DE PESQUISA

No Programa 100 Analfabetos, fui orientada a procurar nos bairros da periferia da cidade de Sorocaba, uma comunidade que necessitasse da atuação de professores de Suplência I na Educação de Jovens e Adultos.

Voltando à origem, isto é, ao bairro em que havia trabalhado, quando ainda professora da Prefeitura Municipal e qual não foi minha surpresa ao rever ex-alunos participando de um grupo como líderes da comunidade. O grupo, pelas próprias mãos e com recursos financeiros angariados através de campanhas sociais, conseguiram construir uma igreja na qual fazia parte a comunidade na administração dela.

Em minha primeira reunião, expus a idéia do Projeto Educacional idealizado por esta pesquisadora que previa uma atuação junto ao grupo. Na reunião, se diagnosticou a realidade vivenciada pela comunidade e, no nosso segundo encontro, apresentei o Projeto Educacional que gostaria de ver implantado no bairro.

Neste projeto, o objeto de minha investigação, mantinha as seguintes características:

- Seria um Curso de Suplência I de 1<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries do ensino fundamental.
- Como professora atuante no projeto tinha por objetivo olhar além do currículo para poder ver, exercer e saber da possibilidade de tomar atitudes de cidadania coerentes à realidade em que trabalho;
- O fundamento norteador do projeto seria de investir na construção de idéias diferenciadas destes alunos para uni-los como membros de um grupo de diferentes segmentos de bairro e que tivessem por hábito educacional,

discutirem e interpretar, mesmo fora do horário de aula, fatos que envolvessem a comunidade em que residem como um todo;

- Outros fatores detectados na pesquisa dos objetivos do projeto: esta comunidade é desprovida de um espaço cultural como cinema, bibliotecas, teatros e muito menos espaço para o lazer a não ser um terreno terminado em um barranco que atende a alguns jogadores de bola do bairro. A consequência talvez deste aspecto é um grande número de adolescentes sem perspectiva alguma na vida a não ser o de cometerem pequenos delitos para sentirem-se inseridos no contexto social do bairro.

O projeto , analisando estas características da comunidade, estabeleceu fatores inter humanos norteadores de nossas relações.

- **A porta aberta:** a porta de nossa sala de aula se manterá sempre aberta para adentrarem nela, pessoas interessadas em aprender independente de origem, idade, condição social ou mesmo fama como de viciado ou bandido. Mas também e principalmente atendermos os excluídos por falta de vaga ou incapacidade do Sistema Educacional do Ensino Público;
- **Espaço multi-cultural e intergeracional:** neste espaço reinará a valorização do conhecimento cultural destes alunos, migrantes de diferentes Estados do nosso país. Este fator somado ao diálogo de diferentes gerações ( diferentes faixas etárias ) fomentará uma rica diversidade cultural que estarei conhecendo na descrição dos presentes diálogos na pesquisa;
- **A criação de um espaço:** no qual as pessoas desta comunidade pudessem socializar idéias através do diálogo e discussão de temas que envolvendo o interesse da comunidade e o da sociedade como um todo;
- **Espaço interacional:** criar um espaço cultural onde exista uma biblioteca constituída por bons livros, uma televisão e vídeo que serão utilizados nos finais de semana quando os alunos, independente do professor, possam se

reunir para juntos compartilhar a troca de idéias sobre os filmes assistidos em grupo.

Pude acrescentar à estes fatores um novo pensar isto é, buscar construir um pensamento complexo que consiga alinhar os interesses sociais e culturais desta comunidade com uma cultura mais ampla e desconhecida de muitos alunos.

*“O pensamento complexo não esgota a surpresa. Vivo me surpreendendo. Minha surpresa não é apenas infantil. O que é isto ? Porque o carro anda ? É também e sobretudo, uma surpresa da consciência despertando para desconhecido do conhecido que quanto mais evidente é o conhecido... Tudo me surpreende, sempre, cada vez...” ( Morin, 1997:265-266 )*

Ter a consciência despertada para o desconhecido é aquela ação de buscar sem cessar transformar as idéias renovando os pensamentos. Este é o desafio: o de criar o hábito que poderá ser o de nunca se cansar em conhecer as coisas, os fatos, os direitos, os deveres e sua posição como cidadão do mundo.

Após a apresentação da proposta do projeto na reunião, o grupo levantou as hipóteses de como colaborar na instalação do projeto na comunidade. Os alunos envolvidos na reunião, delinearam os primeiros passos para a implantação do curso e decidiram que a sala de aula ficaria instalada no porão da igreja i construída por eles.

### 1.6.3 A CONVIVÊNCIA COM O GRUPO DE PESQUISA

Esta pesquisa se realizou pôr três anos consecutivos durante duas vezes por semana com a duração de duas horas e meia por noite.

A procura em adotar a postura dialógica-crítica para provocar as transformações pessoais nos meus alunos, me levou a qualidade de pesquisadora. Como pesquisadora, pretendo observar esta hipótese levantada e ver se é possível teoria e prática demonstrar a importância do diálogo e dialógico na Educação de Jovens e Adultos e se isto realmente ocorre com a palavra dialógica crítica da professora que busca desenvolver esta prática reflexiva.

As disciplinas escolhidas de 5ª a 8ª séries do Ensino Supletivo, foram as de Português e História. Procuo aprender, pesquiso para me aprofundar no conteúdo programático para melhor desenvolver esta função em manter um certo equilíbrio em minha pessoa.

O equilíbrio ao qual me refiro é aquele comigo mesma, o de compreender a responsabilidade que norteia o meu trabalho. O conteúdo programático ao qual vislumbro é aquele que dará aos alunos a oportunidade de prestarem os exames devidos ao Estado a fim de obterem licença para prosseguir seus estudos em nível de 2º grau, mas procuro refletir sempre sobre as linhas de pensamento da pedagogia crítica e ao discutir com este currículo conteudista, procuro trazer à discussão o conjunto de experiências de meus alunos. Com isto, quero dizer, que é o conjunto de experiência de meus alunos que determinam qual o conteúdo curricular a ser aproveitado em nossas discussões.

Na minha reflexão, como é possível a pessoas leigas, sem formação pedagógica, não discuto aqui a boa vontade, assumirem uma tarefa como esta,

principalmente se não houver na mente dessas pessoas a preocupação com a responsabilidade em educar jovens e adultos, é um fardo muito pesado. Um fardo pesado para a própria sociedade carregar por muitos anos ainda se continuar havendo campanhas com este intuito assistencialista de educação.

*"A educação não aparece mais como uma aventura sonhada por irresponsáveis nem como uma ilusão utópica mas como uma utopia que se concretiza, por um trabalho realizado em comum..." ( Furter, 1992:63 )*

Vale ressaltar aqui que a escolha das matérias referidas, foram determinadas para assegurar uma idéia construída entre conexão prática e teoria, sendo este o fundamento de minha veemente defesa da idéia cujo cerne é o seguinte: A História explica os dias atuais e os textos da atualidade explicam a História.

*"Do mesmo modo devemos complexificar o tempo considerando a dialógica entre o passado e o presente, na qual não é apenas o presente que é construído pelo passado que é sempre reconstruído pelo presente." (Morin, 1996:131 )*

Em 1998, iniciei as aulas enfatizando sempre aos alunos, a importância de adquirirem o hábito de consultar o dicionário para melhor compreender o significado das palavras. Neste ano, o processo começou a sustentar a idéia do diálogo. O diálogo se dava nas disciplinas de Português e História Geral. Após a leitura de um texto, de uma reportagem jornalística, de um trecho de uma obra literária ou filosófica referentes às disciplinas, evoca-se a reflexão.

Levantam-se as questões. Inicia-se o diálogo. E é comum nesses diálogos surgirem menções e comentários como: " Tenho vergonha de falar ", " Ainda não pensei neste assunto", " Não sei o que significa esta palavra" . Estes comentários

geram a oportunidade de transformar estas perguntas em outras perguntas e criar maneiras para facilitar a interpretação dos textos lidos.

Em alguns textos discutidos, surgem sugestões para novos assuntos e quantas foram as vezes que a busca de textos se deu para oferecer recursos de pesquisas para algumas perguntas identificadas pelo grupo. Os diálogos " eu e tu" começaram a cada dia surpreender pela agilidade de raciocínio e com respostas as vezes com muita propriedade e, em outros momentos da intervenção, totalmente alheia ao assunto.

Direcionando o diálogo, há inúmeras questões. O que me chamou a atenção, foram as pontes de ligação que os textos causaram com a vida pessoal de cada aluno.

#### 1.6.4 OS REGISTROS DOS DEPOIMENTOS – DUAS FASES

Primeira fase:

A transcrição das aulas em relatórios foi a melhor maneira encontrada para o registro de depoimentos dos diálogos. Adequiei um estilo de escrita que tornou-se um hábito que era o de anotar durante o processo do diálogo, as palavras chave dos comentários enumerando-as em uma folha de papel que mantenho sobre a mesa durante as aulas e logo após o término da aula, completo o relatório.

Se tiver por hábito relatar, como em um diário, os dramas vivenciados em uma aula considerada difícil, pode-se depois rever os motivos que levaram à esta situação. Situação em que não se presencia os ecos das indagações refletidas e respondidas, movimentando assim o processo complexo entre alunos e professor. No momento, o instigador, ao relatar esta situação, estará, com certeza, frustrado ao descrever o ocorrido. Mais tarde, quem sabe, no dia seguinte, ao reler a situação vivenciada, começará a levantar hipóteses, buscando os entraves que causaram a dificuldade e estará assim refletindo sobre sua prática.

O papel do pesquisador responsável, tem pela frente um fato problemático, o de repassar para os relatórios com extrema precisão, as falas dos alunos e intervenções do professor.

*"Fatualmente, a responsabilidade existe somente quando existe a instância diante da qual me responsabilizo e a auto-responsabilida de, tem uma realidade somente quando o "eu mesmo" diante do qual me responsabilizo penetro no absoluto" ( Buber, 1982:50 )*

Será esta responsabilidade comigo mesma, em primeiro lugar, que estarei buscando para transcreever, com equilíbrio, os fatos que mais possam contribuir para esta reflexão. Ela depende de três pontos de análise: o exame dos vários elementos da fala do professor e dos alunos; a postura do professor ao perguntar, instigar ou intervir na mediação dos diálogos e observar nos textos elaborados pelos alunos ao final de cada aula, em forma de crítica, trazem para sua essência alguma percepção adotada pelo aluno durante o colóquio. Através do presente trabalho, passo a apresentar a organização da pesquisa quanto aos depoimentos dos participantes.

#### Segunda fase.

Foi solicitado aos participantes que registrassem ao final de cada aula um depoimento escrito livremente, suas percepções a respeito dos diálogos e como eles contribuíram para o seu entendimento. Embora lhes tenha concedido um tempo de cinco minutos ao final da aula para que registrassem suas percepções não sendo possibilitada a entrega no dia seguinte, alguns ultrapassaram este limite prolongando o meu horário de saída por dez a quinze minutos.

Foram entregues textos bem argumentados mas, alguns alunos, em uma média de doze, deixaram de entregar em certas aulas. Em outros momentos, não houve o tempo necessário para que os alunos fizessem as anotações. Os documentos entregues foram suficientes para a análise mas as gravações dos diálogos não foram consideradas de boa escuta. Estas anotações dos alunos foram importantes para esta pesquisa.

### 1.6.5 PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DIÁLOGOS DO RELATÓRIO.

A análise e a interpretação dos depoimentos seguiu as fases propostas por Bardin ( 1991 ) : a pré –análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

1. Pré-análise: esta primeira fase teve o objetivo de sistematizar as idéias iniciais para organizar a exploração do material, incluindo a escolha dos diálogos e dos depoimentos dos alunos, a formulação de hipóteses e objetivos e a identificação de indicadores para fundamentação da interpretação final.

Os passos estão descritos a seguir:

A escolha dos relatórios dos diálogos e os depoimentos produzidos pelos alunos constituíram o *corpus* do material. Todos os relatórios e documentos escritos foram definidos como documentos a serem analisados. Os diálogos e depoimentos foram transcritos na íntegra e sem alterações ou correções, procurando-se manter a mesma estética adotada no original.

A formulação de hipóteses. A partir do conhecimento da pré-análise, as primeiras leituras visaram à familiarização para compreender o sentido geral de cada um e do todo, como um único conjunto e formular as hipóteses iniciais norteadoras da análise categorial temática.

Essas leituras mostraram que muitos diálogos foram densos. O material é rico, mas de difícil escolha dos relatórios dos diálogos e dos depoimentos escritos, embora os textos contemplem inúmeras incorreções ortográficas, gramaticais e

sintáticas, estas não representam prejuízo à compreensão dos seus sentidos. As leituras iniciais resultaram na formulação das seguintes hipóteses:

- a) Na primeira hipótese travou-se diálogos em busca de uma definição de compreensão sobre cultura. Isto significa fornecer aos estudantes instrumentos críticos de que necessitam para poder refletir sobre as práticas sociais, principalmente as prejudiciais nas relações inter-humanas no convívio comunitário. Ao compreendê-las, poderá modificar-se e ao mesmo tempo construir novos valores que colaborem com a nova organicidade social daquela comunidade. Construir conhecimentos para sustentar uma visão mais abrangente e histórica para que se possa interpretar o presente com maior legitimidade.
- b) Tratará de redefinir os valores humanos, discutindo-se a compreensão dos significados destes valores relacionando-os às experiências anteriores e vivenciadas pelos alunos, permitindo a formulação de questionamentos de algum modo desafiante que incentivem uma discussão e relacionamento de tipos de relações entre os fatos que acontecem e estes valores, adotando noções de aplicações de conceitos novos em um processo de negociação de significados para os acontecimentos reais no cotidiano destes alunos.
- c) A terceira hipótese, irá tratar da construção de um juízo crítico que poderá julgar o que houver entre as linhas de um texto ou de uma situação vivenciada, podendo desconstruir, reinterpretar ou integrar aquilo que vê no mundo.

Todas as hipóteses descritas se procederão através das interpretações dos diálogos despertados por textos retirados da História ou da realidade vivenciada pelos alunos que trarão à sala de aula as suas experiências pessoais.

*A formulação dos objetivos:* Os objetivos iniciais estabelecidos para a análise dos relatórios incluíram a identificação dos temas emergentes nos diálogos e suas posteriores relações com os temas enfatizados pelas quatro abordagens

teóricas da pesquisa e a colaboração de alguns autores de minha pesquisa literária.

*Os indícios e indicadores:* Foram adotados como indícios de análise os aspectos mais discutidos nos diálogos e como indicadores sua presença ou ausência nos depoimentos escritos.

2. **A exploração do material:** esta segunda etapa corresponde a uma transformação dos dados brutos retirados dos relatórios dos diálogos para expressar o seu conteúdo. O levantamento destes relatórios inclui a especificação de unidade de registro e de contexto e a especificação de categorias de classificação e agregação.

*Unidade de contexto :* A busca de temas abordados em sala de aula foram agrupados conforme as hipóteses demonstradas. Após os diálogos em cima destes temas, verificava-se os relatórios destes diálogos, unidades de registro, que seriam bases de análise observando-se o quadro teórico. Procurava-se então identificar-se nas unidades de registro, as categorias percebidas como referencial para análise dos diálogos dos sujeitos envolvidos.

As unidades significativas identificadas nos relatórios dos diálogos e os depoimentos escritos pelos alunos, foram analisados. As leituras, nesta etapa da análise, procurava verificar exatamente o que o sujeito quis dizer em seus próprios termos buscando tematizar suas percepções e intenções para, em seguida, relacioná-lo aos temas incluídos nas categorias, hipóteses levantadas e estabelecidas.

*Especificação de categorias que foram elaboradas a partir da falas dos alunos no desenrolar dos diálogos em sala de aula:*

- as expectativas dos alunos em relação ao estudo.
  - verificar as relações inter-pessoais em sala de aula.
  - recontextualizar valores sociais em sala de aula.
  - Identificar o desenvolvimento das falas críticas.
3. **A análise e interpretação dos resultados:** poderá ser encontrado no terceiro capítulo deste trabalho, nele serão apresentadas as unidades significativas buscadas na síntese geral, destacados os resultados da análise final, serão incluídos nas considerações finais.

## CAPÍTULO 2 - ILUSÃO OU MITO ?

"A condição humana está marcada por duas grandes incertezas: a incerteza cognitiva e incerteza histórica" (Edgard Morin)

Como posso entender a educação de jovens e adultos ? Contruí uma visão significativa para pensar em educar jovens e adultos. Seria esta educação uma ilusão ou mito ? Ilusão ou caso típico de um mito que foi definido segundo R.Barthes *"como uma palavra que designa uma realidade mas,ao notificá-la, a deforma, porque lhe dá uma forma emprestada a uma imagem motivada, mais parcial"* (Furter,1992:71)

A Educação Popular no Brasil, designou sempre uma realidade e hoje designa uma realidade mais complexa como a Educação de Jovens e Adultos mas quando os movimentos em prol desta realidade existem, emprestam-lhe uma imagem motivada mais parcial pois não vê como real prática educacional social.

A visão é parcial pois, quando aparecem campanhas, apenas se fala da Alfabetização de Adultos e quase nada sobre a continuidade dos estudos destas pessoas, principalmente em nível de ensino médio e muito menos não se levanta nenhum projeto que comece a tratar da EJA com referenciais educacionais que vá além de apenas eliminar o analfabetismo.

A Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, desencadeou Congressos importantes que discutiram este assunto pendente no final dos anos 50 e início da década de 60, ocasião em que o país buscava adequar novos métodos pedagógicos cuja finalidade seria a de facilitar a democratização do ensino para todos.

*"...O Ministério da Educação e Cultura estimava em cerca de cinquenta por cento a porcentagem de analfabetos na população adulta do país..." ( Beisigel, 1992:109 )*

Esta é uma imagem motivada da situação em que a educação do Brasil se encontrava mas apesar de uma campanha de âmbito nacional como esta de democratização do ensino para todos, a visão foi parcial, pois as fontes de financiamento não partiram do governo brasileiro mas sim de um país que na época se dizia interessado no desenvolvimento do Brasil.

*"Um dos mais discutidos episódios ligados à experimentação realizada com o método Paulo Freire foi seu financiamento com recursos da USAID" (Paiva, 1986:20 )*

A ilusão ou mito se encontram talvez em nós brasileiros em acreditarmos nesta visão parcial que o governo independente de época nos passa sem que realmente invista em educação, principalmente a popular.

Uso a expressão, nós brasileiros acreditarmos, porque, nestes últimos anos, movimentos sociais de âmbito nacional não conseguiram se fazer presente no Brasil apenas em algumas regiões ele se apresenta mas de modo isolado não conseguem cobrar realmente do governo um investimento maciço na Educação Popular. Somente conseguem vislumbrar.

*"Grandes projetos salvadores da educação brasileira , tão grandes quanto distantes da realidade das condições concretas de vida da maioria da população brasileira aí incluídas especificamente alunos e professores, células básicas de nosso sistema escolar" ( Brandão, 1985:108 )*

A grande incógnita continua o reconhecimento da capacidade dos educandos e educadores com células sociais em movimento em nossa sociedade. O Brasil passou, se analisarmos sua história educacional, por momentos que mostram somente projetos com visão parcial, pois seria o investimento real neste tipo de educação que poderia se falar em uma imagem motivada, serem eles lançados para amenizar as reivindicações fragmentadas de nossa sociedade.

Na mesma perspectiva, atualmente, a Educação de Jovens e Adultos está contemplada no nova L.D.B. que aponta, timidamente, ao meu ver, em um de seus capítulos e explicitado em apenas dois artigos, a garantia de jovens e adultos obterem o acesso e darem continuidade aos seus estudos sendo que, infelizmente, não descartam neste capítulo, a idéia cujo cerne sempre envolveu este tipo de educação.

A idéia é a de ligar a Alfabetização e a Educação de Jovens e Adultos à força da palavra assistencialismo. Talvez aqui se encontre o verdadeiro mito ou ilusão da Educação de Jovens e Adultos; é incompreensível tratar este tipo de educação pensando reduzir estes alunos à condição de objeto da boa ação de alguém. É necessário abandonar esta visão extremamente técnica para adotar a idéia de criar algo realmente novo.

Assistencialismo, doação, são palavras que em minha experiência como educadora de adultos, são abomináveis, isto se realmente compreender o significado de construir conhecimento. Se este conhecimento for construído seguindo a sugestão referida, poderá ser que ele venha realmente de encontro com as necessidades destes alunos que muitas vezes foram excluídos da educação formal praticada em nossos dias.

*“Assistencialismo é uma forma de ação que rouba ao homem condições à consecução de necessidades fundamentais da alma humana – a responsabilidade. Não há decensão. Só há gestos que revelam passividade e desmistificação do homem” ( Freire, 1959:14 )*

Será novamente uma ilusão ou mito falar ou tratar da Educação de Jovens e Adultos na perspectiva como: falta de investimento real por parte da sociedade e do Estado e o assistencialismo sem responsabilidade. Quando penso responsabilidade, é tanto de educadores quanto de educandos que necessitam estarem conscientes de serem eles células vivas de uma sociedade. A responsabilidade é de ambos, de participarem da construção inacabada do conhecimento que poderá transformar a realidade vivenciada por cada um em seu cotidiano.

#### Ilusão ou Mito ?

É não acreditar ser a educação um fator determinante de mudança social, esta mudança só virá com a transformação daqueles que compõem e compartilham verdadeiramente o seu papel de cidadão em nossa sociedade, que tem de afastar-se do perigo da desigualdade econômica e social. Os educadores necessitam realmente assumir o papel de intelectual transformador com o pensamento.

*“ A exigida reforma do pensamento vai gerar um pensamento do contexto e do complexo. Vai gerar um pensamento que liga e enfrenta a incerteza.” ( Morin, 2000 : 92 )*

O que nós educadores não podemos criar é mais uma espécie de exclusão, a exclusão do processo de conhecimento complexo e dinâmico que se acelera , impedindo o homem de usufruir das novas condições de vida longa das

promessas previstas pela tecnologia. Não seria uma finalidade real, mas que existem perspectivas infinitas, existem.

*Nem ilusão ou mito portanto, apenas..."A educação não pode de maneira alguma, continuar sendo definida como uma técnica social que aperfeiçoa o homem até que ele se torne um ser perfeitamente integrado no edifício harmonioso de um cosmo pré estabelecido. Ao contrário, a educação de nosso tempo deve ser mais ambiciosa e ser também a oportunidade dada pela sociedade à sua juventude para se preparar se pôr em condição para enfrentar as perspectivas infinitas do mundo atual..." ( Furter, 1992:22 )*

Um mito ? Não, apenas uma idéia para ser discutida para organizar um futuro currículo diferenciado na EJA em todos os níveis de ensino.

## 2.1 A PESQUISA-AÇÃO, A REVOLUÇÃO INTELECTUAL

É oportuno lembrar, Paulo Freire participou das circunstâncias do meu eu desde o princípio em que me envolvi com a Educação de Jovens e Adultos, sendo que suas idéias e ação complementaram os meus pensamentos. Portanto, foi pensando nele que compreendi a importância da pesquisa-ação, uma maneira pela qual poderia construir e produzir novos conhecimentos.

Lembrando Paulo Freire, ele incentiva a esta professora na EJA procurar conhecimentos que poderiam vir a resolver os problemas vivenciados em meu cotidiano profissional como educadora de jovens e adultos. Posso também me referir a Graduação em Pedagogia, pois como aluna deste curso, convivi com as mesmas inquietações da complexidade na prática pedagógica.

*"...É importante entender a dimensão da melhoria da prática. Esta consiste em implantar os valores que constituem seus fins. Tais fins não se manifestam só nos resultados de uma prática mas também como qualidades intrínsecas da mesma prática. Isto transcende a distinção entre processo e produto."* (Pereira, 1998:164)

Posso aqui passar a denominar a melhoria da prática, como "prática reflexiva", aquela que compreende a complexidade do processo educacional. *"Como a pesquisa – ação se constitui numa prática reflexiva que aspira a melhorar a concretização dos valores do processo, ela assume uma dimensão ética e uma dimensão filosófica."* (Pereira, 1998:165)

Justamente na companhia de filósofos como Buber e Gusdorf e sociólogos como Giroux e Morin é que procurarei eticamente buscar na reflexão crítica o valor da prática educativa no diálogo e dialógico de minha sala de aula. Interagir com

meus alunos, buscando as percepções sobre os problemas comuns em sala de aula e na escola a partir de uma preparação específica sobre questões metodológicas e epistemológica, foi o meu objetivo. Estes pensadores poderão auxiliar o meu desejo em reestruturar e capacitar a melhora de minha prática, dando-me a capacidade em decidir a direção da ação educativa.

Quando me refiro a palavra ética, quero dizer com isto que a pesquisa – ação não é para mim uma maneira de controlar o tipo de aprendizagem dos alunos com a finalidade em alcançar os objetivos pré-estabelecidos. Com objetivos pré-estabelecidos, quero dizer idéias fundamentadas em lutas de classe por transformações revolucionárias ou direcionar idéias que beneficiem ideologias partidárias.

O que eu defendo como já me referi é a liberdade na qual cada aluno por si possa construir suas idéias baseadas no conhecimento complexo isto é: sempre conhecendo as dicotomias existentes como cultura popular, cultura erudita, sociedade capitalista, sociedade socialista ou fenômenos sociais e culturais que preencherão as idéias a serem discutidas pelos alunos. Sendo que a direção da ação educativa estará sendo pautada na reflexão entre as lógicas da razão e emoção, caracterizando assim a visão complexa.

Visualizando a transformação pessoal dos alunos que as relações sociais na comunidade poderão melhor se desenvolver. A pesquisa procurará observar determinadas características:

- a participação ativa de toda a comunidade escolar na relação dialógica eu e tu durante o processo investigativo;
- o reconhecimento benéfico para a pesquisa do conhecimento prévio dos alunos e a investigação estará pesquisando se esta realidade desejada se manifestará;

- a conexão teoria e prática como a verdadeira ação para a transformação;
- a investigação e a ação caminhando concomitantemente com as idéias que defendam na prática reflexiva para melhor fundamentar à esta defesa;
- serão as necessidades pessoais de conscientização determinadas pela pesquisa-ação;
- a pesquisa será organizada de modo a provocar ações nos estudantes.

A pesquisa ação em educação se constitui hoje em um movimento bastante difundido, principalmente na Inglaterra, Austrália, Canadá, Alemanha, Áustria, Espanha e Estados Unidos, isto segundo o educador John Elliott, e desde a década de 60, vem publicando e difundindo a idéia de professor como pesquisador.

A pesquisa-ação adotada pelos professores poderá contribuir para que a educação não se limite à transmissão de informações, além disso, as informações em uma determinada disciplina, área ou curso, têm uma breve existência devido o surgimento de novas descobertas.

Os professores necessitam ter habilidades para procurar soluções para seus problemas educacionais, visto que não existe um receituário que garanta um ensino aprendizagem eficaz. A pesquisa é a base para a tomada de decisões, ao professor competirá selecionar os resultados, os caminhos para as novas posturas. A prática reflexiva somente tem sentido para os professores que desejam pensar sobre as dimensões sociais e políticas da educação e do contexto em que ela se insere.

## CAPÍTULO 3 – É NA PRÁTICA QUE SE CONSTRÓI CONHECIMENTO

“Queremos ser os poetas de nossa própria vida,  
e primeiro, nas menores coisas” ( Nietzsche )

Considerando a prática como um todo, posso afirmar que existem momentos difíceis em meu dia a dia como educadora na EJA. Momentos em que cai em um profundo abismo dentro de mim mesma e que não consigo vislumbrar nada de bom. Ao reler os meus relatórios, as inquietações transformam-se em busca do saber.

Uma das minhas inquietações é a palavra responsabilidade do educador, palavra chave na educação de Jovens e Adultos. Responsabilidade em saber que este trabalho não é assistencialista e sim um trabalho que envolve uma postura de um idealista revolucianário. Aquele cujo equilíbrio entre o conhecimento e sua análise crítica promova transformações.

Transformar algo ou alguém, necessita de idéias novas em sua metodologia que possa romper o círculo vicioso e paternalista criado na realidade assistencialista que agasalha a educação popular ou EJA há muito tempo. Já Paulo Freire dizia: “ Esta transformação se dará dentro de seu ecletismo otimista como sendo um somatório das contribuições de todos os verdadeiros revolucianários”.

Os verdadeiro revolucianário será aquele educador critico de sua própria prática cuja linha de pensamento repousa no seu senso de responsabilidade em não negar aos seu alunos a oportunidade de falarem com suas próprias vozes.

Uma fala que rompe com o senso comum e passa a usar o bom senso em participar de uma sociedade mais justa. É por isso que preciso pensar na complexidade da prática pedagógica que precisa buscar apropriar-se de novos saberes em um exercício constante. Segundo Adriana Dickel, professora na Universidade de Passo Fundo/RS.

*“ Diante da objeção segundo a qual os professores não podem ser pesquisadores porque não sabem o que fazem. Stenhouse retorque: a capacidade de investigar do professor depende de estratégias de alto –observação semelhante a um artista que, consciente do que faz, está sempre alerta para o seu próprio trabalho o que lhe permite utilizar-se a si como instrumento de investigação...” ( Pereira (org) , 1998 : 57 )*

Neste capítulo, pretendo especificar as categorias levantadas na pesquisa e me utilizar como instrumento de investigação para responder as minhas próprias inquietações, um exercício constante.

### 3.1 - A PRIMEIRA FASE DA PESQUISA – EXPECTATIVAS GERAIS

Em 1998, no primeiro dia de aula, no mês de fevereiro, após as apresentações de praxe, fiz uma avaliação diagnóstica para poder ter um conhecimento prévio das concepções e expressões utilizadas pelos alunos. Não apenas este lado da questão mas também para compreender quais as ansiedades de cada um ao iniciar uma nova jornada na vida. Para utilizar uma avaliação como esta, o mediador terá que estar ciente de sua postura mediadora.

*“Postura mediadora...utilizará métodos interpretativos e descritivos de análise. Expressa resultados qualitativos. Corrige o teste com a intenção de orientar o aluno e complementar noções. Analisa as respostas do aluno, sua dimensão de coerência, precisão e profundidade na abordagem do tema...” (Hoffmann, 1998:131)*

O tema escolhido para esta avaliação foi: “O que me levou a estudar novamente” .Tema a ser dissertado por cada aluno da maneira que mais lhes conviesse. Saliente, não houve diálogo nesta avaliação, apenas cada aluno recebeu uma folha com o tema a ser dissertado. Neste espaço, transcreverei apenas dois dos textos e são textos que apresentam posições opostas. O primeiro texto, escrito por uma aluna adulta que no ano de 1996 cursou a 4ª série do ensino fundamental desta escola.

“O que me levou a estudar novamente é que, na minha juventude, não tive a oportunidade de estudar por falta do ensino no meu município. Me casei, tive três filhas e preferi cuidar delas antes de mim. Mas nunca saiu de mim o desejo de voltar a estudar. Até que enfim Deus resolveu realizar o meu desejo e nos premiou com um grande presente que foi o início do Projeto 100 Analfabetos em nossa

comunidade. Continua descrevendo sobre o seu desejo e finaliza parabenizando a professora. ( Tereza,43 anos )

Já o segundo texto, é de um aluno adolescente, presente nesta aula de avaliação mas três meses após vivenciar esta situação, fazendo parte da lista de alunos desistentes.Motivo da desistência: conseguiu um emprego noturno em uma borracharia 24 horas e engravidou a namorada sendo obrigado pela família dela a se casar.

"O que me levou a estudar novamente foi meus pais e também o motivo de falta de emprego.Por que quando nós ? No meu caso, várias vezes fui atrás de emprego e não consegui por falta de estudo.E também estudar para mim, estudar é bom por causa que esqueço um pouco dos problemas..." ( Robson, 16 anos )

As redações são transcritas como foram produzidas, mas apenas os trechos importantes para a análise que busquei textos que identificassem duas realidades diferentes.Diferentes por perceber dois motivos reais da volta destes alunos à escola.

O texto do rapaz, mostra a força da família ( pais ) mas até um certo ponto em que esbarra nas necessidades e dificuldades de vida do adolescente.Um rapaz confuso no seu pensamento, demonstrado em seu texto com pensamento interceptado, o quanto é difícil enfrentar tais dificuldades.Uma análise mais profunda cabe a uma psicóloga mas para a pesquisadora, é importante detectar o que está ocorrendo com este aluno.

Como dialogar com ele para que pudesse completar melhor as suas idéias? Apesar de ser um aluno participativo, mostrava-se inseguro quando se tratava das relações humanas e percebi estas dificuldades nos diálogos mantidos durante os três meses em que ele conviveu conosco.Um quadro típico de

adolescente que estará presente nesta pesquisa, não só pela presença dele como aluno mas de pares que também enfrentam as mesmas dificuldades de adolescência.

Já o texto de Tereza, mostra-se mais tranquilo, ela é uma pessoa madura que sabe o que quer, não se referiu nenhuma vez a preocupação com trabalho em sua dissertação e sim , sempre pensando na oportunidade de aprender.

Estes dois exemplos nos mostram bem as duas faces da realidade que permeia esta sala de aula. Por um lado, alunos estruturalmente sabendo o que querem e do outro, alunos obrigados, pelas circunstâncias, a estarem presentes na sala de aula. Como posso generalizar esta situação ? Separei as redações em um total de 52 alunos presentes nesta avaliação, utilizando o seguinte critério: a força da palavra escrita.

*"A escrita permite separar a voz da presença real e com isso, têm o poder para fixar o mundo, para o estabilizar na duração, como cristalizam as palavras e dão forma à personalidade, doravante capaz de assinar o seu nome e de afirmar para além dos limites da sua encarnação. O escrito consolida a palavra..."*  
(Gusdorf, 1979)

Palavras usadas como as de Tereza, apresentam-se nestas falas que destaquei de algumas redações e merecem reflexão:

"...não posso mais ficar sem estudo, pois agora não tenho só o desejo mas a necessidade de continuar estudando..."

"Em primeiro lugar, estou com muita força de vontade pois quero aprender tudo que possa aprender. Estou feliz em ter comigo esta energia: a de que posso conseguir tudo em que confio..."

"Antes não sabia e não tinha idéia do quanto me faz falta o estudo, pois em tudo que faço, sinto falta da cultura..."

"O que me fez voltar a estudar, foi algo que despertou dentro de mim uma grande necessidade de aprender, de conhecer mais pessoas. Está na minha hora de aprender..."

"Voltei a estudar porque quero servir de exemplo mais tarde para meu filho."

São palavras como: quero, desejo, está na minha hora, me faz falta o estudo, que mostram o mundo em que estas pessoas, como Tereza, idealizam para a realidade em que vivem. São pessoas que vislumbram o estudo como caminho para o conhecimento e consequente realização pessoal. Redações como as de Robson, trazem as seguintes mensagens:

"O que me levou a estudar foi a necessidade de enfrentar as dificuldades do dia a dia que estamos encontrando com a falta de emprego."

"...tenho um sonho que é terminar os meus estudos e me formar. Quero um futuro melhor e um bom emprego."

"...sem estudo, as pessoas não são nada e eu voltei a estudar porque preciso aprender mais e, para mais tarde, não sofrer as consequências de não conseguir emprego..."

"Para ser bem sincero, voltei a estudar porque eu não conseguia arrumar um bom emprego, sou obrigado..."

Palavras como preciso, necessito, sou obrigado, mostram algo que não vem do próprio aluno, uma necessidade que brota das circunstâncias exteriores do indivíduo, como a falta de emprego, ele já não pensa em uma realização pessoal e sim em um complemento imposto pela vida.

Resumindo, ao separar as redações pela força da palavra escrita, houve um avanço significativo de alunos como Robson que construíram uma representação social que, com estudo, como fórmula mágica, estarão empregados e ganhando mais.

*“...as representações sociais são conjuntos de conceitos onde devem ser consideradas as teorias do senso comum. O senso comum é importante porque através dele, a pessoa desenvolve o seu cotidiano, criando seu estoque de conhecimentos e pensamentos.” ( Storey, 1998:63 – Reigota )*

Estes alunos estão construindo o seu cotidiano em uma imagem falsa; o conceito de que o estudo leva a um bom emprego, foi o meio encontrado para acalantar a realidade dura em que vivem. Alunos como o caso de Tereza que se encontra no momento certo para aprender, está reduzido a um grupo com menor número de componentes.

O que quero dizer com momento certo, é o destes alunos estarem motivados à aprendizagem.

*“O exame realizado ao longo das diferentes teorias da aprendizagem, evidência de forma clara não apenas a disparidade de enfoques, mas sobretudo a existência de diferentes tipos de aprendizagem.” (Sacristan, 1998:47 )*

Pensando nos diferentes tipos de aprendizagem, começo a analisar uma forma prática de despertar para a aprendizagem e não apenas pensando em

verificar o desenvolvimento teórico sobre o processo de aprendizagem. Temos noção de que não existe um processo linear entre o que a pessoa diz, pensa ou faz. Este é um processo complexo. Geralmente, as teorias de aprendizagem abordam apenas um lado deste processo e não conseguem perceber o todo.

*“Por isso se deve dar especial atenção à interação nos processos de motivação, atenção, assimilação, organização, recuperação e transferência. Agora, os tais processos não se desenvolvem na “redoma” da identidade individual chamada aluno/a mas em complexas redes de intercâmbio social, dentro e fora da aula, dentro e fora do recinto escolar, de modo as variáveis culturais, sociais e materiais do meio são extraordinária importância para compreender e orientar os processos de aprendizagem e desenvolvimento.” ( Sacristan, 1998:50 e 51 )*

Será o papel do diálogo o de resgatar estas condições citadas por Sacristan para mediar em sala de aula a construção de conhecimento dos alunos e do próprio mediador. Sendo, portanto, o conceito de aprendizagem se conseguir perceber tal conceito como um todo, aquele que consiga conectar teoria e prática em prol da mediação dialógica em sala de aula e que desperte a motivação e atenção dos alunos para construir os seus conhecimentos na rede complexa do saber. Quanto ao conceito, desta maneira compreendo o processo da aprendizagem.

A avaliação que propus, como primeiro contato entre alunos e professora, me trouxe a reflexão e percebi as ansiedades e tensões pelas quais alguns alunos se encontravam mas outras dificuldades gerais próprias do conteúdo disciplinar de Português observei como: utilização de parágrafo, ortografia, concordância verbal e dificuldade de completar e expressar as idéias.

Se as preocupações fossem apenas essas, estaríamos sendo apenas uma professora refletindo sobre o próprio desempenho. As dificuldades como as

elencadas, existem e serão sanadas a partir do momento em que os alunos sentirem a liberdade em escrever e faremos a análise durante a pesquisa se os progressos surgirão. A análise dos textos a seguir, demonstram o processo em que se foram estabelecendo as relações interpessoais em sala de aula mas é necessário antes deste entendimento, poder compreender qual é o ritmo das relações pessoais existentes nesta sala de aula.

O objetivo deste capítulo foi o de levantar as expectativas dos alunos em relação ao estudo e acabei percebendo que precisei repensar nas diferentes formas de aprendizagem.

Busquei auxílio em Sacristan e nos pensamentos da Antropologia Buberiana que se fundamenta na compreensão do homem como um ser essencialmente relacional, sendo que nesta relação ele se descobre e se conhece.

### 3.1 VERIFICANDO AS RELAÇÕES INTER-HUMANAS

Existem pessoas de diferentes faixas etárias convivendo juntas na mesma turma na sala de aula. Desde alunos muito jovens até pessoas com mais experiência de vida. Esta dicotomia etária entre jovens e adultos não interferiu negativamente nesta convivência, ao contrário, a dialogicidade destas relações foram sendo fortalecidas mais rapidamente.

A vida é um grande teste para o discernimento daquele que procura viver em paz consigo e com os outros. Luz e sombra, verdade e mentira, joio e trigo se misturam a cada instante no agitado mundo humano. Em consequência disso, a confiança cega raramente é uma boa fase para as relações humanas e sociais. A qualidade dos relacionamentos só tem a ganhar quando eles se guiam por princípios como a transparência, o controle democrático e o livre acesso à informação.

A abertura ao diálogo e ao questionamento é um gesto preventivo que impede o surgimento da hipocrisia, das maldades açucaradas e das mentiras que parecem verdades.

Os alunos, membros deste grupo, não estão livre de enfrentar o desafio da desonestidade no diálogo, mas diante das idéias de Buber, quando alguém se transforma em presença e a partir daí todos se voltam para ele dirigindo-lhe a atenção é um exercício que reveste o diálogo de autenticidade.

Presentificar e ser presentificado segundo Buber, na relação inter-humana, implica a presença ao evento de encontro mútuo e só se tornará autêntico quando se comunica ao outro o que se é realmente, pois tomar

consciência de alguém significa perceber sua totalidade como uma pessoa determinada pelo espírito.

O produto dessa dialogicidade , facilitou a construção de novas idéias através dos movimentos antagônicos e complementares que surgiram ao serem discutidos temas conflitantes.

Interessante no desenrolar deste processo , foi observar a forte amizade solidária entre estes alunos.Solidária, pois é comum acontecer resolverem problemas que surgem juntos.A princípio, os mais velhos sentiam-se incomodados com os mais jovens e, com o passar do tempo, a atividade intensa dos jovens, perguntando e respondendo rapidamente, foi conquistando os mais velhos.Apesar de nos primeiros meses os mais velhos sentirem a sensação frente aos jovens de estarem "por fora da onda", expressão usada por eles, não desistiam de tentar atingí-los com um bom conselho.

Realmente, se não houvesse o diálogo nesta sala de aula, esta conexão entre as diferentes gerações não se constituiria. E é no momento desta constituição que certas matizes da antiga essência em que se fundamentam alguns valores, florescem e aparecem no calor das discussões.

São valores preservados por uma geração que conseguiu viver mais e compreender que certas atitudes pessoais partem justamente da vinculação com estes valores e são eles que atuam aperfeiçoando as relações humanas. Já existem gerações mais jovens que, indiretamente, talvez por influência da comunicação em massa e mais diretamente com a TV que sustentam e cultuam valores muitas vezes incompreensíveis em nosso meio.

Não estou sendo ingênua em pensar apenas nestes fatores e nem tampouco posso generalizar esta posição mas esta situação pude presenciar nas

observações realizadas nesta sala de aula e analisada nesta pesquisa, observando uma passagem incompreensível certo dia, um adolescente se fez presente e desabafou:

- Nós estamos discutindo muito o comportamento dos adolescentes. Todo mundo sabe que uma amizade ruim interfere no comportamento de um adolescente, mas e se esta amizade ruim vem de uma família que não foi unida suficientemente para educá-lo, como fazer ? ( Jailton, 16 anos )

A resposta ou melhor, a intervenção veio de uma aluna de mais idade.

- Creio que a melhor maneira de evitar esta situação e não ser injusto com esta "amizade ruim" é realmente procurar fazer com que este colega leve alguma coisa a sério, porque a maioria dos adolescentes só querem viver na moleza e na moda, sempre seguindo o que vêem na televisão e não procuram distinguir o que realmente é bom e nos ajuda de verdade. ( Tereza, 42 anos)

Uma adolescente interferiu e disse:

- Esse seu amigo precisa saber que uma pessoa que recebe educação é mais aceito no grupo porque é inteligente e soube distinguir o que de melhor pode aproveitar para si. Convide o seu amigo para estudar e levar a sério a educação. (Lucimari, 16 anos)

Aquilo a princípio, parecia-me um desequilíbrio e passou a ser uma nova perspectiva global de como as diferentes gerações podem recriar uma nova expectativa de relações humanas em sala de aula. Analisando o diálogo, desafiei os alunos de opinarem por escrito se realmente a educação pode mudar alguém. Busquei um pensador para analisar este pensamento sobre educação.

*"Ora nunca devemos esquecer que a educação é o reino da comunicação, quer seja com gestos, quer seja com palavras, quer seja com olhar. Não existe educação sem comunicação. E a contribuição específica da educação ao humanismo será ensinar à novas gerações a dialogar" ( Furter, 1992:167 )*

Os mais jovens, rápidos nas perguntas e respostas, deixam a desejar no momento de se expressarem por escrito e apresentam idéias que ainda merecem reflexão.

"...aquele que não tem uma família para educar, com certeza não terá um bom comportamento." ( Alexandre, 16 anos )

Foi neste espaço que os mais velhos puderam mostrar com suas opiniões mais qualificadas o fato de que não devo afirmar apenas sobre uma só perspectiva. Deixam de lado algo que os impedia de escrever e atuarem a partir disto com responsabilidade uando a caneta, desejando compartilhar o que de melhor a vida os ensina, incentivando assim os mais novos a pensarem em situações antagônicas.

Observando a redação de uma aluna de 28 anos, encontro:

- A adolescência é uma fase difícil e bastante complexa. Há adolescentes frustados, carentes e marginais. Para muitos, viver se drogando faz parte do seu cotidiano, muitos causam tanto furor que assustam minha pacata vidinha. Já outros adolescentes nos dão lição de vida. Dizer que a culpa dos que erram é dos pais e da educação é o argumento mais frequente e antigo que conheço mas nem sempre isso é verdade. Há exemplos de famílias bem estruturadas e que lá existem adolescentes "pirados" e em outras, totalmente o contrário, são jovens que tentam educar os pais que erram. Quem sabe, ao sair da adolescência, os "danadinhos" tomem juízo e descubram que precisam ter um

bom objetivo para alcançar na vida e ainda comecem a gostar mais de si mesmos para melhor gostar dos outros." ( Viviane, 28 anos )

Como instigadora do diálogo e do dialógico entre gerações na sala de aula, as situações imersas precisam vir à tona e tornarem-se , mesmo antagônicas, para serem desconstruídas ou reconstruídas porque tanto os jovens quanto os adultos, estão construindo seus conhecimentos. A aluna Viviane conseguiu levantar uma polêmica pois os adolescentes não tinham pensado ainda desta maneira.

Os exemplos mostrados pelos mais velhos facilitaria aos mais jovens a acreditarem que também seriam capazes de pensarem mais além e ultrapassarem um argumento frequente.

Houve então uma conexão maior entre estes alunos. Os jovens permitiam aos mais velhos entrarem no diálogo com idéias mais avançadas, escutavam com atenção e refletiam o que lhes era desafiado. Os mais velhos começaram a elogiar os textos escritos pelos mais jovens, conseguindo com esta atitude, elvar a auto estima principalmente dos jovens ligados ao "rap". Nestes textos eram os jovens que diziam algo mais. Anderson nos mostra isto:

"Eu vou chegando, eu vou rimando. Pera aí, quem tá falando sou eu meu irmão, um cidadão com muita tradição, com muita vontade e possibilidade de escolher meus governantes e isto não é o bastante, eu também tenho o meu direito e obrigação na constituição. Pode crer meu irmão, eu não vivo só, eu convivo com minha família, meus amigos e minha pátria, por isso eu tou pronto, chegando com meus direitos de ser cidadão na humildade e de coração." ( Anderson, 17 anos )

As diferentes gerações se cruzam nos diálogos, cada qual preservando suas perspectivas e ao mesmo tempo, na evolução dialógica, conseguiram

crescer juntos. Os velhos valores tradicionais revestiram-se de fatos atuais e passaram a fazer parte da reflexão dos alunos. Com fatos atuais quero dizer que são aqueles que estão na mente dos mais jovens e aparecem nos diálogos geralmente fundamentados em um conjunto de conceitos baseados apenas no senso comum. Não quero dizer com isto que os mais velhos não apresentem tais idéias, o que me chama a atenção é que os mais jovens liberam mais, se assim posso me referir, um substrato de valores e de costumes não aceitos pelos mais velhos.

Não estou aqui reiventando a roda e muito menos se trata de afirmar taxativamente tal situação. A essência de meu pensamento, é a de trazer à sala de aula, discussões sobre os valores: éticos, morais e sentimentais, frente aos fantásticos progressos técnicos científicos que estão mudando completamente a vida na Terra. Basta pensar que a ética existe desde que o ser humano se pergunta a respeito do sentido de sua ação em relação com os outros. Para tanto, os fatos atuais precisam ser trazidos para discussões em sala de aula, deixando que os alunos possam expressar sua idéias.

*“Vale acrescentar que é através das idéias expressas nos diálogos que conseguimos detectar situações carregadas de representações tendenciosas baseadas em dados falsos, posições políticas, científicas, ideológicas e éticamente questionáveis.” (Reigota, 1999:115)*

Nesta situação, quando as representações são tendenciosas chegando a esbarrar na extrapolação, levanta-se uma polêmica muito grande entre estes alunos. É interessante observar nesta ocasião, que os mais velhos se manifestam com mais frequência e colocam em questão a crise de valores dos mais jovens.

Exemplificando uma representação tendenciosa, citarei frases que adolescentes disseram em discussões sobre o papel da mulher na sociedade e em outra oportunidade quando falamos sobre a importância do voto nas eleições:

"Mulher só é boa na cozinha e na cama". (Kleber, 15 anos)

"Nas últimas eleições, votei naquele que me deu o que eu estava precisando, uma camiseta. Toma lá, dá cá, é assim que se vive." (Jonas, 17 anos)

Trago para refletir a primeira situação, um pensador que também entende a educação como um ponto de partida para que o passado ( os mais velhos ) se liguem dialéticamente ao futuro ( os mais jovens ) no diálogo frutífero das gerações.

*"Uma juventude não é, forçosamente uma crise, mas uma oportunidade social, na qual os jovens se medem e, ao mesmo tempo, medem a sociedade ( e os velhos ) da qual fazem parte. A juventude é a possibilidade precária de uma tomada de consciência da situação onde está imersa uma maneira de globalizar a situação total." ( Furter, 1992:75 )*

A tomada de consciência se dá através do diálogo intenso em sala de aula onde o jovem, ao se expressar, traz à tona, situações imersas que ao defrontar-se com opiniões dos mais velhos, poderá protegê-lo de uma aculturação realizada apenas pelos meios de comunicação de massa.

Penso em meios de comunicação de massa quando posso listar o que vejo e o que se aprende vendo por exemplo em noticiário ou peça publicitária na televisão. Não se trata apenas de informação ou entretenimento, trata-se de formas de conhecimento que influenciarão o comportamento de pessoas. Basta voltarmos ao papel da mulher nas publicidades como símbolo sexual.

Será que o aluno que se referiu a mulher como boa de cama está sozinho em seu pensamento ? A minha reflexão prossegue neste momento através do diálogo que irei travar. Como autorizar todos da sala de aula a dizer o que acham sem cair no relativismo e no obscurantismo. Como trabalhar com o erro sem legitimá-lo ?

Com dar espaço para que os mais velhos realizem a interação dos saberes sem que a conversa flua para outros sentidos ? Para sair do dilema anterior, parece-me necessário voltar aos pensamentos filosóficos de Buber. A educação para o diálogo é um processo contínuo do alto conhecimento e para que possa encontrar o equilíbrio é necessário uma conversação genuína. Buber reflete:

*“Por outro lado, se uma conversação deve surgir, então cada um de seus participantes deve trazer-se a si mesmo para ela. E isto significa também que ele deve estar pronto a dizer em cada ocasião aquilo que verdadeiramente tem em mente no que diz respeito ao objeto da conversação.” ( Buber, 1982:154 )*

No espaço onde a conversação genuína acontece verdadeiramente e que todos conseguem se expressar com franqueza, deixando de lado a vontade de querer destacar-se ou como diria Buber: brilhar, esgrimar, triunfar, a conversa traz frutos positivos mas infelizmente se o caminho é o do destaque, a conversação deteriora-se.

Analisando a frase de Jonas que fala das últimas eleições, em que o mesmo trocou o seu voto por uma camiseta, uma educação à comunidade defendida por Buber, pode afastar o total declínio da vida política deste estudante.

O filósofo ensina que aquele que quer educar não educa; o que educa é o espontâneo: a luz, o ar e tudo aquilo que se pode experienciar. Educar para a comunidade só é possível na medida em que existe autenticidade. Sendo a família a menor célula da comunidade, ela educa através de sua existência, apesar das atuais crises como a separação dos pais. Esta pequena célula é indispensável à construção da comunidade. A grande pergunta: e a escola? A escola pode educar para a comunidade, segundo Buber, quando existe a interação entre as classes etárias e este é um dos pontos mais importantes.

Estabelecer contatos com alunos mais velhos facilitaria aos alunos mais jovens a conhecerem melhor o que se passa na sociedade e assim inserir-se nela. A evolução da comunidade é o estar não mais um ao lado do outro, mas estar um com o outro que embora movimentem-se juntos em direção a um objetivo, conseguem experienciar em todo lugar dirigir-se um ao outro, um face a face dinâmico. Cabe à escola e aos professores terem o senso natural de espírito comunitário, ousarem de acordo com seus testemunhos e transmitirem aos seus alunos esta experiência.

Uma educação comunitária teria por objetivo o homem em um membro útil, produtivo nas associações sociais e políticas, impedindo que ele fique girando em torno de seu próprio eixo. Este é o caso de Jonas que necessita ter condições para libertar-se do modelo neoliberal para o qual só existem indivíduos que se guiam pelos critérios da utilidade. No mundo neoliberal do isso, pressuposto de Buber, as virtudes de cidadania estão desaparecendo. Esta nova estrutura social que está sendo gerada e a desigualdade que ela cria, tende a intensificar o individualismo.

Cada um busca apenas a sua própria satisfação e assim, Jonas adotou um contra valor, isto é, pensou apenas na utilidade e rentabilidade de seu voto. No início deste capítulo, me referi à forte amizade solidária entre os alunos de

diferentes faixas etárias e este é o caminho para que, em qualquer movimento comunitário que envolva estes alunos, os padrões de liderança ocorram baseados em uma nova cultura da solidariedade fundamentada na relação inter-humana do diálogo.

### 3.3 NOVAS REFLEXÕES: RECONTEXTUALIZANDO VALORES SOCIAIS

Os valores sociais em sala de aula exigiu um repensar e uma nova redifinição. Discutindo a compreensão dos significados de valores como: solidariedade, responsabilidade, amizade e a ética, relacionando-os às experiências anteriores e vivências pessoais dos alunos, pude perceber e analisar o processo estabelecido nesta terceira categoria levantada na pesquisa.

A exigência de um repensar os valores sociais em sala de aula, deu-se quando percebi que os móveis na sala de aula não se configurou como o desejado por esta professora. Queria que os alunos sentassem em círculo ou semi-círculo pois, na minha experiência profissional, esta maneira facilitaria as relações humanas. O motivo pelo qual não foi possível formatar a sala como desejava, deveu-se ao fato do salão ser estreito e cumprido para poder abrigar um grande número de alunos.

E esta característica causou a arrumação da sala de aula da maneira mais tradicional possível e com isto, a possibilidade de formar a velha fileira do fundão. Será uma representação social minha, esta idéia? Justamente sentados na última fileira, estavam os alunos que mais me chamaram a atenção e no momento da observação, a turma do fundão causou certa percepção negativa porque era um grupo de adolescente com um certo sorriso maroto mantido no rosto enquanto os demais colegas participavam da aula.

Entre esses jovens do fundão, encontravam-se Robson, já citado neste relatório, Everton, um garoto na época recém baleado por motivo de ajuste de contas entre grupos e Cida, uma garota diferente por vestir, por portar-se de forma vulgar e por ser motoqueira. A roupa usada por ela era sempre de couro

preto, bota de coturno e uma postura que exalava altivez. O grande segredo atrás dessa couraça, era a sua profissão: soldado do tráfico ou seja, a traficante menor e com ela alguns usuários como Daniel, Fábio, Clayton, sentados ao seu lado.

A primeira percepção negativa foi se desfazendo ao conhecer mais profundamente estes alunos. Gusdorf, o filósofo da fala e das relações humanas orienta : *"...que o homem vem ao mundo e que o mundo vem ao pensamento. A palavra manifesta o ser no mundo e o ser do pensamento. Qualquer palavra mesmo negativa ou de má fé atesta os horizontes do pensamento e do mundo."*  
( Gusdorf, 1970 : 36 e 37 )

Este pensador me ensinou a colocar ordem nas palavras, nos pensamentos e nos homens. O caminho para o desfazimento da percepção negativa ocorreu através da palavra, questionando os alunos com persistência e fazendo com que aqueles alunos do sorriso maroto expressassem seus pensamentos, ampliando-os e levando-os a um processo de negociação para que pudessem criar novos significados para os acontecimentos reais de seus cotidianos.

Tenho consciência que não será apenas trabalhando com valores sociais que as transformações ocorrem, é necessário despertar o sendo crítico e uma nova maneira de ler o mundo como diria Paulo Freire.

A maneira de ler o mundo, seria interpretá-lo sem as amarras da cultura ou melhor, dos códigos dominantes que cravam uma análise consciente que possa ser construída assim forças sociais, notando-se nitidamente as dinâmicas do poder.

Vale aqui ressaltar que os temas cultura, valores e leitura de mundo crítico, foram durante a pesquisa, sendo trabalhados através de textos históricos

ou de assuntos atuais de nosso cotidiano, retirados de revistas, livros e jornais, analisando-se temas que estariam ligados ao que denomino leitura de situações de mundo crítico.

Sabe-se, dentro da experiência vivenciada na Educação de Jovens e Adultos, que trabalhar valores, discutir em sala de aula, algumas atitudes vão se transformar e talvez mudar algumas relações interpessoais e aproximando os alunos na amizade.

Muito textos trabalhados falam de união, solidariedade, amizade e também compreensão, valores tidos como fracos em sociedade envolta em objetivos com concorrência exacerbada, competição e individualismo que permeiam nosso dia a dia, desintegrando as amizades.

*“São essas forças fracas que nos permitem crer na vida e é a vida que nos permite crer nessas forças fracas. Sem elas nada haveria senão o horror da pura coerção da destruição em massa e da deseintegração generalizada. A pior crueldade do mundo e o melhor da bondade do mundo estão no homem...”*  
(Morin, 1996:274)

Presenciou-se em uma aula de História sobre a Idade Média, a formação das Monarquias Nacionais e no momento do diálogo, discutindo sobre a vida de Joana D´Arc, o interesse, bastante repentino e motivado do aluno Daniel, um dos garotos de sorriso maroto. Um rapaz de 23 anos, usuário de droga, órfão de pai e mãe e que despertou para pesquisar; queria conhecer mais sobre a vida de Joana D´Arc.

Na aula seguinte, ele nos deu seu depoimento: contou sobre o seu interesse pela história de Joana D´Arc que o levou até a Biblioteca Municipal para conhecer mais profundamente esta passagem da História. Passou então a falar

com emoção sobre a personagem da História. Os colegas interessados no assunto, começaram a questioná-lo e com segurança, ele respondeu a tudo.

Era tido até pouco tempo pelos colegas como um louco e, aos poucos, passou a ser respeitado sendo considerado o filho adotivo da turma. Sentindo-se seguro, passou a demonstrar aos colegas seus dons artísticos; desenha retratos com perfeição mas não assinava suas obras; é um artista nato pois nunca houve a oportunidade de especializar-se.

Com o passar do tempo, com o apoio dos amigos, sua auto-estima elevou-se, isto demonstrado na maneira que passou a se vestir, o cabelo aparado e a luz no olhar. A partir deste episódio, todos tiveram oportunidade de conhecê-lo melhor pois tornou-se participante ativo dos diálogos. Conseguiu até realizar uma exposição de seus trabalhos na Universidade.

O processo de transformação começou a ocorrer quando este aluno pode demonstrar o seu interesse nas discussões. O grande pensador da atualidade, Sacristan, afirma:

*“...Os alunos devem participar na aula trazendo tanto seus conhecimentos e concepções como seus interesses, preocupações e desejos, envolvidos em um processo em que o jogo de interações, conquistas e concessões provoque como em qualquer outro, âmbito de vida, o enriquecimento mútuo” ( Sacristan, Perez:65 )*

Vou procurar descrever como o processo do diálogo pode levar a aceitação dos alunos do grupo sorriso maroto.

Conforme o apontado, pretendo empregar o diálogo para despertar a totalidade do ser humano que são os meus alunos para, competentemente, poder avaliar e explorar as suas falas. Detectar incoerências e incompatibilidades,

construir hipóteses, empregar critérios e reconhecer novas perspectivas a serem discutidas em minha prática.

Participando da ação pedagógica e do diálogo, será o momento de explorar as mais variadas possibilidades em descobrir as alternativas para realizarmos as transformações pessoais sem usar da persuasão. Vale ressaltar e acrescentar neste momento o que Sócrates, um dos maiores defensores em sua prática do diálogo pensava:

*“...antes de conhecermos a Natureza e antes de querer persuadir o outro, deveria conhecer-se a si mesmo ,ponto fundamental de seu pensamento...”*  
(Mondolfo, vol. I: 138-140 )

Não trato de persuasão neste estilo de diálogo proposto mas sim da postura do professor em saber o momento de seguir o raciocínio de seu aluno, pedindo exemplos, ajudando-o nas manifestações de expressão, buscando a coerência, razões para as crenças cultivadas, componentes da bagagem cultural destes alunos e indispensáveis neste processo.

Será nestes aspectos acima citados que a ação da pesquisadora se voltará para uma postura crítica de sua própria prática. Chega o momento em observar se a vivência na dialógica realmente acontece, se é capaz de perceber o outro em sua totalidade, não só na linguagem verbal mas sim na linguagem dos gestos, expressões faciais, postura corporal e de consulta possa despertar o educador.

A preocupação com a postura do professor será observada através da reflexão auto crítica que poderá orientar a função da professora para esta não cair nas armadilhas da persuasão. Somente conhecendo-se a si mesmo, como que Sócrates pensava, é o que fomentará a segurança para esta professora não

confundir o seu papel de mediadora. A professora agindo com segurança, estará sempre em busca da expressão de seu aluno

*“Do mesmo modo que um rosto desprovido de qualquer expressão já não seria um rosto humano, assim também a pessoa, no seu todo, nos aparece como um ser de expressão quer dizer, como a origem de intenções que lhe são próprias e lhe permitem transfigurar o meio ambiente...o aluno deve tornar-se capaz de figurar os diversos sentimentos humanos com o único recurso de seu corpo...”*  
(Gusdorf, 1970:60)

É o estado de reciprocidade viva entre educando e educador através de gestos e expressões que trará à tona, temas e assuntos a serem discutidos em nossas aulas.

Em certa aula, o diálogo se processou girando em torno de conceitos como o de egocentrismo, construção de juízo de valor; o interessante neste diálogo, foi a ética da compreensão e a participação intensa do grupo do sorriso maroto. Talvez atrás desta participação ansiosa encontrava-se o fato de que naquele dia, Everton, o garoto baleado, ter sido recolhido na Cadeia Pública para pagar com a Justiça. Oportuno esclarecer que o texto trabalhado foi “Ética como juízo de valor”. A minha pretensão com este tema, seria despertar o saber que a ética se torna difícil quando não estamos certos de que nossas boas intenções vão gerar boas ações, mas quando aprendo com Morin, passo a compreender que o aluno é múltiplo em sua unidade; ele não é o mesmo quando está apaixonado ou enraivecido. Tento fazer com que ele descubra que pode viver situações que o faz pegar outro caminho como o caso de Everton

Observando um trecho do diálogo que acabou gerando em torno da atitude que levou Everton preso, encontro:

P. Vamos pensar juntos, na maioria das vezes não é o que está certo ou errado, mas é o modo mecânico que entramos em conflito, achando que só o nosso opositor está errado. O que vocês acham desta idéia ?

- A senhora quer dizer que somos egoísta de pensar só do nosso lado ?

( Cida )

- Se é isto não concordo, tem cara aí que só provoca. ( Clayton )

P. Clayton, será que não provocamos antes sem perceber ? Um olhar toro talvez ?

- Mas quer dizer que é só olhar torto que já leva bala ? ( Clayton )

- O Clayton ! Não se faça de bobo, você sabe que na hora "h" não precisa nem olhar, só um suspiro mais longo é o quanto basta. ( Josimar )

- Dona Cris, geralmente a incompreensão vem de falarmos coisas desagradáveis para os outros, não é mesmo ? ( Tereza )

P. É verdade Tereza, aquele que pensa muito em si, esquece que quando fala, também pode magoar e causar conflitos e brigas. Qual deveria ser o nosso limite ?

- Acho que eu sei, é ter a mente aberta. ( Dulce )

- O que é isso Dulce ? ( Cida )

- Quando falo mente aberta, quero dizer olhar a situação que vivemos dos dois lados, o nosso e a do nosso, como vocês falam, inimigo. Gente, chega de

maldade ! Na linguagem de vocês, se um olha para a mulher do outro, já leva tiro .  
( Dulce )

- Puxa Dulce, sabe que falando assim tô começando a perceber quantas coisas desagradáveis já falei para os outros e me esqueci e só me lembro do que os outros falaram para mim e fico guardando com raiva. ( Daniel )

Analisando este trecho do diálogo, busco nas palavras de Morin, compreender que não somos o centro do mundo. Através das suas idéias, o que eu gostaria de atingir com este tema, seria o despertar que:

*"...o problema chave da ética para si é o da relação com nosso próprio egocentrismo. Há em cada um de nós um núcleo egocêntrico não eliminável e daí há na vida moral uma parte amoral, porém necessária ao exercício da moral até porque permite a sobrevivência... Dessa forma, a ética-para-si exige que não nos creiamos o centro do mundo..." (Morin, 1997:79 )*

No final da discussão, pedi aos alunos que retomassem as idéias que ficaram após o texto discutido; levantei a seguinte questão para ser respondida por escrito: como conduzo meu juízo de valor ?

Os textos a serem transcritos, são apenas os dos alunos do sorriso maroto. O primeiro é do aluno Daniel, o mesmo que se interessou por Joana D'Arc.

"Como conduzo meu juízo de valor , no momento conduzo muito mal, não dou valor neste ser que sou eu. Que graças a um ser magnífico ainda permaneço vivo..."

Ética é ter as mãos limpas e o coração aquebrantado para vencer eu mesmo, parece que não consigo mas tenho fé...quero que um dia tudo em mim tenha ética" ( Daniel, 23 anos )

Existem alguns pontos de reticências colocados pela pesquisadora pois o aluno repetia as mesmas idéias mas não alterou o conteúdo escrito.

Quando se escreve o tom de voz é excluído e ficamos obrigados a utilizar muito mais palavras e com maior exatidão. A escrita é a forma de fala mais elaborada e mais difícil para se encontrar o equilíbrio da clareza. Daniel tentou uma fala elaborada.

Esta fala mais elaborada, vem do interior de um indivíduo machucado mas que nos mostra a existência de algo que lhe impulsiona para frente " quero que um dia tudo em mim tenha ética".

Eis precisamente formulado o problema central da discussão da pedagogia da ética: montar um mecanismo de auto-educação autônomo, em que o próprio educando vá traçando o seu caminho, para se tornar plenamente o que é chamado a ser e se realizar como ser humano na comunidade em que vive e em que é chamado a ser feliz. É o caso de Daniel.

Principalmente quando tratamos de educar a juventude pois nesta etapa da vida o eu é objeto de todos os sonhos juvenis. É o momento do subjetivismo radical que hoje em dia nos parece constante em nossas relações humanas.

O segundo texto é o da garota motoqueira que após a convivência no grupo, com novas relações de amizade se estabelecendo e de ter uma conversa comigo em particular que chamei de amistosa, pois ela me disse a princípio, antes de me conhecer, achava que eu fosse uma pessoa chata, curta e grossa, mas que

aprendeu o quanto dialogar é importante e com o passar dos dias, meses, começou a jogar fora sua armadura e neste texto passo a conhecê-la melhor.

Como construo meu juízo de valor.

"Eu sou um pouco sem juízo isso que meus pais falam, não sei.

Bom eu com 12 anos só brincava na rua com os moleques, carrinho de rolimã, soltava pipa e jogava futebol etc.

Quando completei 14 anos meu pai ficava falando para mim que eu precisava trabalhar mas eu não sabia fazer nada a não ser ficar na rua.

Meus pais trabalhavam só que eles não podia dar tudo aquilo que eu queria. Chorava muito não queria ser empregada doméstica tinha vergonha.

Tenho um serviço agora comprei até uma moto pra mim, guarda roupa, cama, aquela roupas que nunca pensei que iria usar um dia. Mas..." ( Cida, 18 anos)

A reticência dela nos quis dizer algo ? Chega-se a pensar que o "mas" neste momento foi muito importante mas só o tempo nos dirá. Morin já nos adianta:

"Na auto-ética, a consciência moral necessita por um lado de uma fé ou de uma mística que a inspirem , por outro, o exercício permanente de uma consciência esclarecedora...O sentido que lhe darei, finalmente, se for preciso um termo que possa englobar todos os seus aspectos, é a resistência a crueldade do mundo." ( Morin, 1997 : 107 e 108 )

O "mas" de Cida pode estar situado no desenvolvimento da consciência esclarecedora.

O terceiro texto é de um garoto do grupo e também, apontado como usuário de droga. Cida, repito, não usa, apenas vende. É interessante usar o

"apenas", vejamos como somos envolvidos nas representações sociais. Alguns alunos já me informaram que Cida não está mais nessa profissão, como ela mesmo nos diz, mas...; como é difícil construir uma ética.

A situação apresentada, reforça mais um pensamento de Morin, o de defender como: *"As únicas resistências estão nas forças de cooperação, comunicação, compreensão, amizade, comunidade e amor com a condição que sejam acompanhadas de perspicácia e de inteligência, cuja essência pode favorecer as forças de crueldade..."* ( Morin, 1976: 273 )

O texto, é do garoto e ele nos retrata talvez a ausência destas forças citadas por Morin.

"O que é ética para mim, my name (grifo dele ) Clayton Roberto sou um moleque alegre, divertido e muito atentado.

Trabalho de ajudante de caminhoneiro com o irmão da Creuza ( aluna da turma ).

Nas viagens eu sou muito zueiro com as mulheres, não gosto de pensar muito antes de fazer alguma coisa, não tenho sentimento, não consigo chorar quando alguém morre ou sentir pena de alguém, assim sou eu" ( Clayton, 17 anos)

Percebe-se que existe mais coisas atrás desta moldura que ele retrata; é por isto que mais temas discutindo valores tidos como forças fracas como nos diz Morin, poderá transformar as visões pessoais de mundo. Penso desta maneira pois se nos recordarmos de Gusdorf, as palavras são responsáveis pela realidade e porque não investirmos na discussão de um vocabulário com um maior número de palavras que transformem a realidade atual vivenciada por muitos alunos.

Eis precisamente formulado o problema central da Pedagogia da ética: montar um mecanismo de auto-educação autônomo em que o próprio educando

vá traçando o seu caminho para se tornar plenamente o que é chamado a ser e se realizar como ser humano na comunidade ( eu e tu ) em que vive e em que é chamado a ser feliz.

Trazendo ainda para análise o texto de Clayton, seria interessante se houvesse constituído um pensamento crítico embutido em uma ação para o futuro. Giroux, me ensina quando analisa a abordagem tradicional tecnocrática.

*“No cerne da abordagem tecnocrática, está o fracasso em embasar a pedagogia da escrita em uma estrutura conceptual, que permita que os estudantes façam conexões entre o que Vygotsky chamou de discurso interior e discurso elaborado. Tais conexões envolve uma ligação entre as percepções subjetivas internalizadas pelos estudantes e sua objetivação dessas experiências para um determinado público. Em suma, a escola tecnocrática deixou de compreender uma dimensão na qual a escrita funciona tanto no meio estruturado para produção de conhecimento, quanto como meio de construir-se o pensamento lógico.” (Giroux : 93 )*

Será neste pensamento lógico que depositarei minha confiança, acreditando como Vygotsky de que a internalização trará a transformação ativa desta aluna. Esta internalização do qual trata Vygotsky, significa a transformação que Castorina nos mostra:

*“...Isto é, de uma modificação da compreensão individual dos instrumentos de mediação cultural, como a linguagem e portanto não é transferência de uma atividade externa para um preexistente plano de consciência interno: é o processo no qual esse plano interno forma-se”. Leontiev, 1981 ( Castorina : 29 e 36 )*

Portanto, o plano interno dos meus alunos deverá se formar pautado no diálogo sobre o assunto que desperte o pensamento crítico e o mundo no qual ele

está contextualizado de uma maneira lógica. Em outra oportunidade, quando discutíamos o texto: "Educação significa você ser capaz de discordar e ainda assim continuar conversando", levantaram-se as seguintes questões:

Antes, uma aluna, após a leitura da frase, foi logo dizendo:

- Depois de discordar não dá prá conversar, fico semanas sem falar. ( Maria, 29 anos )

P. Maria, então você não concorda com esta afirmação de que a educação nos dá a capacidade de discordar e continuar conversando ?

- Dona Cris, o meu marido não pensa assim, ele só conhece o diálogo da porrada. (Maria, 29 anos )
- Maria, o que é isso, você não sabe se impor ? ( Dulce, 42 anos )
- Mulher que aceita uma coisa desta não se respeita . ( Cleusa, 38 anos )

P. O que é saber impor-se ? O que significa se respeitar, classe ?

- Impor é ter respostas mas respostas que que não agridam e é sim ter educação. ( Valdemir, 33 anos )
- Eu me respeito, não deixo que nada me magoe, quando fico brava com alguém vou logo falando. ( Cícera, 25 anos )

P. Quando você fala, não surge alguma discussão com aspectos agressivos ?

- Não, o que eu falo é com calma e sempre procuro ser justa e educada.  
(Cícera, 25 anos)

P. Muito bem, e ser justo o que significa ?

- Não querer impor a nossa razão. ( Rita, 27 anos )
- Olha gente, tô começando a entender porque meu marido é desse jeito.  
(Maria, 29 anos)

P. Como ele é Maria ?

- Estou pensando que ele fica bravo porque só eu quero ter a razão, as vezes não sou justa, sou muito ciumenta mas ele faz das suas. Vou prestar mais atenção, vou tentar dialogar e entender com educação. ( Maria, 29 anos )

Este foi apenas um trecho do grande diálogo que houve, não foi possível transcrevê-lo totalmente, foi apenas a essência do diálogo captada das intervenções dos alunos. Quando os textos escritos retornaram ao final da aula, constatei no texto de Maria a seguinte reflexão:

"Há mais ou menos três meses, se alguém me fizesse a seguinte pergunta: qual a sua perspectiva de vida, eu não saberia responder. Agora, tenho a plena convicção que só através dos estudos vou conseguir os meus objetivos. Meus problemas não terminaram mas me sinto preparada para enfrentá-los. Sei que não vai ser fácil prosseguir com meus estudos, irei encontrar barreiras pela frente mas através dos estudos, vou adquirir conhecimentos como o de ser capaz de discordar, argumentar sem dizer absurdos. Com educação, serei capaz de mudar a minha história." ( Maria, 29 anos )

A descrição que ela me fez, mostra uma certa resistência sendo criada no interior de sua vida pessoal; é um confronto consigo mesma, é a tomada de consciência de seus limites.

Cada um desenvolve a maior habilidade para evitar ver-se face a face, evitar questionar razões de ser que, na maioria das vezes ,são ausências de razão.

Gusdorf revela que é no confronto das existências quando se descobre a presença do outro , que é possível com o consentimento de um e de outro desvelar-se e revelar-se com confiança. Isto se, no ambiente do contexto, houver entrelaçados os sentimentos de amizade e respeito, onde cada um dos participantes pode tomar consciência de si próprio e o que lhe havia faltado antes do embate.

Sendo assim, trabalhando com discussões envolvendo uma ética da compreensão que deixa de lado a circularidade da incompreensão e do conflito e permitindo corrigir nossa ação, vemos que ela deriva e vai para outro caminho ou ainda, se puder ser criado o ambiente da amizade e do respeito nesta discussão, com certeza as relações inter-humanas serão pautadas em valores solidários para a união desta comunidade e a mudança da própria história como diz Maria.

Principalmente quando se trata de educar a juventude, pois nesta etapa da vida, o eu é objeto de todos os sonhos juvenis. É o momento do subjetivismo radical que hoje me dia me parece constante nas relações humanas. A base da ética encontra-se na liberdade e autodeterminação do sujeito. Os elementos que compõem essa rede ética são valores como: liberdade, consciência, direito, dever, felicidade, obrigações, fidelidade, justiça, verdade, aspirações que devem ser discutidas e reelaboradas no seu conceito de valor.

A educação pode vir a ser a ordenação de todas essas idéias e conceitos num todo coerente em cujo seio o educador se sinta colocado como condição de ser ele mesmo o de cumprir , na vida, o que é chamado a se tornar um ser consciente.

### 3.4 UM OLHAR MAIS CRÍTICO

O objetivo primordial na Educação de Jovens e Adultos seria o de romper com barreiras como as tradicionais normas de aquisição de conhecimento especializado. Em primeiro lugar, conhecimento é aquilo que se constrói individualmente após poder ter sido o contexto de conhecimento apresentado como um todo isto é, nos mostrando a oportunidade de deixarmos de lado aquele aspecto de nossa consciência que nos faz ver determinadas situações separadas por sua natureza específica.

Situações como por exemplo: educação especificamente sem ligações com conjunto de idéias governamentais, sociais e econômicas. Sendo portanto o processo de conhecimento, não poderá ser como comumente se diz transferido, ele deverá ser incentivado, encorajado a elevar-se à mais alta ordem de pensamento talvez através do diálogo e do prazer da pesquisa do conhecimento. Assim, deixar de se pensar que um aspecto do conhecimento é parte representativa do todo e sendo julgado como uma verdade única.

A consciência crítica poderá nascer com a negociação necessária para que o processo crítico possa ser construído culturalmente de maneira que possa favorecer a construção individual do conhecimento, nunca se esquecendo que esta negociação se dará no esforço para se chegar após a discussão a um acordo das ambiguidades provocadas pela diversidade do conhecimento complexo.

Será uma consciência que não irá aceitar ingenuamente qualquer conhecimento sem considerar sua natureza social, cultural, política e econômica. Neste momento, retomo ao pensamento complexo de Morin:

*"A ação política só é maniqueísta em seus níveis mais baixos e o maniqueísmo tem como efeito camuflar a eventualidade e a incerteza da ação. Ora, é preciso se conscientizar, enfim, de que a política é a arte do incerto. O que nos leva a um princípio generalizado de incerteza política.*

*O princípio de incerteza não nos diz que não poderemos melhorar as relações entre os homens nem que a humanidade não conseguirá civilizar a terra. Ele deixa a porta aberta para a esperança. Não renunciei à esperança, mas quis associá-la à experiência ao mesmo tempo em que promovo o seu diálogo com a desesperança." ( Morin, 1994:250 )*

Percebo, o quanto é difícil acreditar nesta esperança de termos uma vida como cidadão político – crítico, mas pelo menos falar em esperança já me faz envolver-me com esta utopia. O importante é dialogar com meus alunos sobre as incoerências sociais e políticas de nosso país que encontro sempre em textos jornalísticos que tão bem demonstram este fato.

Certa aula, na interpretação de um texto jornalístico, cujo tema referia-se a um grupo denominado Skinreds, foi um momento de não nos limitarmos à este fato atual. Para compreendermos esta fato, pudemos buscar as raízes do processo em que culminou a atitude adotada por esse grupo de jovens. As raízes encontravam-se na história, na época do nazismo, na Alemanha. Portanto, é uma maneira de refocalizar, relacionar, identificar outros aspectos através da analogia indo além do próprio texto. O texto original passa a ter novas características somadas às opiniões que vão sendo construídas durante o diálogo.

Este procedimento leva o texto a ser recontextualizado e isto causa uma certa autonomia relativa na mediação pois, se houvesse algum tipo de ideologia anterior, provavelmente após este procedimento, alguma coisa mudou.

Mostrando este fato na prática, após uma discussão, uma das alunas escreveu: *"Skinreds em São Paulo, Funkeiros no Rio de Janeiro e Deputados no Norte e Nordeste. Estes são apenas alguns grupos que praticam livremente, cada qual a sua maneira, as barbaridades que a cada dia nos assolam ao abrir os jornais ou simplesmente ao assistir a um telejornal. Será que Hitler, além de deixar gravada a pior história para a humanidade, vai conseguir adeptos em todas as gerações? Até que ponto uma mente doentia pode influenciar e dominar o pensamento daqueles que se acham superior? Talvez só Freud possa explicar de algum lugar do Universo."* ( Rita, 26 anos )

Entende-se por esta recontextualização que novas idéias foram incorporadas neste texto preliminar, discutido em sala de aula. E passa a demonstrar que um sentido fundamental como a comunicação pedagógica, tanto do transmissor quanto do adquirente não pode ser programada ( tendo, portanto, alguma autonomia) constituindo uma linguagem especializada, não é possível policiá-la eficazmente e torná-la uniforme. Se isto é possível como refleti, então é provável que as minhas inquietações que se iniciaram como questionamentos e que me levaram a pesquisadora da própria prática, possam ser respondidas.

Todas as vezes que planejava um texto que usaria em sala de aula, me preocupava encontrar nele, um conteúdo mais profundo para não agir como uma reprodutivista. Postura criticada pela Teoria da Reprodução Cultural, cujos autores como Bourdieu e Passeron, me mostram não adotar uma ação pedagógica baseada na minha arbitrariedade cultural.

*"...toda ação pedagógica se baseia em uma arbitrariedade cultural, a qual é independente da lógica da ação pedagógica, legitimando a autoridade pedagógica e validando a comunicação... Sintetizando... as teorias da reprodução cultural estão preocupadas com as mensagens, com as mensagens de padrões de dominação..."*  
( Bernstein, 1996: 236 e 237 )

A preocupação é constante e profunda no sentido de não esbarrar em mensagens que no meu contexto de vida também estão nestas explicações de Bordieu e Passeron. Dúvidas são sempre suscitadas, principalmente quando passei a conhecer um lado obscuro no meu saber. Melhor me posicionando, hoje vejo o quão foi fragmentado meu conhecimento. No momento em que percebi este processo, apavorei-me no sentido real da palavra e surgiu um movimento contra esse sentimento.

Um movimento de idéias, pensamentos que procuraram não reproduzir o caminho pelo qual passei. Corro o risco de ser levada ao outro extremo, o de pensar superar a fragmentação totalmente ou mesmo pensar em saber demais. Penso que o conceito de totalidade seja o outro extremo da fragmentação. A experiência comigo mesma permite-me dizer que o conhecimento total nunca se fecha, ele é um conhecimento sendo construído sempre entre as "verdades da razão e as verdades do coração" e é o que Morin nos diz:

*"Como eu não possuía Cultura-Verdade, que me impedia a rejeitar automaticamente qualquer idéia incompatível com as suas, a cultura que formo através de minhas leituras alimenta-se de minhas contradições e as alimenta, e esse prossegue minha dialógica interior entre esperança/desesperança, dúvida/fé e sob um outro ângulo, entre verdades do coração e verdades da razão" (Morin, 1997:51 )*

A compreensão em construir o conhecimento sempre é a que também alimenta as minhas contradições. Qual então a conduta equilibrada, não demasiadamente determinista, que posso adotar para ser mediadora pousada em uma neutralidade sempre suspeita? Suspeita por estar sendo vista sempre em construção. Portanto as cautelas serão: a escolha de textos observando temas

atuais mas que lancem à uma retrospectiva histórica do tema, isto para melhor compreendermos o processo que levou-nos à situação estudada hoje. Ou o processo inverso, um texto histórico que nos leve a refletir sobre nossa atualidade.

Talvez, a minha arbitrariedade cultural não me deixe ver mais além e o estágio de conhecimento no qual me encontro, pode ser que construa novas idéias mas por enquanto me diz não existir mediadores e nem textos do ponto de vista neutro. E nem tampouco uma linguagem especializada para ser usada nos termos da neutralidade.

A possibilidade de ser menos reprodutivista talvez também esteja na busca da significação das palavras. Gusdorf me ensina que a palavra é, para o homem, começo de existência, afirmação de si na ordem social e ordem moral; a função da palavra é a integração social do homem.

O falar depende muito das palavras e de inúmeros significados que possam ter dependendo do contexto que possam ser empregadas.

Vale ressaltar que quando uma palavra nova aparece tanto nos diálogos quanto nos textos, os alunos logo se interessam e passam a investigar para lhes dar um significado. É algo motivante para eles a busca do significado das palavras.

É importante notar que existe um ritual que tornou-se hábito entre os alunos. Quando aparece uma palavra diferente, este ritual é realizado em duas etapas: a primeira consiste na busca do significado da palavra no dicionário e a segunda etapa, consiste em discutir o seu significado no contexto em que foi citada. Nesse processo, os alunos escolhem as palavras e começam a apropriar-se dos significados, tornando estas palavras tão íntimas de suas línguas que este fato chega a causar uma elevação de sua auto estima

E isto é plenamente verificável na relação dialógica que mantemos na sala de aula e sendo assim, as combinações na maneira de falar e escrever poderão ser transformadas na construção de um amplo vocabulário, cujas raízes virão de fontes diversificadas. E como Paulo Freire defende, a palavra libertará o homem. As palavras adequadas podem subverter uma ordem e transformar uma linguagem e elas serão aquelas advindas da multiculturalidade legítima dos alunos e de textos cuja essência vem de uma cultura tida como mais erudita.

Após o diálogo, discutindo um texto que falava sobre o povo indígena e que muitas opiniões foram expressadas, recebi os textos escritos pelos alunos para serem analisados. Retomando aqui, apresentarei aqui alguns trechos dos textos que expressam pensamentos muitas vezes presos nas mentes dos alunos.

"Nenhuma criança tem tanta liberdade e independência responsável quanto as indígenas". Gostei dessa frase e começo a pensar que uma criança criada com tanto amor e descobrindo o que é a liberdade, assume a sua independência pelas ações responsáveis que pratica. Sendo assim, crescerá um adulto que terá dentro de si um grande equilíbrio interior, isto é, estaria sempre imbuído dos mais nobres ideais ( como respeitar a natureza que o alimenta ) e agiria conforme eles. Com certeza, que paz essa pessoa teria, não criaria tantas barreiras e não estaria cego para a vida. ( Claudemir, 27 anos )

"Eu entendi que não só a riqueza faz parte da vida, mas sim ser pobre e de consciência limpa, construída com valores morais que nascem da liberdade responsável de escolha de cada um" ( Luciana, 17 anos )

"A nossa sociedade seria bem mais humana e solidária se no cotidiano de nossos governantes incorporassem alguns costumes antigos do povo indígena.

Como por exemplo, cuidar melhor de nossos idosos e principalmente de nossas crianças. Com melhor educação, respeito, carinho e muito amor para que eles possam crescer com bom equilíbrio para dirigir o futuro desta nação que certamente ficará em suas mãos em um futuro muito próximo.” ( Júlio, 42 anos )

Interessante observar que os três textos foram escritos pelos alunos após o diálogo e se analisarmos que os pensamentos escritos foram construídos sem apartar da vida de cada um na sua individualidade, descobriremos que houve uma conversação genuína.

*“Mas onde a conversação se realiza em sua essência, entre parceiros que verdadeiramente voltaram-se um para-o-outro, que se expressam com franqueza e que estão livres de toda a vontade de parecer, produz-se uma memorável e comum fecundidade que não encontrada em nenhum outro lugar. A palavra nasce substancialmente, vez após vez, entre homens que, nas suas profundidades, são captados e abertos pela dinâmica de um elemento estar juntos. O inter-humano propicia aqui uma abertura aquilo que de outra maneira permanece fechado”* (Buber, 1982:155)

Percebe-se que nesta relação inter-pessoal o quanto é possível os participantes de uma conversação acolher palavras fundamentadas no reconhecimento do outro, dentro do contexto criado na sala de aula. Não só acolher estas palavras mas fazer com que elas passem a fazer parte do vocabulário de cada um, ampliando o universo do discurso escrito ou falado.

*“Cada homem tenha ou não consciência disso, é senhor de seu vocabulário, como é senhor de seu estilo. O seu modo de falar é característica da sua afirmação pessoal: de facto, a palavra intervém com um princípio de individuação...”* ( Gusdorf , 1979:100 )

No texto de Luciana, detecto palavras que demonstram que os caminhos percorridos para a construção de sua escrita, sustenta a idéia de diferença social. Como fundamento de suas idéias, encontra-se o significado real da palavra pobreza que se encontra na realidade vivida pela maioria desses alunos, mas que desejam manter essa situação sempre limpa.

Júlio, ampliou as idéias desenvolvidas pela discussão sobre a vivência indígena e resolveu trazê-la para uma postura a ser adotada pela sociedade atual de uma maneira mais crítica. Claudemir, diferente dos colegas, adotou muitas palavras do diálogo para conseguir refletir e buscar explicações para algumas idéias que envolvem sua vida.

Vale ressaltar, nesta prática não conheço a possibilidade em receber textos escritos homogeneamente, pois trabalho com pontos de vista diferentes, com modos de aprendizagem com tendência complexa, por envolver uma rede de interesses e necessidades de busca individual do conhecimento através de conflitos internos cognitivos. Portanto, o que presencio nos textos de Luciana, Claudemir e Júlio, foi a demonstração da reflexão observada na prática.

Portanto, o que observei, é que não houve transferência de conhecimento mas vejo como um processo de transformação do plano interno de consciência destes alunos.

Seria assim que as consciências estariam sendo construídas socialmente? O plano interno destes alunos poderá ser formado através da compreensão dos temas discutidos em sala de aula e de aquisição de novas palavras? É uma reflexão difícil mas não impossível, pude observar durante a pesquisa como essas transformações individuais se manifestam. Para pensar alcançar tal objetivo mais

amplo como este, já referido, a pesquisadora precisará desenvolver o seu senso de julgamento ético e buscar realizar ações emancipatórias para tal mister.

É muito difícil prever a velocidade que se espera para a ocorrência desta compreensão e da aquisição de novas palavras pois elas estão ligadas a fatores e variados. Os fatores aos quais me refiro, tratam-se de fatores emocionais, sócio-econômicos que atualmente não podemos descartar, juntamente com os estados cognitivos da mente para falarmos em compreensão de um conhecimento. Conduzir a uma compreensão de conhecimento envolve desvendar o que passa na mente dos alunos quando estes apresentam frases carregadas de representação social se assim posso definir. Falas como estas:

"Quem tem Deus no coração, não pega Aids !" ( Gilberto, 16 anos )

"Por que usar camisinha num namoro sério ? " ( Hemerson, 16 anos )

"Só pegam Aids os gays, é isto que eu seu Dona ! " ( Keila, 15 anos )

Trabalhando-se um texto que revelava o número assustador do avanço da Aids, foi o grande provocador da elaboração destas frases. Como modificar idéias como estas, desvendadas na experiência da sala de aula ? Como modificar idéias e palavras como estas ?

Quando penso que estas formas de linguagem, modos de raciocínio, histórias vividas, dão à estes estudantes uma voz ativa na definição de mundo, isto me perturba. Como posso dar um outro sentido à estas palavras e idéias , dando à eles um tom mais crítico ?

Reflexões como estas me levam a pensar novamente no diálogo como instrumento para que os alunos apropriem-se de palavras e vocabulários que

possam fornecer as habilidades que eles irão necessitar para definirem e não simplesmente servirem ao mundo massificador.

A tentativa de recuperar um vocabulário e palavras mais críticas em relação ao tema Aids, foi: dividir os alunos em grupos de cinco e a cada grupo forneci um texto cujo enredo articulava riscos e dúvidas sobre a Aids. Pedi aos grupos que discutissem o texto e levantassem questionamentos a respeito do que haviam discutido com a leitura feita. Assim surgiu estes questionamentos:

"Como vírus, é transmitido só pelo sangue ou pela saliva ?" ( Ramon, 18 anos)

"O bebê de uma mãe aidética, nasce contaminado ? ( Lêda, 31 anos )

"Como se pode fazer o teste H.I.V. ?" ( Leonor, 38 anos )

"Transar sem camisinha pode haver contaminação, mas e as outras doenças sexuais, também são transmitidas da falta do uso da camisinha ? O que é ser hemofílico ? ( Ester, 35 anos )

"É sinal de amor próprio tomar coragem para usar sempre camisinha ? Quando não souber da situação sorológica do parceiro, devemos perguntar ? (Fábio, 16 anos)

Percebe-se assim, um sentido mais amplo nos questionamentos e a tomada de consciência em adquirirem uma compreensão mais ampla sobre o assunto. Complexo por envolver informações que deveriam estar mais sistematizadas no sentido de organizada para melhor apreensão.

Na aula seguinte, um novo texto mais complexo possível, com explicações científicas, históricas e culturais que procuraria atender os questionamentos sobre

a Aids foi trabalhado. Nesta exposição, novos questionamentos foram surgindo e percebi a participação de todos os alunos que haviam elaborado as perguntas e emitido as opiniões na aula anterior. Transcreverei o depoimento do rapaz que havia falado logo no início da aula:

"Quem tem Deus no coração, não pega Aids" Seu texto após a reflexão.

"Não é vergonha nenhuma em conversarmos sobre a Aids com nossa parceira, com nossos amigos, com nossos pais, o importante é esclarecer e tirar dúvidas." ( Gilberto, 16 anos )

Mudou-se um pensamento ? Assumiu-se um maior número de palavras ? Não posso afirmar, não sei se passei apenas informações ou houve apoio para que, sabendo o que acontece, o conhecimento se constrói.

Não me preocupo apenas com a transmissão de saberes e sim com a comunicação como força criadora e inovadora de idéias . A comunicação a qual me refiro, é aquela de Gusdorf que define como se dá ao receber, em que recebe ao dar, é a descoberta do semelhante, do próximo. Cada um dá ao outro a hospitalidade essencial, no melhor de si, cada um reconhece o outro e dele recebe esse mesmo reconhecimento sem a qual a existência humana é impossível . Se o conhecimento for construído nessa dinâmica, não é apenas um pensamento que muda mas sim uma realidade vivenciada.

A dinâmica do diálogo na relação inter-humana, constituída como base de uma discussão autêntica, transforma-se em um competente jogo de saber.

A palavra discussão pode ser interpretada como um jogo com vencedor. Isto na construção das regras de convivência social do nosso grupo foi

descartalo pois discussão,poderia determinar a prevalência de apenas um ponto de vista, o do vencedor.

A minha prioridade ficou sendo sempre a coerência da verdade buscada,sendo assim a palavra discussão ganhou um significado diferente e comum para o grupo.Discussão é quando surgem idéias antagônicas.Para aprofundarmos em ambos os lados da questão muitos alunos se manifestam e argumentam com veemência mas não com intuito de vencer e sim com a idéia de buscar.É o momento mais complexo da discussão. É quando elea se torna complexa.

A coerência da verdade como já me referi é aquela buscada na mais ampla área do conhecimento de todos aqueles presentes na discussão e com a colaboração de muitas idéias e pesquisas buscadas em livros e jornais e quando se fizer necessário pode-se ir mais profundamente até se chegar a uma idéia transformadora que cada qual adotará.

Já o diálogo é como tudo se inicia e após a "discussão",consegue agrupar um conjunto de significados a que jamais algum aluno sozinho conseguiria ter acesso.Acesso a uma riqueza incomum pois será filtrado por significados com pitadas de multiculturalidade dos próprios alunos, amplo conhecimento dos próprios alunos.

Os significados como um todo,vão se organizando nos pensamentos individuais dos alunos.Como isto acontece é simples pois observo nas redações sempre após os diálogos e certas evidências passíveis de análises.Isto acontece porque os alunos ganham novas perspectivas que simplesmente eles não obteriam sozinhos.

Aquele garoto Jonas que se citei na categoria das relações inter-pessoais, quando ele disse que trocava uma camiseta pelo seu voto na política, depois de muitos diálogos escreveu a sua crítica nova:

### Porque falamos português e moramos no Brasil

"Quando o Brasil foi descoberto por Portugal, já existiam moradores nativos que habitavam este imenso país.

Estes nativos foram escravizados, primeiramente por sua mão de obra, mas também por uma cultura estrangeira que os obrigou a mudar suas crenças e costumes.

A religião oficial do império foi colocada de forma obrigatória à estes nativos por meio da força.

De maneira similar ao passado, hoje há uma invasão de idéias, invadindo nossa cultura pelos meios de comunicação como a televisão, cinema e internet.

Estamos vendo nossas empresas serem compradas e administradas cada vez mais por investidores estrangeiros.

No passado os nativos, chamados de índios, foram escravizados por sua ingenuidade, hoje convidamos os estrangeiros a nos escravizarem por valorizarmos mais o que é de fora do que é de nosso país." ( Jonas, 28 anos )

Jonas conseguiu captar com proeza a essência da discussão sobre o tema e mostra que algo mudou ou posso dizer ainda, está mudando, é uma construção de conhecimento intermitente. A sua reflexão revela o alcance de conhecimento que houve com o diálogo que antecedeu a estes pensamentos. E novamente, como professora, reflito sobre as idéias de Morin:

*"Quanto mais se vai em direção ao conhecimento, mais se vai em direção ao não-conhecível .O novo conhecimento conduz à nova ignorância. A compreensão conduz ao incompreensível." ( Morin, 1997 )*

Posso assim observar que o aluno busca sempre, através de seu auto conhecimento, alinhar novos conhecimentos que vierem em sua direção. Sendo assim, transformando uma nova ignorância em busca de um novo conhecimento. Será o diálogo autêntico, o responsável em minha visão, pela chave que abrirá novas inquietações que da incompreensão passará para a compreensão num giro sem cessar.

O propósito do diálogo é justamente provocar pontos de vista diferentes, tornando a discussão complexa. Momentos há nesta livre comunicação em que vêm a tona as incoerências. Incoerências que podem descurtir as representações sociais e no momento que passo a olhar para elas, é que percebo o quanto me é fácil aceitar a ignorância e concebê-la como certa, sem questioná-la.

A discussão de natureza política, econômica e cultural na sala de aula, leva a reflexões com pensamentos como estes transcritos agora neste trabalho. Os trechos mais significantes e como foram elaborados pelos alunos, passarei demonstrar:

#### O que pretendo construir na minha vida...

" Eu posso dizer por mim, por exemplo, que a minha vida política está começando a tomar novos caminhos, porque eu estou sabendo avaliar cada palavra dita por mim e principalmente pelos outros.

De acordo com os poucos conhecimentos que tenho, em relação aos políticos, eu imagino que eles deveriam analisar bem suas propostas antes de falar em público.

Porque não é sempre que se pode prometer o que não é fácil de se cumprir no futuro.

Agora, já na área social, é preciso olhar mais para a população, que está cada vez mais a mercê da discriminação no trabalho, na cor e até nos seus atos de pensar para o futuro..." ( Maria Cristina, 22 anos )

Nota-se a preocupação e são raros os depoimentos escritos que deixam de incluir em suas reflexões, a importância de avaliar a força da palavra. Seria este um indício da construção de um juízo crítico que poderá julgar o que houver entre as linhas de um "discurso político", podendo desconstruí-lo, reinterpretá-lo ou não deixar de integrar aquilo que vê no mundo, apenas o tempo pode comprovar.

Após uma discussão de natureza política embasada em um texto sobre cultura, muitas idéias foram sendo repensadas e tomando o caminho da reconstrução. Observe este texto:

### **O Brasil Necessita de Cultura**

"Na semana passada, fomos questionados sobre o que de importante aconteceu no Irã mas não soubemos responder.

Pois bem alguns dias atrás eu tive o prazer de ler esta notícia no jornal, que neste país o povo tiveram direito de escolher seus governantes através do voto direto, com esse acontecimento pela primeira vez se tornaria um país democrático. Porém não dei muita importância para o assunto, pensando nos abusos e absurdos que estão acontecendo aqui no Brasil, será que eles vão fazer o mesmo por lá !

E é isso que realmente acontece com a maioria dos brasileiros exemplos dessa situação temos todos os dias em casa, na escola, no trabalho ou em qualquer lugar, outro dia presenciei algumas pessoas conversando sobre política de repente uma pergunta inesperada quem será esse Pitta ? será que ele é presidente de São Paulo ? questionei-me é muita falta de conhecimentos.

No entanto, com explicações ouvidas na sala de aula mudei completamente de opinião, pois sendo este país no futuro muito culto, que administrará com seriedade, honestidade e rigorosamente seus deveres e direitos certamente vão visar muito bem esta grande conquista de final de século, o conhecimento, deixando grande potência como Estados Unidos preocupado realmente." ( Gabriel Ferreira, 23 anos )

A idéia do conhecimento como poder é perigosa, esta não seria mais uma estratégia da economia selvagem envolver na ilusão os menos desfavorecidos, levando-os a acreditarem que o capital cultural os colocaria na partilha da sobra de uma economica desigual ?

Para responder a esta questão, encontro um professor em educação da Universidade da Flórida, Kincheloe, mapeando o Pós-Moderno: *"Uma parte central desta ação envolve a redifinição de conhecimento. Existem muitas definições para este processo redifinidor ,mas uma das mais importantes envolve o acesso democrático ao conhecimento nas escolas e na sociedade. Se o conhecimento é uma forma de capital cultural, então a falta de acesso a ele cria os maiores problemas para aqueles que estão nas margens da cultura do conhecimento. Foucault nos convenceu que conhecimento é poder..."* (Kincheloe, 1997:187)

Para aqueles que possam ficar a margem da cultura do conhecimento, Buber propõe a educação como uma arma poderosa que pode devolver ao princípio social a primazia sobre o princípio político. O atual princípio político é um modelo neoliberal, para o qual só existem indivíduos que seguiam pelos critérios da utilidade, da eficácia e da competição.

Neste espaço conturbado, cujas consequências são o individualismo e o egoísmo a virtude da cidadania está desaparecendo. Com o consumismo

desenfreado e o aumento do desemprego, as vítimas da competitividade destroem qualquer forma de solidariedade. É neste momento que as idéias de Buber podem transformar.

A proposta social e política de Buber, amparada em sua filosofia de relação do encontro e do diálogo, como papél da educação, indica uma direção oposta à tendência dominante do neoliberalismo ,isto porque o filósofo acredita na construção de pequenas células comunitárias ( grupos de alunos ) que juntos, através do conhecimento, poderiam desvendar a realidade muitas vezes comufladas.

A medida em que se compreende as origens dos problemas sociais, desempenha-se um importante papél para se movimentar um processo de mudança. Aprender a criticar com fundamentos é o princípio para se enfrentar as dificuldades. É fundamental que o ser humano ( não uso mais o termo indivíduo pois ninguém faz nada sozinho – Eu e Tu ) tome conhecimento dos problemas de sua sociedade para exercer, conscientemente, a construção de sua cidadania.

O próximo texto selecionado é de um garoto muito disperso no início do projeto de pesquisa e que depois de muitas discussões, expôs sua idéia de uma maneira mais elaborada.

### **O que é ser brasileiro**

“ Ser brasileiro hoje é poder ter a alegria de pular o carnaval e muitas outras comemorações mas é também ter vergonha da violência que bate recorde em São Paulo e outros Estados. É saber que muitos prometem e poucos fazem.

Ser brasileiro é presenciar a fome e a seca no Nordeste é tentar ajudar a acabar com a fome, sede, drogas e a violência que existe no Brasil e no mundo. Ter vegonha de ter que trabalhar 65 anos o homem e 60 anos a mulher

para poder receber aquela mixaria de aposentadoria enquanto os deputados federais e senadores só trabalham oito anos e recebem R\$ 8.000,00 por mês, enquanto o pobre trabalha 12 horas por dia para ganhar R\$ 136,00 de salário.”  
(Clayton,17 anos)

O texto de Cleyton Roberto apesar de seus dezesseis anos, já revela uma maturidade crítica que me fez valorizar um aluno tímido e que poucas vezes se pronunciou nos diálogos em sala de aula mas sensível em suas análises. Este é um dos garotos do sorriso maroto, após um ano de convivência na sala de aula, o mesmo que era um “pouco sem juízo”.

Para a avaliação do fenômeno pesquisado, tomando os diálogos expostos e ao se agrupar as falas, observando procedimento do professor, levantei a suspeita de que pouco fiz para despertar o interesse de Robson, que abandonou os estudos, em continuar a estudar. Por outro, um número expressivo de alunos estavam com maior liberdade para escrever devido o aumento do vocabulário, inclusive o grupo do sorriso maroto. Já a postura da professora perdeu algumas oportunidades de aprofundar mais os temas discutidos, apesar de haver discutido temas necessários à vida.

A noção Buberiana de comunidade, construída nesta sala de aula, está intrinsecamente ligada a vivência interior de cada ser que a deseja e se propõe ajudar a constituí-la. Sua constituição é a dinâmica da própria vida que não é rígida e não tem um ponto de partida em conceitos abstratos, mas nasce de uma situação concreta.

Situações concretas como a de homens como Clayton, Gabriel, Jonas e mulheres como Maria Cristina que experienciaram e aspiraram algo totalmente novo no diálogo. Buscam concretizar através do poder criador dos novos pensamentos, uma nova situação de viver em comunidade.

Experienciar o diálogo pode transformar o pensamento destes alunos, oferecendo a cada um deles, um horizonte de possibilidades latentes, dentro da qual se desenvolve a consciência em sua totalidade.

## CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

“ Ame ao próximo com a ti mesmo “  
Jesus Cristo.

Espero ter indicado alguns pontos que revelam a importância de se experienciar o diálogo com os alunos em sala de aula. Tal idéia pode parecer a primeira vista, evidente mas o hábito de refletir sobre esta prática, acarreta mais sustentabilidade ou processo de análise.

Observando ainda minhas reflexões, reforço aqui o pensamento da antropologia de Buberiana, na qual se pode compreender o homem como um ser essencialmente relacional. Deve-se pensar em fundamentar nesta teoria de relações inter-humana, a criação de um intercâmbio social na sala de aula, para despertar o processo de transformação das idéias. Idéias que possam estar em um senso comum para um estágio de idéias mais elaboradas.

Idéias como esta encontrada em relatórios de pesquisa: “ Hoje eu já consigo falar normalmente como qualquer outra pessoa, não tenho mais o medo de falar ou de me expressar “.

Compreender a riqueza deste pensamento não é tarefa simples a considerar que, o aluno aprendeu a se compreender, despertando o auto conhecer-se, isto é um fato. A partir daí, ele pode transformar o seu pensar, um caminho difícil de se acreditar mas não impossível.

É mister, no entanto, que nós educadores tenhamos a audácia, a ousadia de enfrentar o desafio de mudar nossas ações pedagógicas. Paltar esta ação pedagógica no exercício do diálogo autêntico, para ajudar os alunos a

encontrarem um sentido de suas existências. Ou ainda, apenas a aprender a se expressarem sem medo.

Sendo o homem e a mulher seres de natureza relacional, dialógica, eles tendem natural e espontaneamente, formar comunidades a partir mesmo de uma sala de aula. Este fato observei nesta pesquisa.

Para Buber, viver em comunidade é viver em uma estrutura social que livrará homens e mulheres da inclinação ao individualismo e da angústia existencial que dele decorrem, como da tendência ao coletivismo em que a massa despersonaliza o indivíduo.

Acredito que a filosofia da relação do encontro e do diálogo que Buber propõe, pode-se constituir a resposta adequada à maioria dos questionamentos pedagógicos dos professores. Indo mais além, o insight Buberiano a favor de pequenas células comunitárias, (sala da aula) pode ser um elemento chave na direção da construção de um novo modelo social e político que tenha por meta uma sociedade do tipo tu.

Uma sociedade governada não mais pelo princípio da utilidade, da eficácia ou da competição, mas pelo princípio da reciprocidade, da mutualidade, da autenticidade e da totalidade. Sociedade do tipo tu, dirigida pelo princípio social, frearia a competição voraz pela exploração irracional e ilimitada dos recursos do planeta, devolvendo ao homem, a consciência de totalidade e de responsabilidade.

Trabalhando com este grupo de alunos por três anos, pude ver nascer uma comunidade sustentada pelos princípios filosóficos de Buber. Este grupo agindo em solidariedade, mutualidade, formaram uma cooperativa. Nesta cooperativa, as mulheres tornaram-se doceiras e os homens, se agruparam para

cuidar de recolher materiais recicláveis pelo bairro. E todos eles aprenderam a dividir os lucros. Aqueles alunos que no início do projeto se preocupavam em arrumar um emprego, passaram a ter grande ocupação nesta cooperativa. A partir do momento que estes alunos passaram a alto conhecer-se, quer dizer, ser si próprio, quer dizer, ser patrão de si mesmo, ser elemento de ordem, conseguiram distinguir-se dos demais.

E não se pode obter este equilíbrio se não se conhecer também o outro, a sua história, a sucessão de seus esforços que os levaram a ser o que são. O auto conhecimento contribui para a educação ao tornar o indivíduo mais centrado, concentrado e com capacidade de intelectualização mais desenvolvida.

Utopia, irão dizer, mas acreditar em experienciar o diálogo, é transformar idéias em uma sociedade de tu, vale apenas refletir. Concluindo, vem à minha mente, as palavras de Buber que cada homem seja inirente ao destino de alcançar a maneira certa de ser homem, dentro da forma que lhe é peculiar, mesmo sendo inevitável viver sem o isso. Mas viver no nível do isso, é deixar de ser homem.

E será encontrando a verdadeira compreensão do que é essencial da conversação genuína que os professores poderão tornar-se presentes em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

### OBRAS LIDAS E CONSULTADAS PARA A PESQUISA

- ASSMANN, H. Reencantando a educação. Rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo (Trad.Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro) Lisboa: Editora 70, 1991.
- BEISEGEL, C.R. Política Educação Popular. A teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- BERNSTEIN, B. A estruturação do discurso pedagógico, classes, códigos e controle. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- BRANDÃO, C.R. O que é método Paulo Freire. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. Pesquisa participante. São Paulo: Editora Brasiliense S/A, 1982.
- BUBER, M. Eu e tu – Introdução e tradução de Newton Aquiles Von Zuben (2ª Ed.) São Paulo: Editora Moraes, 1997.
- \_\_\_\_\_. Do diálogo e do dialógico ( Coleção Debates ) São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.
- \_\_\_\_\_. Sobre comunidade ( Coleção Debates ) São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- \_\_\_\_\_. O socialismo utópico ( Coleção Debates ) São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.
- CASTORINA, J.A. O debate Piaget – Vigotski. Novas contribuições para o debate. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- CUNHA, D. A .As utopias na educação. Ensaio sobre as propostas de Paulo Freire. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, P. Educação e Atualidade brasileira. Tese de concurso para a cadeira

de História, Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes de Pernambuco.  
Recife, 1959.

FURTER, P. Educação e vida. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. Educação e reflexão. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. Educação permanente e desenvolvimento cultural. Petrópolis:  
Editora Vozes, 1974.

GERALDI, C.M.G. Fiorentini, D., Pereira.M.E.(Orgs.) Cartografia do trabalho  
docente professor (a) pesquisador (a). Campinas: Editora Mercado de  
Letras, 1998.

GIROUX, H.A .Os professores como intelectuais rumo a uma pedagogia crítica.  
( Tradução: João Moraes Barbosa ) Porto Alegre: Editora Artes Médicas,  
1997.

GUSDORF, G. Professores para quê ? Para uma pedagogia da pedagogia.  
São Paulo: Editora Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_, A Fala: Edição Despertar do Porto,1970.

HAGUETT, T.M.F. Metodologias qualitativas na sociologia, Petrópolis:  
Editora Vozes, 1987.

HOFFMANN, J. Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação. Editora  
P.A . Mediação, 1998.

MONDOLFO, R. O pensamento antigo: história da filosofia grego-romana VI  
São Paulo: Editora Mestre Jou.

MORIN, E. Meus demonios. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_. O problema epistemológico da complexidade. Portugal: Editora  
Publicações Europa-América, LDA, 1996.

\_\_\_\_\_. A cabeça bem feita – Repensar a reforma – Reforma o pensamento.  
Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Editora  
Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1995.

MOSCOVICI, S. A máquina de fazer Deus. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1990.

PAIVA, V. Paulo Freire e o nacionalismo desenvolvimentista. Rio de Janeiro: Editora Civilizações Brasileiras, 1986.

PINTO, A .V. Sete lições sobre educação de adultos. São Paulo: Editora Autores Associados, 1991.

\_\_\_\_\_. Ciência e existência. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1969.

REIGOTA, M. Ecologistas. Santa Cruz do Sul: Editora Edunisa, 1999.

\_\_\_\_\_. O que é educação ambiental. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.

\_\_\_\_\_. Meio ambiente e representação social. São Paulo: Editora Cortez, 1994.

SACRISTAN, J.G. e PÉREZ, G.A .I. Compreender e transformar o ensino. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1998.

VIGOTSKYI, L.S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991.

## OBRAS LIDAS SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

- BERGER, M. Educação e dependência. São Paulo: Editora Difel, 1984.
- BICUDO, M.A. V. Alfabetização: significados possíveis. In revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, Grub. V 19, ( 39 ): 73-89, Junho/dezembro, 1997.
- BIONDI, A . Como será o futuro. Educação, São Paulo, n. 232, p.52-53, agosto 2000.
- BOSCHETTI, V.R. Analfabetismo: um problema brasileiro há 500 anos. In Revista de Estudos Universitários. Universidade de Sorocaba. ABRUC. V.26, ( 1 ): 161-170, junho, 2000.
- FREIRE, P. Pedagogia de autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983.
- \_\_\_\_\_. Educação e mudança. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1988.
- \_\_\_\_\_. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Editora Cortez, 1997.
- \_\_\_\_\_. Política e educação. São Paulo: Editora Cortez, 1997.
- GADOTTI, M. Comunicação docente. Prefácio de Georges Gusdorf. São Paulo: Editora Loyola, 1975.
- \_\_\_\_\_. A educação contra a educação. Prefácio de Paulo Freire. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.
- \_\_\_\_\_. Educação e poder. São Paulo: Editora Cortez, 1980.
- \_\_\_\_\_. Concepção dialética da educação. São Paulo: Editora Cortez, 1983.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia: diálogo e conflito. Em co-autoria com Paulo Freire e \_\_\_\_\_.
- \_\_\_\_\_. Convite à leitura de Paulo Freire. São Paulo: Editora Scipione, 1988.

- GARCIA, R.L. (org) Alfabetização dos alunos das classes populares: ainda um desafio. São Paulo: Editora Cortez, 1992.
- HADDAD, S. Conscientização e alfabetização de adultos. In Caderno de Pesquisa Fundação Carlos Chagas, São Paulo ( 52 ) 97-100, fevereiro, 1985.
- KLEIMAN, A . B e SIGNORINI, I. O ensino e a formação do professor: Alfabetização de jovens e adultos. Porto Alegre: Editora Artimed, 2000.
- LEITE.S.A .S. Alfabetização uma proposta para a escola pública. In Caderno de Pesquisa. São Paulo ( 52 ) : 25-33, fevereiro, 1985.
- MATEOS, S.B. Programa usa escola para tirar criança do garimpo. Jornal Estado de São Paulo, São Paulo, 30 abril 2000, caderno A 15.
- MEBIUS, S.M.C.B. Buscando o caminho das pedras...a construção trajetória Profissional de educadores de jovens e adultos na rede municipal de Sorocaba, 1998. Dissertação ( mestrado ) Depto. De Educação, Uniso, 1998.
- MOURA, T.M.M. A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky. EDUFAL, Maceió, 1999.
- NOVOA, C.A .T. A prática educativa de Paulo Freire. São Paulo: Editora Loyola, 1979.
- RIBEIRO, M.L.S. História da educação brasileira: a organização escolar. Campinas: Editora Autores Associados, 1998.
- PAIVA, V.P. Anos 90: as novas tarefas da educação dos adultos na América Latina, In Caderno Pesquisa, São Paulo ( 89 ) 29-38, maio 1994.
- PEREIRA, R.C. Alfabetização de Jovens e Adultos: um estudo etnográfico. In Revista Brasileira RBEP de Estudos Pedagógicos, Brasília V 76 ( 182-183 ) 327-359, janeiro/agosto, 1995.
- RIBEIRO, V.M.M. ( org ) Educação de jovens e adultos: proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental. São Paulo/Brasília: Editora Ação Educativa, 1997.
- ROCCO, G.M.J.I. Educação de adultos: uma contribuição para seus estudos no Brasil. São Paulo: Editora Loyola, 1979.